

ADÃO VOGAL MEDO CRISTINA MUNDO JUSTO
CALEIDOSCÓPIO DE VIDAS CAIXA DE
BRINQUEDOS CINTO ELÁSTICO CRACHÁ PONTOS
ESTRANHOS MOINHOS DE SONHOS BALÃO
PRINCÍPIO O PÁSSARO QUE VOA PRA TRÁS
AFETOS SINCEROS RECEITA
DE MAR GENTE ESTRANHA UMA MENTIRA FIM
OS CATADORES O MENINO DAS CAPAS DE CHUVA
O VELHO ESTIVADOR **A RECEPÇÃO DA
OBRA DE JOÃO ANZANELLO
CARRASCOZA NO CONTEXTO DA
PANDEMIA** CATÁLOGO DE PERDAS AOS 7 E
AOS 40 TRAMAS DE MENINOS ESPINHOS E
ALFINETES MAR POENTE ESPINHOS DOCE DE
LEITE PEDAÇOS PAZ COMEÇO ÚLTIMAS
GRANDES FEITOS LADRÕES DE HISTÓRIAS
LUCIANA FERREIRA LEAL (ORG) PASSEIO
RECOLHIMENTO HERANÇA NOVA CASA A VIDA
NAQUELA HORA DE PAPO COM A NOITE
CHAVE PRENDEDOR DE SONHOS



“Descobri, no fundo pressentia, que as coisas boas, tanto quanto as ruins, estão o tempo todo ao nosso lado, basta estender a mão para apanhá-las.”

(conto Cristina, de João Anzanello Carrascoza)

Como formar leitores? Como assegurar o direito à literatura?

Este livro contribui para responder a essas inquietações. Aqui estão reunidas algumas experiências leitoras: diferentes sujeitos interagindo e se constituindo como leitores a partir das narrativas de Carrascoza. A obra do autor é a mola propulsora para a abertura de um espaço de possibilidades de interação entre leitores, no texto e através dele. Aqui a leitura é tratada como prática social, diferentes práticas de leitura são realizadas nos diferentes espaços sociais nos quais os diferentes indivíduos circulam. Leitores com distintas experiências, de diversos locais se (re)unindo por meio da literatura, constituindo assim uma verdadeira comunidade de leitores. Esses encontros acontecem a partir de situações privilegiadas, previamente planejadas, de leitura em voz alta pelo professor, de leitura colaborativa, de leitura programada e até a proposta de um clube virtual de leitura com sujeitos geograficamente distantes, mas que são unidos pelo texto escrito, mobilizados pelo processo de construção e reconstrução dos sentidos e pela fruição estética das narrativas de Carrascoza. Além disso, o leitor deste livro terá a oportunidade de se aproximar e conhecer ainda mais sobre a produção literária de Carrascoza. Diria Candido (1995), a literatura “humaniza em sentido profundo, porque faz viver”, é isso: este livro tem vida!

Boas leituras,

Carla Tocchet



editora *fi*.org



AFETOS SINCEROS

AFETOS SINCEROS

A RECEPÇÃO DA OBRA DE JOÃO ANZANELLO
CARRASCOZA NO CONTEXTO DA PANDEMIA

Organizadora
Luciana Ferreira Leal



Diagramação: Marcelo Alves

Capa: Gabrielle do Carmo



A Editora Fi segue orientação da política de distribuição e compartilhamento da Creative Commons Atribuição-Compartilhual 4.0 Internacional https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A256 Afetos sinceros: a recepção da obra de João Anzanello Carrascoza no contexto da pandemia [recurso eletrônico] / Luciana Ferreira Leal... [et al.]. –
Cachoeirinha : Fi, 2023.
202p.

ISBN 978-65-85725-22-4

DOI 10.22350/9786585725224

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Literatura brasileira – João Anzanello Carrascoza. I. Leal, Luciana Ferreira.

CDU 82.02/.09(81)

LISTA DE SIGLAS

APCA	Associação Paulista de Críticos de Arte;
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior;
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico;
ECA-USP	Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo;
FA	Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná;
FACCAT	Faculdade de Administração e Ciências Contábeis de Tupã;
FNLIJ	Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil;
PIBEX	Programa Institucional de Bolsas para Extensão Universitária;
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica;
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência;
PIC	Programa de Iniciação Científica Voluntária;
SEED/PR	Secretaria de Estado da Educação e do Esporte do Paraná;
UEL	Universidade Estadual de Londrina;
UNESP	Universidade Estadual Paulista; e
UNESPAR	Universidade Estadual do Paraná.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
UM LIVRO-FLOR <i>João Anzanello Carrascoza</i>	
1	13
A ESTÉTICA LITERÁRIA DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA NOS PROGRAMAS PIBID, PIBIC, PIC E PIBEX (2020 A 2022) <i>Luciana Ferreira Leal</i>	
2	39
A EXPERIÊNCIA DO PIBID NA EDUCAÇÃO BÁSICA COM O LIVRO AQUELA ÁGUA TODA (2012) DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA <i>Maria Aparecida Martins Ernandes Silva</i>	
3	51
CONTOS “VOGAL” E “AQUELA ÁGUA TODA” DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA: AS PRÁTICAS DE LEITURA EM DEBATE <i>Beatriz Ariozi de Souza</i> <i>Lorraine dos Santos de Souza</i> <i>Lucas Mateus de Oliveira Lourenço</i> <i>Maria Jozirene Almeida da Silva</i>	
4	69
UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA BÁSICA DO LETRAMENTO LITERÁRIO: CONTOS “MEDO” E “CRISTINA” DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA <i>Gislaine Soares Santos</i> <i>Isabelly Oliveira Fernandes de Sousa</i> <i>João Pedro Barreto Laurindo</i> <i>Natália Taglianetti Ferreira</i>	
5	85
A FORMAÇÃO DOS LEITORES NO ENSINO FUNDAMENTAL II: CONTO “MUNDO JUSTO” DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA EM DEBATE <i>Lucas Rafael Porfírio da Silva</i> <i>Louise Ribeiro dos Santos</i> <i>Valéria Garcia Frederico</i> <i>Thaís Fernanda de Sousa</i>	

6

105

A OBRA DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA NO ENSINO FUNDAMENTAL II: CALEIDOSCÓPIO DE VIDAS (2019)

Camila Gomes Meurer

7

125

A LITERATURA INFANTOJUVENIL E ADULTA DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA: CAIXA DE BRINQUEDOS (2017) E AQUELA ÁGUA TODA (2012)

Bruna Vechiatto Cardoso

8

139

A LIRICIZAÇÃO EM QUATRO CONTOS DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA

Mariana Clara de Lima da Silva

9

157

O LIRISMO PRESENTE NO CONTO “OS CATADORES”, DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA

Bianca Colombo Zampirolli

10

171

O TRÁGICO COTIDIANO EM CATÁLOGO DE PERDAS (2017) DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA

João Vítor Librenza

11

183

A RECEPÇÃO DAS OBRAS AOS 7 E AOS 40 (2013) E TRAMAS DE MENINOS (2021) NO ÂMBITO DO “CLUBE DE LEITURA VIRTUAL JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA”

Franciele Ruiz Pasquim

Luciana Ferreira Leal

João Pedro Barreto Laurindo

PREFÁCIO

UM LIVRO-FLORE

João Anzanello Carraszoa

A história é conhecida, e seu mote se tornou clássico. Veio do poeta Samuel Taylor Coleridge e Jorge Luis Borges a imortalizou. Mas, como a imaginação é o território da liberdade, há muitas variantes que inserem detalhes em seu enredo – e a elas acrescento o meu ponto, assim: um homem passeia pelo jardim do paraíso e apanha uma flor. De súbito, o alarme do despertador ecoa, e a realidade se impõe, como o sol da manhã. Ele acorda e, claro, sabe que apenas vivenciou um sonho – não fosse a flor que ali flutua num vaso à cabeceira de sua cama.

Ora, se aqui, logo à entrada deste livro, narro o desfecho de tal episódio a meu modo, é porque enseja, metaforicamente, a minha própria história: a de um homem que, desde menino, fez da entrega total à ficção a verdade de sua vida. E, sem que pudesse imaginar em seu sonho de ser escritor, viu se materializar, tantas vezes, diante de seus olhos espantados, uma flor, uma flor real, que irrompeu não do asfalto, como a do poema de Drummond, e, sim, da sensibilidade de seus leitores.

Leitores semióticos, atentos à criação dos mundos possíveis da literatura. Literatura que Antonio Candido definiu como “o sonho acordado da civilização”. Sonho, eu posso completar, no qual a névoa dos devaneios se transmuta em raiz sólida de histórias comoventes.

A mim me emocionou, dois anos atrás, como dádiva inesperada, o momento em que a professora Luciana Ferreira Leal, da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí, me plantou uma alegria ao contar que não só estava estudando minha produção literária, como reuniria um grupo de estudantes, a quem se concederiam bolsas de iniciação científica, para investigar também, por outras angulações, obras de minha autoria.

O microcosmo ficcional gerado por um escritor pode, aos poucos, mas para sempre, se consagrar numa rede de afetos. É o que vejo ao despertar do passado, e, para além do meu espanto, dar com este livro-flor, flutuando sobre a minha mesa, justo quando completo 30 anos de travessia literária. Nele, avultam onze belíssimos capítulos-pétalas. Uma vez folheados, a nossa rede de afetos, incluindo você, leitor, há de se expandir. Tanto quanto já se ampliam as minhas páginas de admiração por Luciana Ferreira Leal e sua iniciativa e pelo empenho dos autores dos textos enfeixados nesta coletânea.

Celebremos pois, agora, a realidade do nosso sonho acordado e os afetos por ele despertos: a generosidade e a gratidão.

1

A ESTÉTICA LITERÁRIA DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA NOS PROGRAMAS PIBID, PIBIC, PIC E PIBEX (2020 A 2022)

Luciana Ferreira Leal ¹

A LITERATURA, O ESCRITOR E SUA OBRA: UMA INTRODUÇÃO

A literatura é algo fundamental para a humanidade. Antonio Candido (1995) coloca a literatura como um direito humano, necessária para a sobrevivência, assim como o próprio alimento, argumentando de que ninguém poderia viver sem ficção. Por sua vez, Umberto Eco (2003, p. 11) observa que “A literatura, contribuindo para formar a língua, cria identidade e comunidade”. Desse modo, compreendo que a literatura é de extrema importância para o desenvolvimento humano integral.

Segundo Candido (1995, p. 180), “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. Ou seja, a literatura não contribui apenas para o desenvolvimento pessoal e individual do ser humano, contribui também para a dimensão coletiva, melhor dizendo, o desenvolvimento da sociedade em que se está inserido e, por consequência, com as relações interpessoais. Ela está presente desde muito cedo na vida de amplos setores da humanidade, quando pensamos nas crianças que têm acesso aos livros e se apropriam

¹ Mestre, doutora e pós-doutora em Letras. Professora de Literatura de Línguas Portuguesa da UNESPAR (Paranavaí), coordenadora de área do PIBID e orientadora do PIC, PIBIC e PIBEX.

de suas leituras e interpretações, em especial pela leitura de livros com qualidade estética.

O autor revela que “A luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura” (CANDIDO, 1995, p. 191). Ressalta ainda que “Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável”. Então, a literatura é defendida aqui como um direito humano, que seja livre de preconceitos e abranja com respeito as diversas culturas.

A literatura, tanto da perspectiva de quem escreve quanto da de quem lê, é uma experiência rica em vida, inteligência e emoções e essencial para o desenvolvimento humano. José Nicolau Gregorin Filho (2012, p. 155) concorda que a literatura “pode oferecer importantes alternativas de superação e resolução de conflitos, fazendo-o por meio da ficção e com diferentes representações estéticas”. Nesse sentido, surge o trabalho desenvolvido com a obra de João Anzanello Carrascoza e o que resulta nesse livro está em consonância com o pensamento desses autores.

João Anzanello Carrascoza nasceu em Cravinhos, São Paulo, no ano de 1962. Graduiu-se em Publicidade e Propaganda pela Escola de Comunicações e Artes; é mestre e doutor em Ciência da Comunicação pela USP e pós-doutor pela UFRJ. É docente da USP e da Escola Superior de Propaganda e Marketing – SP. Descobriu a paixão pela literatura ainda criança, tanto com as histórias que o pai lhe contava quanto nos livros da pequena biblioteca de sua mãe:

Sim, eu observava na pequena estante os livros que minha mãe enfileirava nas prateleiras, depois de sua leitura, e, uma vez, perguntei-lhe o que havia neles, naqueles retângulos de papel que tanto a absorvia, e, quando ela respondeu, “histórias”, o sonho de crescer logo, de ir para escola e aprender a ler, para mergulhar naquelas narrativas, moveu todas as horas da minha vida até os sete anos, quando finalmente passei a ser alfabetizado. (CARRASCOZA, 2022, p. 31)

Ouvi de meu pai, sem que, no entanto, enunciasse um único dizer, histórias e mais histórias, tão mágicas quanto às de Scherezade. (CARRASCOZA, 2022, p. 40)

Carrascoza tem mais de 60 livros publicados, que incluem romances, contos e literatura Infantojuvenil. A produção inicial de João Anzanello Carrascoza foram poemas. As obras infantis *As flores do lado de baixo* e *De papo com a noite* foram publicadas em 1991. Depois, vieram as narrativas adultas e, embora tenha estreado na literatura com as obras infantis, só passou a se dedicar a este gênero mais tarde. Publicou duas coletâneas de poemas em edições independentes. Em entrevista, o escritor considera que o contato inaugural com a poesia acabou por desaguar em sua prosa. Ainda antes de estrear com livros, publicou vários contos curtos para adultos em revistas e suplementos literários.

Em se tratando de obras direcionadas ao público infantojuvenil, Carrascoza publicou: *As flores do lado de baixo* (1991); *De papo com a noite* (1991); *A lua do futuro* (1995); *De lá para cá: zoomágicos* (1997); *O jogo secreto dos alquimistas* (2000); *Quadradinha e redondela* (2002); *Histórias para sonhar acordado* (2002); *Ladrões de histórias* (2003); *Aprendiz de inventor* (2003); *Elas* (2004); *O menino que furou o céu* (2005); *O homem que lia as pessoas* (2007); *Meu avô espanhol* (2008); *Prendedor de sonhos*

(2010); A Terra do lá (2010); A vida naquela hora (2011); Nós 4 (2014); Vendedor de sustos (2014); Parque encantado (2016); Caixa de brinquedos (2017); Vamos acordar o dia: histórias de uma linha só (2018).

No que diz respeito à publicação de romances, elencam-se: Aos 7 e aos 40 (2013), Trilogia do adeus (1. Caderno de um ausente; 2. Menina escrevendo com o pai; 3. A pele da terra) (2017), Elegia de um irmão (2019), O Armazém do sol (2021) e Inventário do azul (2022).

Carrascoza elege o conto como forma privilegiada de expressão. Tanto nas produções adultas quanto nas infantis, o escritor trabalha seus temas por meio de uma perspectiva intimista, definida pela minúcia do enredo e pelo gosto do pormenor. Os livros de contos publicados por esse escritor são: Hotel solidão (1994); O vaso azul (1998); Duas tardes (2002); Meu amigo João (2004); Dias raros (2004); O volume do silêncio (2006); Rascunho de família (2014); Espinhos e alfinetes (2010); Amores mínimos (2011); A vida naquela hora (2011); Aquela água toda (2012); Diário das coincidências (2016); Linha única (2016); Tempo justo (2016); Catálogo de perdas (2017); A estação das pequenas coisas (2017); Caleidoscópio de vidas (2019), Conto de uma só voz (2020), Utensílios-para-a-dor: histórias-com-hifens (2020), Uns e outros (2021), Tramas de meninos (2021), Seleta - um mundo de brevidades (2023), Casa de penhor (2023) e Corpo do tempo: cicatrizes (2023).

Carrascoza recebeu três vezes o prêmio Jabuti, quatro vezes o prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (Hors-Concours em 2020), três vezes o prêmio da Fundação Biblioteca Nacional, bem como o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte, do Instituto Cultural Itaú, da Cátedra Unesco e o Candango. Também

recebeu os prêmios internacionais Radio France (RFI, Paris) e White Ravens (Library Munich, Alemanha). Algumas de suas histórias foram traduzidas para as línguas inglês, francês, italiano, croata, sueco, espanhol, entre outras.

Com uma linguagem fluida e poética, e por meio de experiências subjetivas e intimistas, a prosa de Carrascoza possibilita a caminhada do leitor para o interior de sua própria existência e olhar atento para questões esquecidas. A prosa de João Anzanello Carrascoza é intimista, em que as situações são ordinárias e familiares e as relações humanas são momentos de construção de aprendizados, de beleza e de lirismo para o leitor.

Desde o final de 2019, as obras de João Anzanello Carrascoza fazem parte dos meus estudos e das minhas pesquisas como docente na Universidade Estadual do Paraná. Esse livro trata dessa experiência de trabalho, que articula o ensino, a pesquisa, a extensão, com a participação dos acadêmicos de Letras da Unespar de Paranavaí e de duas professoras: Maria Aparecida Martins Ernandes Silva e Franciele Ruiz Pasquim, a primeira é parceira do PIBID e a segunda do PIBEX.

AQUELA ÁGUA TODA (2012), DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA, NO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID – 2020-2022)

O PIBID oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos de licenciatura presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas. O objetivo é antecipar e fortalecer o vínculo entre os futuros professores e as salas de aula da rede pública. Na UNESPAR de

Paranavaí, o subprojeto de Letras foi composto por 13 graduandos, sendo 11 bolsistas e 2 voluntários, pela supervisora – que é a professora regente das turmas dos sextos anos do Ensino Fundamental e por mim, coordenadora local e orientadora do projeto aqui descrito.

Como coordenadora do subprojeto do PIBID de Letras, cujo objetivo é a proposição e execução de práticas de leitura nas salas dos sextos anos, iniciei buscando referenciais teóricos sobre práticas de leitura com o intuito de contribuir com a formação de leitores do Ensino Fundamental II, e formação de futuros professores, alunos do PIBID, tanto no que diz respeito à literatura infantojuvenil quanto no que diz respeito às práticas de leitura.

Eu sabia que trabalhar com práticas de leitura durante a pandemia seria desafiador, mas muito importante. Por esse motivo, desde o início trabalhei para que as práticas de leitura e literatura se consolidassem, mesmo durante o distanciamento social, exigido pelos protocolos sanitários. Em um país onde a pandemia evidencia e aprofunda desigualdades sociais, esse trabalho contribui para assegurar o direito à literatura.

A oportunidade de ler representa um papel decisivo para despertar o gosto pela leitura. Por esse motivo, o trabalho desenvolvido visou garantir aos alunos participantes, situações de aprendizagem voltadas para o caráter libertador do ato de ler, considerado nas práticas, nas mediações e nos textos escolhidos.

Aquela água toda, de João Anzanello Carrascoza, é uma obra de contos publicada em 2012, pela Cosac Naify, e em 2018, pela Alfaguara. No conto homônimo à obra, um simples domingo de verão na praia se

transforma em um exemplo singelo de rara beleza. Em “Passeio”, a expectativa por um fim de semana diferente leva toda a família a um estado de frenesi e ansiedade. O conto “Cristina” revela o primeiro beijo em um momento tão especial que é a juventude. Mas as recordações também são dolorosas, como a cobrança do aluguel atrasado, no conto “Paz”, que impulsiona um jovem a se preocupar com a mãe.

Em comum, essas onze histórias de Carraschoza reúnem relatos de algumas primeiras experiências ou vivências marcantes: o primeiro amor, a primeira decepção com um amigo, o encontro com o mar, a mudança de casa. Ambientadas quase sempre dentro do núcleo familiar, envolvem a delicada e inquieta convivência entre a família: pais, mães, filhos e tios, suas revelações, conquistas, medos, insatisfações e descobertas.

Foram escolhidos cinco contos para o desenvolvimento do projeto com estudantes dos sextos anos do Ensino Fundamental: “Vogal”, “Aquela Água toda”, “Mundo Justo”, “Medo” e “Cristina”. Em se tratando da organização das práticas de leitura dos contos do livro *Aquela água toda* (2012), considero que o conto “Vogal” foi lido em voz alta para os alunos dos sextos anos; os contos “Aquela água toda” e “Mundo justo” foram lidos, por meio da leitura de forma compartilhada e ou colaborativa, de modo que todos tivessem acesso ao texto e de que fossem realizadas pausas para questionamentos sobre os entendimentos. Já os contos “Medo” e “Cristina” foram lidos individualmente pelos alunos, fora da sala de aula.

O foco principal desse trabalho foi despertar o gosto pela leitura do texto literário e o senso crítico dos alunos do sexto ano do Ensino

Fundamental do Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha. Por meio do Projeto “Práticas de leitura e a formação do leitor literário” foi realizada uma sequência de atividades baseada nas práticas de leitura e na sequência básica de Rildo Cosson, que consiste na motivação, introdução, leitura e interpretação. Em fevereiro de 2021, a sequência de atividades foi elaborada e aplicada nos meses de março, abril e maio. Antes de serem aplicadas na escola, todas as práticas foram tematizadas primeiro no grupo de licenciandos, e somente após orientações e definições chegaram para as três turmas do sexto ano.

Todas as práticas realizadas aconteceram remotamente, de forma síncrona, pelo Google Meet², nas aulas de Língua Portuguesa das três turmas do sexto ano³. Na primeira aula, os pibidianos entraram apenas para se apresentar aos alunos e para anunciar os principais aspectos do projeto que seria desenvolvido. Os 13 pibidianos foram divididos em 3 grupos e cada grupo atuou com uma turma de sexto ano, de modo que não houve alteração desse grupo nem da sala em que atuaram durante todo o desenvolvimento do projeto.

Todas as atividades de prática foram gravadas e acompanhadas pela professora regente. As gravações foram assistidas por mim, responsável pela formação dos pibidianos e pela elaboração do projeto. As práticas de

² Em decorrência da Pandemia de Covid 19, as aulas presenciais foram suspensas em março de 2020 na rede do sistema Estadual do Paraná.

³ Na turma do 6º. A, havia 25 alunos matriculados e 20 participaram das *meets*; na turma do 6º. B, havia 25 alunos matriculados e 16 participaram das *meets* e na do 6º. C havia 25 alunos matriculados e 19 participaram das *meets*. Os demais alunos, por falta de acesso à internet ou equipamentos, buscavam as atividades impressas na escola. Como as atividades impressas vinham direto da Secretaria do Estado da Educação, não foi possível incluir os textos literários lidos nas práticas para esses alunos.

leitura com esse livro estão detalhadas nos capítulos II, III, IV e V, que pormenorizarão essa experiência com a obra em sala de aula.

Repleto de lirismo, *Aquela água toda* (2012) é um dos principais exemplos da força emotiva da prosa de João Anzanello Carrascoza. Esse livro mostra ao leitor que o corriqueiro está repleto de significados e que um acontecimento aparentemente trivial marca uma passagem na vida de quem o protagoniza. Assim é em “Vogal”, com a descoberta da humanidade e a morte da tia; em “Aquela água toda”, na relação enigmática entre menino e mar e o medo de separar-se dos pais; em “Medo”, com o aterramento desde que o menino se percebe só no mundo; e em “Cristina”, com a descoberta do primeiro amor. A prosa de Carrascoza está atravessada por elementos poéticos.

A obra de Carrascoza não tem um final fechado, e, portanto, instiga o leitor a indagá-la em relação a vários aspectos, tais como relações humanas, fluidez do tempo, impermanência da vida. Umberto Eco (1972) defende que os processos de leitura e interpretação não podem pressupor uma análise pré-definida e estruturada do texto. Do contrário, devem propiciar uma profunda liberdade por parte do leitor, que é também receptor, tornando-se tarefa sua extrair do texto uma análise pessoal.

Ressalto que na organização e preparação do trabalho com as práticas de leitura, cada grupo dividia o trabalho entre os respectivos participantes, de modo que todos os pibidianos do grupo tivessem atuação em todas as aulas. Ressalto também que o trabalho só foi eficaz porque teve o comprometimento de todos os envolvidos, ou seja, dos

pibidianos, da professora regente e da professora orientadora, coordenadora do subprojeto de Letras.

Conforme mencionado acima, os capítulos II, III, IV e V são frutos da experiência do Pibid. Denominado “A experiência do Pibid na Educação básica com o livro *Aquela Água toda* (2012) de João Anzanello Carrascoza” foi escrito por Maria Aparecida Martins Ernandes Silva, professora da Educação básica e supervisora do Pibid. O capítulo intitulado “Contos ‘Vogal’ e ‘Aquela água toda’ de João Anzanello Carrascoza: as práticas de leitura em debate” foi desenvolvido pelos acadêmicos participantes do Pibid Beatriz Ariozi de Souza, Lucas Mateus de Oliveira Lourenço, Maria Jozirene Almeida da Silva e Lorraine dos Santos de Souza. Já o capítulo IV, nomeado “Uma proposta de sequência básica do letramento literário com os contos ‘Medo’ e ‘Cristina’ de João Anzanello Carrascoza”, foi elaborado pelos acadêmicos Natália Taglianetti Ferreira, Isabelly Oliveira Fernandes de Sousa, João Pedro Laurindo e Gislaíne Soares Santos, e o capítulo V, denominado “A formação dos leitores no Ensino Fundamental II: conto ‘Mundo Justo’ de João Anzanello Carrascoza”, foi escrito por Louise Ribeiro dos Santos, Valéria Garcia Frederico, Lucas Rafael Porfírio da Silva e Thaís Fernanda de Sousa. Todos eles tratam de práticas desenvolvidas no PIBID de 2020 a 2022.

AS OBRAS DE CARRASCOZA NO PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (PIC E PIBIC- 2020-2022)

O PIC - Programa de Iniciação Científica voluntária e o PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica visam

incentivar a participação de estudantes dos cursos de Graduação em projetos de pesquisa de iniciação científica, desenvolvendo em estudantes de Ensino Superior o pensamento e o envolvimento com práticas científicas, artísticas e culturais e incentivando a maior articulação entre pesquisador e estudantes de graduação em atividades relacionadas a essas práticas científicas, artísticas e culturais. Ademais, esses programas contribuem para a formação mais ampla de pesquisadores e possibilitam a interação entre Educação Básica, Graduação e Pós-Graduação, qualificando estudantes para os Programas de Pós-Graduação e promovendo a disseminação e divulgação dos resultados da pesquisa desenvolvida.

Os projetos de iniciação científica desenvolvidos em 2020, 2021 e 2022 tiveram como objetivo analisar as semelhanças e dessemelhanças, a articulação, o diálogo, a ideologia e o projeto retórico persuasivo nas construções narrativas e temáticas destinadas aos diferentes públicos. Além disso, analisaram os aspectos líricos na prosa de João Anzanello Carrascoza, assim como a recepção da sua obra na Educação básica. Foi analisado em que medida a narrativa de Carrascoza, mostrando-se vulnerável à incursão da lírica, torna-se um texto híbrido, portanto, de difícil classificação tanto no que diz respeito a público alvo quanto no que diz respeito ao gênero. Para tanto, foquei o estudo nos elementos da narrativa, tais como narrador, personagens, espaço, tempo, linguagem e temática. Dessa forma, tive como foco analisar, nas obras de Carrascoza, se há uma poética da literatura destinada aos públicos infantil e juvenil diferentemente da poética da literatura destinada ao público adulto. Era objetivo também analisar a qualidade lírica nas

narrativas de Carrascoza e verificar de que modo o narrativo alcança o lírico, permitindo ou não que se fale em narrativa poética ou narrativa lírica, como uma espécie de variante específica desse tipo de texto. O desenvolvimento dessas pesquisas ocorreu mediante pesquisa bibliográfica, documental e de campo. A fim de levar a cabo os objetivos que foram propostos, comecei pela releitura das obras de João Anzanello Carrascoza: *De papo com a noite* (1992), *A vida naquela hora* (2011), *Prendedor de sonhos* (2010), *Caixa de brinquedos* (2017), *Espinhos e alfinetes* (2010), *Caleidoscópio de vidas* (2019) e *Catálogos de perdas* (2017).

No livro *De papo com a noite* (1992), Carrascoza retrata uma personagem que, depois de fazer muita traquinagem durante o dia, não consegue dormir e sonha acordada enquanto o sono não vem. Um livro encantado e de encantamento que possibilita à criança a imaginação e a fantasia. *A vida naquela hora* (2011) reúne contos delicados que tratam de experiências, descobertas e aprendizados do ser humano. Em histórias suaves e poéticas, o autor espelha as transformações íntimas de cada personagem. Nos contos de Carrascoza, a passagem da infância para a adolescência se dá de maneira abrupta e intensa, por meio de descobertas e segredos guardados por cada personagem que experiencia as suas respectivas transformações. O livro *Prendedor de sonhos* (2010) retrata a história de Zelito Traquitana, único inventor daquela cidadezinha. A história de Zelito Traquitana denota, poeticamente, que sonhar é importante. No livro *Caixa de brinquedos* (2017), com um olhar poético, a infância é contada e o autor mostra a capacidade imaginativa das crianças na superação dos seus problemas vivenciados.

Espinhos e alfinetes (2010), quinto livro de contos de João Carrascoza, tematiza o adeus. Em uma simples despedida, ou em uma perda incomensurável, as personagens vivenciam a amarga experiência da ausência e da saudade. Em *Caleidoscópio de vidas* (2019), três histórias se relacionam por laços afetivos e pela paisagem bela e ao mesmo tempo triste do Rio de Janeiro. De maneira delicada e poética, o autor apresenta ao leitor o olhar de três gerações sobre as adversidades e os encantamentos de uma vida comum. Os caminhos diferentes, unidos pela fé e esperança, remetem à paisagem do Rio de Janeiro e seus elementos desiguais. O conteúdo do livro é enriquecido, o leitor tem acesso a um desenho que dá vida aos elementos da capa. Uma espécie de colagem, construída com recortes de papel e outros elementos, cria um cenário lúdico, relacionando as três histórias que se desenvolvem em tempos diferentes, como um caleidoscópio, e *Catálogos de perdas* (2017), que se inspira no acervo do Museum of Broken Relationships (Zagreb, Croácia), e reúne, em exposições temporárias, relatos e objetos enviados por pessoas do mundo inteiro, que representam perdas, tristezas e dores inconsoláveis. Esse livro apresenta narrativas diversas de perdas escritas por João Anzanello Carrascoza e fotografadas por Juliana Monteiro. O texto e as fotografias metaforicamente sangram e, por isso mesmo, sensibilizam o leitor. Em cada página, em ordem alfabética, o leitor é duplamente envolvido pelo conto e pela arte visual, a ficção e a fotografia e, ao mesmo tempo, pelas suas perdas definitivas, as que já teve e as que ainda terá.

Ao fazer as considerações teóricas relativas às literaturas infantil, juvenil e adulta, investiguei a teoria da literatura, a leitura de crianças

e jovens e a construção do infantil e juvenil na literatura brasileira. O ponto de apoio teórico, para realce de elementos mencionados, foram as considerações de Peter Hunt, Marisa Lajolo, Regina Zilberman e Michèle Petit.

Peter Hunt, em *Crítica, teoria e literatura infantil* (2010), discute a situação da crítica literária especializada nos livros para criança, definindo os campos de atuação da crítica, da literatura e do conceito de criança. Michèle Petit, em *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva* (2008), focaliza as relações entre os jovens e o livro no mundo globalizado, apostando no papel fundamental que a leitura pode representar para a construção e reconstrução do sujeito, particularmente em contextos de crise e de intensa violência social. Marisa Lajolo e Regina Zilberman, em *Literatura infantil brasileira: história & histórias* (1984), discutem que a literatura infantil brasileira, ainda que relativamente nova, atinge hoje um estágio de maturidade, resultante da criação e dos estudos teóricos e críticos de que vem sendo objeto.

Elementos como recursos da narrativa (tempo, espaço, linguagem, narrador e temática), projeto retórico e ideologias presentes nas obras de João Anzanello Carrascoza foram desdobrados. Busquei apoio teórico em Antoine Compagnon, Anatol Rosenfeld, Benedito Nunes, Luis Santos Alberto Brandão, Antonio Candido e Roland Barthes.

Antoine Compagnon, em *O demônio da teoria: literatura e senso comum* (1999), aborda sete conceitos literários: literatura, autor, mundo, leitura, estilo, história literária e valor. Anatol Rosenfeld, em *Reflexões sobre o romance moderno* (1996), salienta que a obra literária propõe um jogo de reflexões, uma espécie de diálogo lúdico com o leitor,

tendo em vista diversas hipóteses fecundadas. Em *O tempo da narrativa* (1988), Benedito Nunes analisa que a literatura é uma arte predominantemente temporal. Pelo menos, dois tempos estão interligados na obra literária, uma vez que a narrativa possui três planos; o da história, do ponto de vista do conteúdo, o do discurso, do ponto de vista da forma de expressão, e o da narração, do ponto de vista do ato de narrar. Luis Alberto Brandão Santos e Silvana Pessoa de Oliveira, em *Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura* (2001), apresentam uma abordagem introdutória e reflexiva acerca das teorias dos textos narrativos, apresentando os elementos que constroem a narrativa em suas diversas formas de percepção e influência, indo desde o autor até o leitor. Antonio Candido, em *A Literatura e a formação do homem* (1972), discorre acerca das funções que a literatura pode desempenhar na formação do homem. Em *O prazer do texto* (1973), Roland Barthes trata da apreensão imediata e sensível das coisas, distanciando-se das doutrinas e das linguagens estabelecidas pela ideologia, o que deixa subentendida sua atividade intelectual.

Considero aqui que muitos são os constituintes do texto poético e que é admissível unir a prosa e a poesia em um mesmo texto. É isso que esse estudo tentou mostrar. A prosa poética do escritor João Anzanello Carrascoza tem como estrutura o texto em prosa, e nela o leitor se depara com lindos momentos poéticos expressos, sobretudo, por meio das metáforas e da construção irreverente do texto.

Ao fazer as considerações teóricas relativas à poeticidade da linguagem de Carrascoza, investigou-se de que forma a narrativa de Carrascoza assume, em algumas de suas modalidades, a sua condição de

texto poético sem abdicar do seu estatuto de texto do modo narrativo. O ponto de apoio teórico, para realce de elementos mencionados, foram as considerações de Massaud Moisés, Octavio Paz, Donaldo Schüler, Cassiano Ricardo e Salvatore D'Onófrío.

Massaud Moisés, em *A Criação Literária: poesia* (1997), acredita que a oposição entre verso e prosa oculta o problema mais profundo da especificidade e das tensas relações entre poesia e prosa. Enquanto forma, a distinção tipográfica entre o verso e a prosa, a mancha do texto na página, diferenciam os dois, no entanto, verso e prosa são os instrumentos, os meios, e os modos que o escritor utiliza para fazer Literatura. Massaud Moisés considera prosa e poesia como gêneros literários.

Massaud Moisés, em *A Criação Literária: prosa II* (1998), considera que: “[...] como a prosa literária é posterior à poesia, foi pela transferência de predicados desta última que a outra se constituiu.” (p. 21).

No ensaio “Verso e prosa”, Octavio Paz diferencia prosa e poesia, considerando que a linguagem resulta do ritmo, nesse sentido, “todas as expressões verbais são ritmos, sem exclusão das formas mais abstratas ou didáticas da prosa. [...] O ritmo se dá espontaneamente em toda a forma verbal, mas só no poema se manifesta plenamente” (PAZ, 2012, p. 11). Nessa concepção, o ritmo seria fundamental, no sentido de inerente, para o poema, porém não para a prosa.

Donaldo Schüler, no capítulo “O romance como poesia”, do livro *Teoria do Romance* (1989, p. 12), considera que “[...] romance é poesia. Empregamos poesia aqui em sentido amplo, poesia como arte literária.” Na sequência, fazendo referência à *Iracema*, de José de Alencar, declara:

“Os limites que teoricamente traçamos entre prosa e poesia são, de muitas maneiras, transgredidos pelos romancistas desde os primeiros momentos do romance brasileiro.” (SCHÜLER, 1989, p.13). O trabalho com a linguagem, o ritmo, a imagem, as figuras de linguagem e a pontuação são exemplos dessas muitas maneiras. Nesse sentido, segundo Schüler, a obra romanesca torna-se “espaço de experimentação, de configurações variadas, de recursos múltiplos, que substituem a unidade do enunciador pela pluralidade dos enunciados.” (SCHÜLER, 1989, p. 19).

O escritor Cassiano Ricardo, em 1959, publica o texto “A poesia na técnica do romance”, em que analisa as obras de Machado de Assis e de Marcel Proust, explorando a “via poética de acesso” de que fala Cortázar e a forma com que Machado utiliza a poesia para estruturar seus contos e romances. Ao enfatizar a origem poética do romance europeu, o escritor considera: “No Brasil, todos o sabemos, o romance já nasceu lírico.” (RICARDO, 1959, p. 265). O escritor cita os escritores românticos e o lirismo de *Iracema* e acredita que foi Raul Pompéia, “[...] o nosso primeiro exemplo de lirismo conscientemente adotado na técnica da expressão romanesca.” (RICARDO, 1959, p. 266). No entanto, para Cassiano Ricardo, o lirismo de Machado de Assis é mais complexo.

Por fim, ainda para discutir acerca da poesia e prosa literária, considero que a delimitação entre prosa e poesia é bem fluida e que há formas intermediárias, denominadas poemas em prosa ou prosas poéticas.

Como descrito até o momento, tanto a prosa faz uso dos aspectos da poesia, quanto a poesia faz uso dos elementos da prosa e ambas

compartilham características comuns. Trata-se da fusão. Ao discutir sobre os tipos literários poesia e prosa, é possível perceber que ambos se entrelaçam, tornando um misto que se pode denominar de prosas poéticas, apesar de também se diferenciarem entre si em vários aspectos.

Os capítulos sexto a décimo desse livro, escritos por ex-orientandos da iniciação científica, pormenorizam aspectos da pesquisa descrita acima. O capítulo sexto, intitulado “A obra de João Anzanello Carrascoza no Ensino Fundamental II: Caleidoscópio de vidas (2019)”, foi escrito pela acadêmica Camila Gomes Meurer; já o capítulo sétimo, denominado “A Literatura Infantojuvenil e adulta de João Anzanello Carrascoza: *Caixa de brinquedos* (2017) e *Aquela água toda* (2012)”, é de autoria da acadêmica egressa Bruna Vechiatto Cardoso. Nominado “A liricização em quatro contos de João Anzanello Carrascoza”, o capítulo oitavo foi produzido pela acadêmica egressa Mariana Clara de Lima da Silva, e o capítulo nono, intitulado “O lirismo presente no conto ‘Os catadores’, de João Anzanello Carrascoza” pela ex-orientanda Bianca Colombo Zampirulli. Nomeia-se “O trágico cotidiano em *Catálogo de perdas* (2017) de João Anzanello Carrascoza”, o décimo capítulo, escrito pelo acadêmico João Vítor Librenza.

Com o objetivo de contribuir para os estudos de literatura brasileira contemporânea, estudando a obra de João Anzanello Carrascoza e analisando as semelhanças e dessemelhanças, a articulação, o diálogo e o projeto retórico persuasivo nas construções narrativas e temáticas destinadas aos diferentes públicos, concluímos, a partir das análises realizadas, que a poética da literatura de Carrascoza não tem uma intencionalidade de público, de ser lida ou

rotulada como específica de um determinado público. Leitores infantis, juvenis e adultos podem encontrar na escrita desse autor universos semelhantes aos seus, e por meio dessa leitura, refletir sobre suas vidas. Dessa forma, apesar das questionáveis classificações, as obras de Carrascoza podem ser lidas por diversos públicos.

Portanto, não é tanto pelo caráter interno do livro infantil, mas pela sua circulação, pela sua dependência histórica com as instituições de ensino, que, inclusive, influenciam o caráter pedagogizante de algumas dessas histórias; o que acaba por diferenciar a literatura infantil da literatura não infantil. Essas obras de Carrascoza, sejam as categorizadas como literatura infantil e juvenil sejam as mais orientadas para o público adulto, apresentam semelhanças em sua poética literária que coloca essa literatura infantil e juvenil no mesmo patamar artístico da literatura não infantil.

Buscamos analisar a qualidade lírica na narrativa *Caleidoscópio de Vidas* (2019) de João Anzanello Carrascoza e em alguns contos do livro *Espinhos e alfinetes* (2010) e verificar de que modo o narrativo alcança o lírico, permitindo que falemos em narrativa poética ou narrativa lírica, como uma espécie de variante específica desse tipo textual.

Consideramos que muitos são os constituintes do texto poético e que é admissível unir a prosa e a poesia em um mesmo texto. Isso é o que os capítulos oitavo e nono tentaram demonstrar. A prosa poética do escritor João Anzanello Carrascoza tem como estrutura o texto em prosa e nela o leitor se depara com lindos momentos poéticos expressos, sobretudo, por meio das metáforas e da construção irreverente do texto.

Dessa perspectiva, examinamos, de modo aberto, ou seja, não conclusivo, duas obras de Carrascoza, respeitando os caminhos que o narrador abre para focalizá-lo, em sua relação de concordância ou discordância, com a concepção lírica e narrativa. Portanto, analisamos, na abordagem dos textos de Carrascoza, para além da questão dos elementos da narrativa e do hibridismo de tipos textuais, as implicações contextuais, as poéticas e as ideologias, a força da linguagem, que gera e faz permanecer o literário. Nesse sentido, ressaltamos, por fim, que Carrascoza, autor de texto em prosa, busca na poesia a desarticulação e abala as certezas que carregamos quando nos atemos apenas às regras textuais.

AOS 7 E AOS 40 (2013) E *TRAMAS DE MENINOS* (2021) NO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE EXTENSÃO (PIBEX)

O Programa Institucional de Bolsas para Extensão Universitária (PIBEX) é um programa contínuo de fomento à participação dos estudantes em Projetos de Extensão, que é uma ação processual e contínua de caráter educativo, social e cultural, científico ou tecnológico, com objetivo específico e prazo determinado. A construção de projetos tem o propósito de integrar de forma social e dialógica a tríade ensino/pesquisa/extensão, potencializada pela construção das parcerias externas.

Tendo em vista a pouca motivação dos alunos quanto à leitura em diferentes níveis do ensino, propus em 2021 a criação do Clube de Leitura Virtual “João Anzanello Carrascoza”, ou seja, a criação de um espaço de formação de leitores em nível de Graduação e demais

interessados nessa proposta, a fim de proporcionar leituras literárias de diferentes gêneros, escritores e nacionalidades. O Clube de Leitura Virtual “João Anzanello Carraschoza” objetiva promover a popularização do acesso e a experiência da leitura, contribuindo, assim, para a formação de um público leitor crítico e criativo, bem como incentivar o debate, a interação e a socialização do conhecimento entre os participantes por meio de debates sobre a leitura de obras literárias. O público-alvo é composto por alunos e ex-alunos de Graduação e de Pós-Graduação, em especial dos cursos de Letras da UNESPAR e Pedagogia da FACCAT, estendendo-se, também, a toda comunidade externa. Espero criar espaços de compartilhamento de conhecimentos e interpretações, formar mediadores de leitura, e ampliar o tempo de leitura e o repertório dos participantes, além incentivar o desenvolvimento do prazer pela experiência da leitura.

Os clubes de leitura estão afinados com os ideais de popularização de conhecimento, promovendo debates coletivos que oferecem aos leitores a oportunidade de compartilhar ideias, interpretações e informações. Este ambiente de socialização e interação com as opiniões dos outros é cada vez mais valorizado por pessoas de todas as idades que buscam uma experiência estética transformadora. Além disso, a leitura regular e o encontro com outros leitores incentivam a reinterpretção das atividades diárias e promovem o desenvolvimento do protagonismo e da autonomia dos participantes.

Se a literatura desenvolve em nós uma cota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante,

[...] só numa sociedade igualitária os produtos literários poderão circular sem barreiras, e neste domínio a situação é particularmente dramática em países como o Brasil, onde a maioria da população é analfabeta, ou quase, e vive em condições que não permitem a margem de lazer indispensável à leitura. Por isso, numa sociedade estratificada deste tipo a fruição da literatura se estratifica de maneira abrupta e alienante. (CANDIDO, 1995, p. 186-187).

Se em apenas uma sociedade igualitária a literatura pode ser acessada sem obstáculos e se no nosso país o acesso à literatura é limitado, a proposição do Clube de leitura é bem importante em sociedade estratificada como a nossa.

Duas obras de João Anzanello Carrascoza foram propostas para a leitura na primeira edição do Clube: *Aos 7 e aos 40* (2013) e *Tramas de meninos* (2021).

Na narrativa *Aos 7 e aos 40* (2013), primeiro romance do autor, os capítulos são curtos e alternam a voz de dois narradores, um em primeira pessoa, com o texto situado na metade superior da página, quando aos 7 anos de idade, e outro em terceira pessoa, texto na metade inferior da página, aos 40. As duas vozes narrativas fazem referência aos dois momentos distintos na vida do protagonista que dão nome ao romance. As histórias de criança são uma base para as histórias adultas, como se fossem dois lados. Despretensioso, Carrascoza mostra a saudade das alegrias pequenas e simples de serem conquistadas.

Tramas de meninos (2021) é composto por 14 contos que proporcionam ao leitor vivências amorosas e significativas. O primeiro conto do livro intitula-se "Começo", e narra a história de um pai que sente a tristeza da despedida. Já o conto final, "Últimas", há um pai que

espera seu filho, que percorre a estrada para encontrá-lo, depois de tanto tempo sem se verem. Mas há interrupções no caminho, há imprevistos, e, assim como o pai, nós leitores nos angustiamos com sua demora, ansiamos pela sua chegada, quando finalmente o filho estará seguro. Mas entre o conto inicial e o final há tramas que envolvem marido e mulher, casais apaixonados, irmãos. Há também a tragédia e há a redenção.

O último capítulo, intitulado “A recepção das obras *Aos 7 e aos 40* (2013) e *Tramas de meninos* (2021) no âmbito do ‘Clube de Leitura Virtual João Anzanello Carrascoza’” escrito por mim, pela professora Franciele Ruiz Pasquim e pelo orientando do Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX), João Pedro Barreto Laurindo, trata da recepção de dois livros de Carrascoza por leitores de diferentes perfis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a Literatura de João Anzanello Carrascoza é muito importante. Além de reflexiva, ela desperta o leitor para o seu cotidiano e para a importância da família, e das relações que nela se estabelecem, como, por exemplo, a ausência presentificada nas lembranças.

A literatura de João Anzanello Carrascoza possui diversidade e vitalidade. Sua linguagem é expansiva e visionária. Esse escritor oportuniza aos seus leitores a possibilidade de expansão das ideias. Todos os seus livros são compostos por *textos* grandiosos em qualidade estética, que propiciam condições para o crescimento do leitor. Os textos são abertos e, por esse motivo, confrontam, muito mais do que confirmam.

Acredito que poucos escritores, em qualquer área da ficção brasileira hoje, façam uso da língua com mais vivacidade, leveza e criatividade, tenham maior inventividade verbal, quando se trata de descrever situações e sensações cotidianas. João Anzanello Carrascoza é um talento digno de nota, independentemente de seu público leitor ser infantil, juvenil ou adulto.

Mario Vargas Llosa, em 2012, no livro *A tentação do impossível: Victor Hugo e Os miseráveis*, considera que o abismo entre o que somos e o que desejamos precisa ser ocupado de alguma forma; por isso e para isso existem as ficções. Considero que é também por essa razão que existe a obra de Carrascoza. Seus livros são lindos, poéticos e emocionantes. Ler a obra de João Anzanello Carrascoza é ler livros artísticos, em que o caráter estético atinge picos marcantes e nos faz viver o impossível, preenche o nosso abismo, possibilitando a incorporação do impossível ao possível.

Por esses e outros motivos, a publicação desse livro, resultante de atividades pautadas pela práxis, envolvendo ensino, pesquisa e extensão, realizadas com a obra desse escritor é, para além de um objetivo idealizado na academia, um sonho tornado realidade, compartilhado com diversos setores da sociedade.

REFERÊNCIAS

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. **Teoria da literatura**. 8. ed. Coimbra: Almedina, 1988.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 51-80.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Ciência e cultura**, São Paulo. v. 9, n. 24, p. 803-809, set. 1972.

CANDIDO, Antonio. “O direito à Literatura”. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CARRASCOZA, João Anzanello. A leitura do outro na escrita de si. In: **Leitores & leituras: trajetos e trajetórias**. LEAL, Luciana Ferreira; SILVA, Cláudio Rodrigues da (Orgs.). Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

CARRASCOZA, João Anzanello. **Tramas de meninos**. Rio de Janeiro. Alfaguara, 2021.

CARRASCOZA, João Anzanello. **Utensílios-para-a-dor: histórias-com-hifens**. São Paulo: Faria e Silva, 2020.

CARRASCOZA, João Anzanello. **Caleidoscópio de vidas**. São Paulo: FTD, 2019.

CARRASCOZA, João Anzanello. **Catálogo de perdas**. São Paulo: SESI-SP editora, 2017.

CARRASCOZA, João Anzanello. **Aos 7 e aos 40**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

CARRASCOZA, João Anzanello. **Espinhos e alfinetes**. São Paulo: Record, 2010.

CARRASCOZA, João Anzanello. **Aquela água toda**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

CARRASCOZA, João Anzanello. **Prendedor de sonhos**. São Paulo: Scipione, 2010.

CARRASCOZA, João Anzanello. **Caixa de brinquedos**. São Paulo: SM, 2017.

CARRASCOZA, João Anzanello. **De papo com a noite**. São Paulo, Scipione, 1991.

CARRASCOZA, João Anzanello. **A vida naquela hora**. São Paulo: Scipione, 2011.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**. Literatura e senso comum. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

D’ONOFRIO, Salvatore. Estrutura do texto literário. In: **Teoria do texto: Prolegômenos e teoria da narrativa**. 2.ed. São Paulo: Ática, 2004.

FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance**. 4. ed. São Paulo: Globo, 2005.

GENETTE, Gérard. **O discurso da narrativa**. Trad. Fernando Cabral Martins. 3ª ed. Lisboa: Veja, 1995.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura Infantil**. Trad. de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. São Paulo: Ática, 1984.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática, 1985.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: poesia**. 13.ed. rev. São Paulo: Cultrix, 1997.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: prosa II**. 16.ed. rev. e atual. São Paulo: Cultrix, 1998.

NUNES, Benedito. A desenvoltura temporal do romance. In: **O tempo na narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

PAZ, Octavio. “Verso e prosa”. In: PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2012.

RICARDO, Cassiano. A poesia na técnica do romance. In: RICARDO, Cassiano. **O homem cordial e outros pequenos estudos brasileiros**. Rio de Janeiro: INL, 1959. p.261-313.

SANTOS, Luis Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. Espaço e literatura. In: **Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SCHÜLER, Donaldo. **Teoria do romance**. São Paulo: Ática, 1989.

2

A EXPERIÊNCIA DO PIBID NA EDUCAÇÃO BÁSICA COM O LIVRO *AQUELA ÁGUA TODA* (2012) DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA

Maria Aparecida Martins Ernandes Silva ¹

***AQUELA ÁGUA TODA* (2012) DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA**

Aquela Água Toda, obra de contos publicada em 2012, pela Cosac Naify e em 2018 pela Alfaguara foi uma obra premiadíssima: Prêmio Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), Prêmio Jabuti e o prêmio internacional White Ravens. Na sequência, vieram as traduções para o francês, pela editora suíça Joie de lire e para o espanhol. Nesse livro, a sensibilidade e o realismo caminham de mãos dadas.

O livro de João Anzanello Carrascoza traz como título “*Aquela água toda*”, que é o nome do primeiro dos 11 contos narrados. Todos os contos presentes no livro revelam temas sobre o amor, amizade, experiências, surpresas, aprendizados e emoções. É muito prazeroso realizar a leitura do livro, que apresenta contos curtos, acompanhados de belíssimas ilustrações da artista Leyla Mira Brander.

O autor em suas histórias narradas apresenta assuntos do cotidiano, que tocam o leitor, com uma linguagem suave, apreciável,

¹ Professora de Língua Portuguesa da SEED/PR e supervisora do PIBID/CAPES (2020-2022)

amorosa e poética. Desta forma, o livro, inicialmente direcionado para a público adulto, pode ser indicado também aos leitores mais jovens.

As histórias sempre trazem as personagens nominadas como: menino, pai, mãe, filha, avó. A não identificação da maioria das personagens nos contos é uma característica relevante na obra do autor, pois aguça ainda mais a imaginação do leitor em criar uma identidade para a referida personagem. No transcorrer da narrativa, o leitor aumenta cada vez mais o envolvimento com a história e entra no íntimo de cada personagem conhecendo suas alegrias, decepções e descobertas. E essa identificação com as personagens apresentadas faz com que o leitor reflita sobre seu interior e, muitas vezes, transforme sua vivência.

O conto “Aquele água toda”, retrata a alegria do menino em ir à praia, depois de um ano e sentir novamente aquela água toda. Há, na narrativa, a expressão de muita euforia em organizar todas as coisas para a viagem e quando finalmente chega a hora, a emoção em sentir a textura, o cheiro e o toque daquela água toda em seu corpo é grandiosa. Diante daquela imensidão, o menino se sentia livre e confiante. Sentia também o gosto do sal e o calor do sol, mergulhava nas ondas, como quem queria abraçar um amigo, que há tempos não via. No final do dia, senta-se à janela do ônibus para ir se despedindo daquela água toda aos poucos, mas o cansaço domina seu corpo, e o menino dorme. Quando, de súbito, acorda, vê que está sozinho, o ônibus para no próximo ponto e o menino já está no calçadão com a água toda em seus olhos, observando o pai vir ao seu encontro. “Deitou de peito na prancha e remou com as mãos, remou, remou, e aí a primeira onda o atingiu, forte. Sentiu os cabelos duros, o gosto de sal, os olhos ardendo. O desconforto

de uma alegria superior, sem remissão, a alegria que ele podia segurar, como um líquido, na concha das mãos” (2018, p.14).

O conto “Cristina” descreve o menino apaixonado pela prima Teresa, que não se conforma com a partida da prima, após o Natal. A personagem se sente tomada por uma paixão, acreditando que nunca irá esquecê-la. No entanto, na sala de aula, nota Cristina e se encanta por ela. A partir de então, sempre ficam juntos na hora do intervalo, e decidem ir ao cinema, momento em que ficam de mãos dadas e se emocionam. O menino acompanha Cristina até sua casa e tudo ao redor parece mais lindo que nunca. Após um abraço e um beijo no rosto, a felicidade pulsa forte dentro dele por conta do novo amor. “Na sala de aula, à minha direita, Cristina me fitava fortemente, eu me senti constrangido, mas também bonito, queria ouvir outra vez a sua voz de sol.” (2018, p. 22).

“Medo” é o terceiro conto do livro e narra a história sobre um garoto que desde pequeno sente muito medo, mesmo em situações simples. Quando vai à escola, muito inseguro e com medo da nova condição, encontra Diego, um aluno mais velho, que, inicialmente, lhe inspira medo, e depois, segurança. Na sala de aula, o menino convivia com seu medo o tempo todo, que o perseguia sempre, privando-o de divertir-se, ter amizades e brincar com colegas. Sempre isolado no intervalo da escola, aproxima-se de Diego, que passa a receber do menino tudo o que queria, inclusive dinheiro, com o pretexto de que a mãe estava doente e precisava de remédios. Diego, em troca, lhe oferece proteção. Desta forma, o menino se sente seguro e confiante. Porém, num determinado dia, vê Diego com uma bicicleta, sorrindo para ele,

assim volta a ter medo, muito medo. “O menino com seu medo, o tempo todo.” [...] “Tropeçava no perigo que ele próprio, e não o mundo, deixava em seu caminho. Queria não ser daquele jeito. Mas era.” (2018, p. 31).

“Grandes feitos”, quarto conto do livro, descreve uma família que passa dias envolvida com seus afazeres, todavia, ao chegar ao final de semana, aproveita cada minuto, desde o momento em que acordam. Conversa com muita calma e se deslumbra com cada detalhe do dia, sem nenhuma pressa. A família desfruta ao máximo os prazeres da vida nos dois dias de deleite. “Tanto quanto o marido na varanda e o filho no quintal, ela vivia o instante sem planos, e começou então a cantar baixinho, apenas para si, evitando quebrar aquela harmonia que reinava.” (2018, p. 40).

O conto “Recolhimento” retrata um protagonista experiente em seu trabalho, na verdade, trata-se do mais experiente entre os colegas, sempre pontual e disposto a atender todas as demandas. No caminho para atender a um chamado, relembra-se de todos os atendimentos já realizados, assim como suas especificidades. Quando chega ao endereço, percebe que o paciente era da raça Shihtzu. Entre as lágrimas da senhora que o recebe e da criança que o observa, envolve o cachorro em uma manta, como sempre fazia. Ao trazê-lo até ao furgão percebe seu último suspiro de vida e abraça o corpo do animal com muito carinho. “Por isso, ele mesmo não tinha mais animal em casa. Aquela hora, do recolhimento, doía como uma lâmina enterrada para sempre na consciência.” (2018, p. 47).

Em “Mundo justo” o tema da morte aparece com destaque e também são destaques dois irmãos, um é apaixonado pelo basquete e o

outro é apaixonado pela leitura. A história é narrada pelo jogador de basquete, que não é nomeado e nutre afeto e admiração desmedidos por Edu, o irmão leitor. Mas a força do destino, cruel e abrupta, mostra que a vida se modela no ganhar e perder e que não existe vitória sem derrota. O conto é narrado quase todo de maneira contínua, sem um ponto final. “E a mãe, na cozinha, pulando o olhar de uma panela a outra o cheiro bom da comida sendo feita, que cara é essa?, nem sempre se ganha, filho, vai, vai tomar seu banho, e o pai, a lição de casa, a lição, é isso o que interessa!, e eu no quarto, me enxugando, o Edu no beliche, lá nos seus quietos, sempre mergulhado num livro, e, de repente, ele de volta ao nosso mundo, como foi o jogo?, quantos pontos você fez?” (2018, p. 54).

O conto “Passeio” narra que durante o jantar o pai deu a notícia, “sábado vamos lá.” A menina mais velha e o irmão ficaram muito curiosos. A mãe também não sabia onde seria o “lá”. Após alguns dias de grande ansiedade chegou o sábado. O destino era longe, foram de ônibus, passaram por muitos lugares conhecidos e outros pela primeira vez, e a euforia era enorme. De repente, observaram muitos aviões, grandes e pequenos, decolando e pousando, deslumbraram de alegria ao descobrir que o “lá” era o aeroporto. “No meio dessas horas todas, entre sol e sono, os dois irmãos reouviam, na memória, o anúncio do pai, Sábado vamos lá, e experimentavam a mesma feliz aflição, de saber já o quê e o quando, mas não o onde ainda encoberto.” (2018, p. 69).

Em “Paz” a cena descrita inicialmente é a de um menino no quintal com sua mãe que recolhe a roupa. Um homem chama no portão e entrega um envelope para a mãe, que o abre, lê e fica muito angustiada.

O menino percebe, fica preocupado com mãe e depois a vê chorando. Toda aquela paz do menino acaba no final da tarde. Quando o pai chega do trabalho, o menino escuta os dois discutirem e fica muito apreensivo com toda aquela situação. À noite, ao tentar dormir, o sono que era tão fácil, agora é como uma névoa negra. “O menino capturava a vida em hora instável. Foi dormir. No quarto quente, só sombras.” (2018, p. 84).

O conto “Vogal” narra a história de uma menina e sua relação com a sua tia Alda, símbolo da paciência, capaz de resolver todos os conflitos e minimizar todas as discórdias. A menina descobre com a linda revelação da tia, metaforicamente, que no mundo há vogais e consoantes e “se existissem apenas vogais, ou só consoantes, o mundo teria de ser escrito de outra maneira; o bonito era que podíamos fazer inúmeras combinações”. Tia Alda, pessoa calma, tranquila, sabia como conversar com as pessoas em suas aflições. Sempre dizia que o segredo estava nas palavras, algumas pessoas seriam como as vogais, o som sai livremente pela boca, outras como as consoantes, que passavam por obstáculos ao serem pronunciadas. Num determinado dia, Tia Alda estava no banco, quando assaltantes fizeram as pessoas reféns. Após conseguir convencê-los a se entregarem, ela vai até a porta com as armas na mão. Tia Alda é morta, foi confundida com um dos assaltantes que era uma mulher. “Tinha o dom de encantar com as palavras. Qualquer mal-entendido entre os parentes, lá vinha ela, por vontade própria, ou convocada com urgência, para colocar as coisas em ordem.” (2018, p. 86).

O conto “Chave” é narrado em primeira pessoa pelo filho caçula, que apresenta a história sobre a felicidade de sua mãe ao entrar na casa

nova. A família toda organiza a mudança. A mãe, sempre com muita atenção e carinho, está muito feliz, na verdade, todos estão em plena alegria, na casa nova que tem um quintal maravilhoso. Logo fazem amizade com a vizinhança. Todavia, após alguns meses de plena harmonia, a mãe passa mal e segue para sua nova morada. “Sim, a mãe falava pouco, só o suficiente, mas, naquele agora, ela tagarelava de lá pra cá, botando as coisas no lugar, ela no comando, suavemente, a gente nem percebia, num instante já estávamos fazendo, felizes, as tarefas que ela pedia.” (2018, p. 93).

O último conto do livro denomina-se “Herança” e narra sobre um homem que é convidado para chefiar uma equipe de construção por mais de um ano, em um lugar bem distante de onde mora. Por desejar melhor conforto para sua esposa e as duas filhas, resolve aceitar a proposta, mesmo que isso lhe traga muita tristeza em ficar longe da família. O período foi de grande sofrimento, tanto para ele quanto para a esposa e filhas, mesmo assim continuam otimistas, pensando num futuro melhor. Quando tudo termina, volta ao seu lar, junto ao seu legado, todos radiantes de felicidade. “Ao homem, o desafio inesperado. Podia ter dito, Não; mas era uma renda boa, para o futuro das meninas, um melhoramento na casa, os brincos que a mulher merecia.” (2018, p. 103).

Nos 11 contos apresentados, neste livro, João Anzanello Carrascoza mostra sempre um fato relacionado ao dia a dia de cada leitor, em sua esfera social e ou emocional, e isso desperta o interesse de ler o livro todo, pois o mesmo possibilita que o leitor desfrute das entrelinhas de histórias simples, mas que envolvem e identificam. Apesar de serem

contos com temáticas diferentes, estão alinhados numa história de vida cheia de emoções. São emocionantes, envolventes e levam o leitor a viajar dentro de seu presente e de seu passado, lembrando com muita leveza suas vivências.

“AQUELA ÁGUA TODA” NA SALA DE AULA

Sou professora na rede estadual de ensino há 38 anos. Durante este período foram muitas experiências vivenciadas e conhecimentos adquiridos, mas acredito que nada supera o aprendizado compartilhado em sala de aula e o carinho que alimento a cada dia por minha profissão e por meus alunos.

Desta forma, com o objetivo de sempre contribuir com o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem dos estudantes da Educação básica, procuro buscar, há alguns anos, como prioridade, a parceria com o Programa Pibid e posso afirmar que o projeto desenvolvido pelos pibidianos tem contribuído muito para o enriquecimento dos conteúdos dos sextos anos, com metodologias inovadoras e diferenciadas. Conteúdos estes, com autores e obras até então desconhecidos dos alunos, abrindo assim novas portas de conhecimentos, para nossos estudantes, sobre a vasta e rica Literatura Brasileira.

Com a perspectiva de apresentar aos educandos novos autores e obras, os pibidianos desenvolveram com os alunos dos sextos anos, do Colégio Estadual Professor Bento Munhoz da Rocha Neto, um trabalho de leitura e interpretação dos contos do livro *Aquela água toda* (2012) do

escritor João Anzanello Carrascoza, fazendo uso de metodologias diversificadas como a leitura em voz alta, a leitura compartilhada e a leitura programada.

O projeto de leitura com os contos do escritor João Anzanello Carrascoza foi também um grande aprendizado para mim. Conheci o escritor e suas obras por conta das atividades planejadas e desenvolvidas no Programa do Pibid.

Assim sendo, saliento que a cada encontro com os alunos dos sextos anos, os pibidianos apresentavam, liam e analisavam novos contos, do livro *Aquela água toda*, despertando nos estudantes e também em mim, professora regente, o conhecimento, a empatia e o carinho pelo autor e pelas obras.

As práticas de leituras desenvolvidas, o conhecimento sobre a biografia do autor, a leitura dos contos, a interação como grupo: pibidianos, alunos e professora, tudo foi muito significativo e emocionante. Como é gratificante ouvir o aluno falar sobre o conto lido, interpretar a ideia do autor na história, relacioná-la com o dia a dia. Isto é possível, porque João Anzanello Carrascoza apresenta em suas obras uma linguagem simples, atual, de vivências que sempre colabora com a identificação da vida, experiências e situações vivenciadas pelos leitores. Os contos lidos apresentam temáticas relacionadas com a realidade do leitor, independentemente da idade, por esta razão, pibidianos, alunos e professora, se identificaram com os temas das histórias narradas, sendo possível uma interação mais dinâmica durante as aulas, com grande riqueza de apresentação de situações de vida e troca de experiências.

As reuniões semanais de formação, organizadas pela coordenadora local do Subprojeto de Letras do Pibid da Unespar de Paranavaí, Professora Luciana Ferreira Leal, nos motivou e estimulou a conhecer o escritor João Anzanello Carrascoza e suas obras. Desta forma, nos levando a sair da zona de conforto e buscar novos conhecimentos e aguçar a curiosidade para novas leituras.

Tivemos a gratificante oportunidade, juntamente com os alunos dos sextos anos, de participar de uma *live* de lançamento do livro *Tramas de meninos* (2021) do escritor João Anzanello Carrascoza. Foi uma experiência ímpar, inesquecível, para mim e para os alunos. Foi maravilhoso, conhecer o escritor João Anzanello Carrascoza, ouvi-lo, sentir seu carinho e simplicidade.

Durante todos esses anos atuando como professora em sala de aula, de certa forma, vamos nos envolvendo com várias atividades diárias e burocráticas que algumas vezes prejudicam a atuação em sala de aula. Por esta razão, me empenho ao máximo em contar sempre com a parceria do Pibid, pois, por meio do desenvolvimento de atividades apresentadas pelos pibidianos, enriquecemos nossas aulas com as metodologias diversificadas.

Despertar o gosto pela leitura do texto literário é um grande desafio para os professores de Língua Portuguesa. Nesse sentido, ressalto que o vínculo com a leitura se estabelece com confiança, paciência e constância. Por esse motivo é importante ler com e para os alunos e criar cumplicidade para tornar o livro um objeto cotidiano interessante e atraente.

Não se pode apostar na leitura com o objetivo de ensinar os alunos a agir corretamente. Centrar a atenção na moral, nas virtudes, nos bons ensinamentos empobrece demasiadamente a literatura, reduz o momento mágico da leitura e da interpretação a algo previsível e aborrecedor. Ao contrário disso, acredito na ideia de que o mais sedutor na construção da relação do leitor com o livro é que reflexões resultantes da leitura agem alargando os conhecimentos sobre a vivência, o mundo, as pessoas e os sentimentos.

A execução do Projeto “Práticas de leitura e a formação do leitor literário”, realizado pelo subprojeto de Letras Português do Pibid, que buscou despertar o gosto e o prazer pela leitura de textos literários em alunos do sexto ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto, foi importante na medida em que procurou compreender, como o método e a teoria escolhida podem interferir na experiência com a leitura.

Para o grupo, o projeto mostrou-se exequível e importante, pois possibilitou o desenvolvimento da formação leitora do sexto ano. Percebeu-se que os alunos, a cada prática trabalhada, tornaram-se mais participativos e mais críticos em seus comentários e contribuições acerca da interpretação dos contos. A literatura é fundamental na formação do indivíduo, o hábito da leitura na infância e a aquisição do gosto pela literatura ajudam a despertar na criança o senso crítico, imaginativo e emancipatório. É nisso que esse projeto aposta.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Ciência e cultura**, São Paulo. v. 9, n. 24, p. 803-809, set. 1972.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3ª ed.. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CARRASCOZA, João Anzanello. **Tramas de meninos**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2021.

CARRASCOZA, João Anzanello. **Aquela água toda**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.

3

CONTOS “VOGAL” E “AQUELA ÁGUA TODA” DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA: AS PRÁTICAS DE LEITURA EM DEBATE

*Beatriz Ariozi de Souza*¹

*Lorraine dos Santos de Souza*²

*Lucas Mateus de Oliveira Lourenço*³

*Maria Jozirene Almeida da Silva*⁴

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A leitura quando inserida aos discentes, de forma clara, coesa e reflexiva já na educação infantil, promove um avanço significativo do processo de ensino e aprendizagem dos estudantes. Sendo assim, o intuito do trabalho com a leitura com os discentes é construir significado, combinando conhecimentos prévios e informação textual, monitorar a compreensão e modificar previsões iniciais quando necessário, refletir sobre o significado do que foi lido, tirando conclusões e fazendo julgamentos sobre o conteúdo (SOARES, 2000).

As práticas de leitura realizadas com os discentes dos sextos anos foram aplicadas via *Google Meet*, visto que estávamos em um tempo pandêmico, devido a COVID-19 e, por esse motivo, não foi possível ter

¹ Graduanda em Letras – Português/Inglês, da UNESPAR /Paranavaí e bolsista do PIBID/CAPES (2020-2022)

² Graduado em Letras – Português/Inglês (2022) e bolsista do PIBID/CAPES (2020-2022)

³ Graduanda em Letras – Português/Inglês, da UNESPAR /Paranavaí e bolsista do PIBID/CAPES (2020-2022)

⁴ Graduanda em Letras – Português/Inglês, da UNESPAR /Paranavaí e bolsista do PIBID/CAPES (2020-2022)

aulas presenciais. Nesse sentido, foi necessária a adaptação da modalidade remota, havendo de usar recursos tecnológicos, a fim de ter um melhor aprendizado, suprimindo as necessidades dos estudantes.

Cada prática aplicada aos discentes teve como objetivo a formação do leitor literário, ou seja, os planejamentos, as escolhas dos contos e também a aplicação de cada prática. Ressalta-se que o professor deve assegurar aos alunos o aprendizado da leitura, sendo um mediador, estimulando-os a desenvolver o gosto e o hábito pela leitura por meio de momentos, autores e gêneros diversificados, favorecendo o conhecimento e desenvolvimento dos mesmos, levando-os a trilhar o seu próprio estilo de leitura e possibilitando a interação leitor e mundo.

LEITURA EM VOZ ALTA

A leitura em voz alta (ou leitura solidária, ou também – denominada por Chartier (1996) – leitura para o outro) pressupõe a comunicação e a parceria entre professor e alunos. Esta leitura é realizada pelo professor aos alunos, tendo uma criteriosa seleção da obra e uma planejada mediação da leitura. A obra selecionada deve partir de qualidade estética que possa desafiar e expandir os horizontes dos alunos, propiciando o contato entre texto e leitor.

Segundo Kátia Lomba Bräkling (2008), a leitura em voz alta possibilita explicitar ao estudante, por meio da fala do professor, comportamentos de leitor (critérios de escolha e apreciação das obras, por exemplo); possibilita o conhecimento de textos que não escolheriam de maneira independente, dessa forma, amplia o repertório de leitura;

oportuniza que o professor explicita os recursos que utilizou para a escolha do texto (autor, gênero, entre outros). Com a leitura em voz alta, o estudante aprende a linguagem que se escreve: expressões, estrutura do texto e características.

As antecipações são essenciais. Quando o professor lê o título do livro e mostra a capa para os alunos, ele desperta nos mesmos a curiosidade do que vai acontecer na história, o que pode e o que não pode ocorrer, quais são as personagens, como são, se terá desfechos bons ou ruins, enfim, desenvolve a imaginação da criança e proporciona um momento de interação com a classe, além de apresentar a leitura como um processo cognitivo.

Durante, o professor deve realizar uma boa leitura, pois a história se torna interessante quando, na leitura, se demarca suspense, ação, emoção ou qualquer outro sentimento por meio da entonação da voz. Portanto, as pausas e a entonação são fundamentais. O momento da leitura é onde tudo se cria e tudo se transforma, é o momento em que as personagens criam vida, características físicas e psicológicas, tudo de forma individual, ato que envolve o universo presente em cada aluno, em que a sua imaginação transcende à vida. Sendo assim, ao realizar a leitura, é necessário ler com entonação, expressividade e paixão, pois a voz do professor será a ponte que liga a eternidade da obra lida ao aluno.

Após a leitura, o professor deve questionar os alunos se as expectativas, realizadas durante a antecipação (antes da leitura), foram comprovadas ou não, se gostaram, o que não entenderam, o que chamou mais a atenção, enfim, é o momento no qual eles mais participam. Por isso o professor deve conduzir um diálogo construtivo, elaborando

interrogações desafiantes aos alunos e se necessário voltar e reler partes do texto para melhor compreensão do mesmo.

Encerra-se a prática com a interpretação da obra lida. A interpretação tem uma certa complexidade, que necessita de estudo, aprendizado, cuidado, benevolência e observação. É importante ressaltar que não existe interpretação única, é preciso compartilhar os sentidos adquiridos individualmente. Esta etapa proporciona o encontro do aluno com o texto lido, propiciando a sua expansão individual frente ao universo da leitura.

LEITURA COMPARTILHADA OU COLABORATIVA

O processo de leitura no Ensino Fundamental é constituído por meio de diversas práticas e estratégias, umas dessas práticas, que envolvem o diálogo entre professor e aluno, é a leitura compartilhada ou colaborativa, pois trata-se, portanto, de excelente estratégia didática para o trabalho de formadores de leitores.

A leitura compartilhada ou colaborativa é o processo em que o leitor estuda e analisa uma obra com mediação de um professor ou adulto, cuja finalidade é desenvolver a interpretação e compreensão de textos, abrangendo as ideias centrais que o autor quer passar, pois segundo Kátia Lomba Bräkling:

[...] ensinar a ler, ou seja, criar condições para que as estratégias de atribuição de sentido (sejam relativas à mobilização de capacidades de leitura, ou utilização de determinados procedimentos e desenvolvimento de comportamentos leitores) sejam explicitadas pelos diferentes leitores, possibilitando, dessa forma, que uns se apropriem de estratégias utilizadas

por outros, ampliando e aprofundando sua proficiência leitora pessoal. (2004, p. 4).

O processo da leitura compartilhada é um meio de formar leitores com opiniões significativas para viver em sociedade e por isso o professor precisa estar apto para a realização da prática com os discentes, tendo como função pesquisar livros, para entender o que é a leitura compartilhada e elaborar questionamentos para a pré-leitura, para o durante e pós-leitura, pois assim saberá como os alunos estão recebendo e entendendo a obra durante todo o processo de leitura. Para isso, pode-se organizar momentos de leitura livre em que o professor leia. Para os alunos não acostumados com a participação em atos de leitura, que não conhecem o valor que a mesma possui, é fundamental ver seu professor envolvido com a leitura. Ver alguém seduzido pelo que faz pode despertar o desejo de fazer também. Em função disso, é necessário que os educadores selecionem textos de boa qualidade para a realização da leitura, com a complexidade adequada aos saberes dos alunos, e, principalmente, fazer a leitura prévia do texto, planejando bons questionamentos que favoreçam a compreensão do texto. Para Kátia Bräkling, em *Sobre a leitura e a formação de leitores*, a leitura compartilhada ou colaborativa - aquela em que alunos e professor leem juntos um mesmo texto e apresentam suas ideias e impressões acerca do que foi lido - tem como finalidade ensinar a ler, ou seja, criar condições para que as estratégias de atribuição de sentido (sejam relativas à mobilização de capacidades de leitura, ou utilização de determinados procedimentos e desenvolvimento de comportamentos

leitores) sejam explicitadas pelos diferentes leitores, possibilitando, dessa forma, que uns se apropriem de estratégias utilizadas por outros, ampliando e aprofundando sua proficiência leitora pessoal (2004). Nesse sentido, vale ressaltar que:

A leitura colaborativa é uma atividade em que o professor lê um texto com a classe e, durante a leitura, questiona os alunos sobre as pistas linguísticas que possibilitam a atribuição de determinados sentidos. Trata-se, portanto, de uma excelente estratégia didática para o trabalho de formação de leitores. (BRASIL, 1998, p. 72).

É importante salientar a necessidade de usar diferentes recursos, como, por exemplo, textos impressos em colaboração com recursos tecnológicos, como projetor multimídia, tudo com base no objetivo maior que é garantir a qualidade no ensino-aprendizagem dos alunos. Ademais, é muito importante que o docente evite improvisar, para que a leitura seja bem orientada, atingindo assim os objetivos de forma clara e simples.

Ao introduzir a leitura compartilhada aos discentes, é necessário que os mesmos compreendam a função e propósito no desenvolvimento de seu ensino e aprendizagem. O momento inicial é composto pela pré-leitura, também chamada de antecipação, é quando o docente introduz o autor e obra a ser compreendida, elaborando questionamentos estratégicos a fim de relacionar as expectativas criadas a respeito do título e temática. Os alunos destacaram suas ideias e opiniões baseadas apenas no título do conto ou livro em questão, para que ao final da prática debatam suas pré-análises, dialogando entre os colegas se houve concordância ou não.

Após a antecipação, o professor inicia o processo de leitura, realizando pausas progressivas e realizando questionamentos, a fim de analisar o entendimento do aluno e sua interpretação acerca do trecho lido. Essas questões norteadoras, muitas vezes são subjetivas e tem a finalidade de fazer com que o leitor busque no texto um aprofundamento que não está explícito. Sabemos que os alunos, muitas vezes, se perdem no texto, e para que eles prestem atenção e se concentrem mais, os questionamentos devem ser direcionados ao discentes também com o objetivo da procura de respostas específicas nos textos, pedindo que eles destaquem e leiam onde está a resposta, estimulando, também, a leitura em contextos específicos do texto lido.

A última etapa da prática é a pós-leitura, momento em que há o diálogo sobre as impressões acerca do texto, compartilhando as experiências com os colegas e professores, promovendo o debate em sala de aula. O professor mediador questiona os alunos com perguntas finais, tanto objetivas, quanto subjetivas e reflexivas, sobre quais foram as opiniões dos discentes acerca da obra. Segundo Cagliari (2000, p. 150-151), a leitura é, pois, uma decifração e uma decodificação. O leitor deverá em primeiro lugar decifrar a escrita, depois entender a linguagem encontrada, em seguida decodificar todas as implicações que o texto tem e, finalmente, refletir sobre isso e formar o próprio conhecimento e opinião a respeito do que leu. A leitura sem decifração não funciona adequadamente, assim como sem a decodificação e demais componentes referentes à interpretação se torna estéril e sem grande interesse.

LEITURA EM VOZ ALTA DO CONTO “VOGAL” DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA

A prática de leitura em voz alta foi realizada pelos membros do PIBID com as turmas dos sextos anos do ensino fundamental, respectivamente com as turmas: A, B e C.

A obra escolhida foi o conto “Vogal” presente no livro *Aquela água toda* (2012) do escritor João Anzanello Carrascoza. A escolha desta obra parte do princípio de ser um escritor brasileiro, contemporâneo, que escreve com alta qualidade estética para diferentes públicos.

As etapas foram subdivididas e atribuídas a cada integrante do grupo para que todos pudessem participar da prática de leitura. Iniciamos pela antecipação, que envolveu a realização de perguntas referentes ao título da obra a ser trabalhada, causando um anseio pela leitura: “Quando ouvirem esse nome, o que pensaram? O que sentiram?”.

Na sequência, foram apresentadas aos alunos a carreira e as conquistas literárias, em se tratando das premiações, do escritor João Anzanello Carrascoza. Ademais houve a apresentação do livro físico e das ilustrações que o compõem, instigando ainda mais o desejo pela prática de leitura. A leitura foi realizada por um integrante do grupo dos pibidianos, de maneira clara, corajosa e intensa.

Ao final da leitura, foi realizada a interpretação da obra. Nesta etapa algumas perguntas foram realizadas para auxiliar no compartilhamento das observações feitas pelos alunos dos sextos anos. “Como vocês imaginam que seria a tia Alda, fazendo uma comparação com alguém que vocês conhecem?”, “Quais adjetivos vocês dariam para

uma pessoa “vogal” e quais características psicológicas essa pessoa teria?”, “Como vocês descreveriam uma pessoa vogal?”, “Vocês conhecem alguém como a tia da personagem?”, “O que vocês entenderam?”, “Vocês gostariam de ser vogal ou uma consoante?”.

O conto “Vogal”, do autor João Anzanello Carraschoza, narra a história de uma menina e sua tia, chamada Alda. A menina tem uma admiração muito grande por sua tia, por ela saber usar suas palavras em momentos necessários e a questiona sobre isso, e Alda diz a sua sobrinha que ela deve ser sempre vogal e nunca consoante, após um ocorrido em sua escola, que a deixou bastante triste. O conto revela ao final que a tia Alda morre após intervir em um assalto ao banco, ajudando a todos, mas é confundida com um ladrão.

A prática na primeira turma, ou seja, no 6º. A realizada no dia 26/03/2021, iniciou-se por meio de apresentação de slides, com uma breve biografia do autor. Houve um destaque especial à premiação recebida pelo autor.

Em seguida, iniciou-se a leitura em voz alta e ao seu término foram realizadas perguntas referentes ao texto. Houve participação de alguns alunos que afirmaram ter gostado da leitura, apesar do pouco contato com a mesma, já que afirmaram ser alunos que não possuem hábitos de leitura, no mais, conseguiram responder com precisão e interagiram de uma maneira ainda tímida.

A prática de leitura em voz alta com a turma do sexto ano B, realizada no dia 31/03/2021, teve o mesmo procedimento que a turma anterior. Iniciou-se com apresentação de slides, abordando sobre a

biografia do autor, dando ênfase sobre fato de o autor possuir mais de 50 livros publicados e continuar produzindo muito a cada ano.

Foram realizadas questões introdutórias a respeito do título da obra, tais perguntas foram respondidas de forma rápida por alguns alunos. Realizou-se a leitura com entonação, dando ênfase e chamando a atenção para as ilustrações presentes no livro. Após a leitura, foram realizadas perguntas sobre o entendimento do texto. Houve participação significativa de vários alunos, no entanto, as antecipações não coincidiram com as expectativas.

A prática de leitura em voz alta realizada com a turma do sexto ano C, realizada no dia 29/03/2021, seguiu o mesmo processo das outras turmas, iniciando com slides e uma breve descrição das obras do autor. Houve antecipações sobre o texto antes da leitura e interpretação oral após a leitura do mesmo. Destaca-se a importância da leitura realizada pelo professor:

A leitura em voz alta, feita pelos adultos, é lembrada continuamente, pela maioria das pessoas, como uma de suas primeiras associações agradáveis com a leitura. Ler para os alunos é um dos métodos mais efetivos para criar leitores capazes, os quais continuam optando por ler durante a vida. (MORAIS, 2012, p. 52)

Findada as práticas de leitura, observamos que em todas as turmas trabalhadas obtivemos uma significativa participação dos alunos, mas houve maior participação de alunos na turma do sexto ano “B”. No quadro abaixo, destacam-se algumas contribuições dos alunos para com as práticas:

**Tabela 1: Processo/etapas de Leitura em Voz Alta – Conto “Vogal”
de João Anzanello Carrascoza**

Semelhanças e dessemelhanças	6º ANO A	6º ANO B	6º ANO C
Antecipações	As antecipações que os discentes realizaram a partir do título da obra não coincidiram com a leitura da mesma.	As antecipações que os discentes realizaram a partir do título da obra não coincidiram com a leitura da mesma.	As antecipações que os discentes realizaram a partir do título da obra não coincidiram com a leitura da mesma.
Sobre a escolha do autor: João Anzanello Carrascoza	O autor foi bem recebido pelos discentes. Os discentes apontaram que não conheciam o autor.	O autor foi bem recebido pelos discentes. Os discentes apontaram que não conheciam o autor.	O autor foi bem recebido pelos discentes. Os discentes apontaram que não conheciam o autor.
Questionamentos acerca do conto por parte dos discentes	Alguns alunos apontaram que se consideram uma pessoa “vogal”.	Os discentes apontaram que gostariam de ser uma pessoa “vogal” como a tia Alda.	Os discentes apontaram que queriam ser uma “vogal”, outros apontaram que são uma mistura de “vogal” e “consoante”.
Quantidade de discentes que participaram nas respostas	Em primeira instância, houve a participação de alguns alunos, uns falaram mais que os outros e expuseram as suas opiniões. Aproximadamente seis alunos participaram ativamente.	Aproximadamente oito discentes participaram ativamente.	Aproximadamente nove discentes participaram ativamente. Houve maior participação nesta respectiva turma.
Contribuições dos alunos referente à prática	Uma aluna leu um poema de sua autoria, denominado “Sonhar”. Uma discente relatou que no dia anterior à leitura do conto, ocorreu um episódio com ela, a leitura do conto a ajudou, de forma significativa, a refletir	Alguns discentes compartilharam com a turma experiências semelhantes às experiências tematizadas no conto e expuseram as suas conclusões a respeito da obra: “É um conto grande, divertido e inspirador”	Um discente expôs que: “As pessoas são consoantes decorrente de traumas”. Um discente iniciou diálogo sobre bondade e maldade que resultou em debate com diversos

	sobre a atitude a ser tomada.	“A gente aprende muita coisa na vida e nos estudos” “Devemos ajudar o próximo a ser uma pessoa melhor”	alunos no final da prática.
Ensino remoto	Não foi perceptível se os alunos ficaram ou não dispersos, mas percebeu-se que alguns não interagiram.	Percebeu-se que os alunos estavam atentos.	Percebeu-se que os alunos estavam atentos ao conto.
Compreensão do conto Vogal	Os discentes apresentaram uma ativa compreensão a respeito do conto.	Os discentes apresentaram uma ativa compreensão a respeito do conto.	Alguns discentes apresentaram dificuldade ao compreender a relação entre as personagens e sobre a distinção entre vogal e consoante apresentada no conto.

Fonte: Anotações e observações (SOUZA et. al., 2022)

PRÁTICA DE LEITURA COMPARTILHADA

Após a prática de leitura em voz alta com os alunos do Ensino Fundamental II, nos sextos anos A, B e C, realizada no Colégio Estadual Professor Bento Munhoz da Rocha Neto, os Pibidianos se reuniram em seus grupos respectivos para a elaboração de aulas, com intuito de aplicar a prática de leitura compartilhada ou colaborativa para com os discentes. Com o conto “Aquele água toda” publicado no livro homônimo.

O conto “Aquele água toda”, do autor João Anzanello Carrascoza, narra a história de um garoto que ao ouvir de seus pais que iriam de novo para a praia mostra-se mais ansioso para encontrar o tão sonhado mar. Ao chegar no mar, sua alegria e felicidade são descritas como o melhor dia de sua vida, e que não deseja que aquele dia acabe. Ao irem

embora da praia de ônibus, seus pais descem no ponto ônibus e o garoto fica para trás, proporcionando suspense ao leitor, e ao mesmo tempo esperança, pois o menino reencontra sua família e sua alegria é restaurada imediatamente.

A prática de leitura compartilhada foi realizada no dia 09/04/2021, na turma do 6º Ano A, do Ensino Fundamental II. Iniciou-se com a retomada do autor João Anzanello Carrascoza e do conto lido anteriormente, “Vogal”. Na sequência, levantou-se as antecipações sobre o que os discentes esperavam de um conto chamado “Aquele água toda”, assim eles puderam expressar suas opiniões acerca do que imaginavam tratar o conto. A leitura compartilhada foi realizada pausadamente e, em momentos estratégicos do texto, diferentes questões foram realizadas, tanto questões de inferência quanto de localização. Para tanto, os discentes tinham acesso ao texto para buscar apoio em sua argumentação. A participação dos discentes foi a contento, falaram sobre afeto, as lembranças das viagens, sobre o desejo de conhecerem a praia.

Já a prática de leitura compartilhada, realizada na turma do 6º ano B, ocorreu no dia 07/04/2021. Os Pibidianos apresentaram como seria realizada a leitura compartilhada e com base no título “Aquele água toda”, questionaram os discentes sobre suas antecipações: sobre o quê o conto tratará. Assim, os alunos realizaram comentários sobre suas expectativas. Durante a leitura compartilhada, os alunos participaram respondendo às questões propostas e discorrendo sobre o que seria abordado no conto, associando o mar, a água, com o título do conto. Muitos deles entenderam a simbologia das lágrimas associada às águas

do mar. E todos eles gostaram mais da prática de leitura compartilhada, pois o contato visual com o texto fez com que eles participassem mais e prestassem mais atenção, explicitaram as emoções e medos sentidos com a leitura do texto e demonstraram muita empatia pelo autor João Anzanello Carrascoza.

A prática de leitura compartilhada com a turma do 6º ano C foi realizada no dia 05/04/2021. Da mesma forma que nos outros anos, explanaram sobre o que é a leitura compartilhada e retomaram aspectos importantes sobre o escritor, destacando sua importância literária. Em se tratando da antecipação, destaca-se aqui que os alunos consideraram que o conto falaria sobre muita água. Participaram durante a leitura, respondendo às questões pontuais e subjetivas realizadas pelos pibidianos. A leitura com pausa e perguntas para a recuperação do entendimento do texto é de suma importância para seu pleno entendimento. Nessa sala, houve um destaque especial para os comentários sobre a ilustração, o mar e o esquecimento do filho no ônibus.

**Tabela 2: Processo/etapas de Leitura Compartilhada do conto
“Aquele água toda” de João Anzanello Carrascoza**

Principais diferenças	6º ANO A	6º ANO B	6º ANO C
Antecipações	No primeiro momento, houve pouca participação, em seguida foram compartilhando mais expectativas.	Interpretação imediata do tema da obra em questão.	De início, ficaram receosos, e poucos responderam, mas, ao serem estimulados pelos pibidianos, mediadores das práticas de leitura, participaram a contento

Sobre a escolha do autor: João Anzanello Carrascoza	Os discentes tiveram muito apreço pelo autor, pois gostaram muito do conto lido anteriormente: "Vogal".	Os discentes tiveram muito apreço pelo autor, pois gostaram muito do conto lido anteriormente: "Vogal".	Os discentes tiveram muito apreço pelo autor, pois gostaram muito do conto lido anteriormente: "Vogal".
Interpretação das ilustrações	Análise e tentativa de interpretação das ilustrações.	Análise e tentativa de interpretação das ilustrações.	Análise e tentativa de interpretação das ilustrações.
Quantidade de discentes que participaram nas respostas	Doze alunos participaram incisivamente.	Dez alunos participavam simultaneamente.	Nove alunos que participavam simultaneamente.
Prática de leitura que mais se identificou e gostou	Preferiram a leitura compartilhada em vez da leitura em voz alta.	Preferiram a leitura compartilhada em vez da leitura em voz alta.	Preferiram a leitura compartilhada em vez da leitura em voz alta.
Houve alguma perda, por ser ensino remoto? Os alunos ficaram dispersos?	Os alunos se mostraram bem atenciosos, poucos com câmeras ligadas, mas sua atenção era analisada nos questionamentos.	Os alunos se mostraram bem atenciosos, poucos com câmeras ligadas, mas sua atenção era analisada nos questionamentos.	Os alunos se mostraram bem atenciosos, poucos com câmeras ligadas, mas sua atenção era analisada nos questionamentos.
Compreensão do conto Aquela água toda	Dois alunos se mostraram com dúvidas acerca do final, e os demais (quinze alunos) entenderam bem. Muitos discentes contaram experiências semelhantes às relatadas no conto.	Todos compreenderam bem, houve bastante diálogo. Muitos discentes contaram suas experiências que lembravam as experiências vividas pelo protagonista do conto.	Manifestação dos alunos e grande problematização do tema. Muitos discentes contaram suas experiências semelhantes às relatadas no conto.
Diante das expectativas iniciais, o final foi o que imaginou?	Todos os dezessete alunos disseram que o conto falaria sobre muitas águas, e acertaram.	Uma aluna acertou a temática que trataria o conto, já os outros disseram respostas aproximadas.	Dois dos alunos falaram que o conto iria falar sobre alagamento ou cachoeira. Um aluno citou o Tsunami como tema do conto. Durante a discussão, percebeu-se muita imaginação por parte dos alunos. Todos eles gostaram muito do conto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De maneira geral, os discentes, ao terem o primeiro contato com o autor, sentiram-se felizes com a prática que viria a seguir, de leitura em voz alta, dado que houve primeiramente uma contextualização dos contos em questão, especialmente acerca de livro *Aquela água toda*, que continha muitos outros contos, semelhantes ao conto *Vogal*, o conto em sua leveza trouxe muitas reflexões e questionamentos, e principalmente o anseio pelo próximo conto.

O conto “Aquela água toda”, ao ser apresentado à turma, foi bem recebido logo de início, pois se trata do conto que levava o título do livro. Outro fator notório para que ocorresse sucesso na prática compartilhada desse conto foi a análise de cada trecho importante do conto, ou seja, os questionamentos norteadores e elementos que aguçassem a curiosidade e criatividade dos discentes.

As práticas desenvolvidas nas turmas dos sextos anos foram de grande valia, pois, com elas, pudemos também aprender e nos relacionar e nos comportar de maneira espontânea e crítica em sala de aula, mesmo que todos esses momentos foram aplicados de maneira remota, via *Google Meet*, utilizando sempre a leitura do livro em mãos, para que os discentes pudessem ter um contato com a obra. Outro uso importante foi o de compartilhamento de tela, algo que atraiu bastante a atenção dos discentes. Para formar leitores comprometidos, professores e gestores precisam se apropriar dessas práticas de leitura, ter conhecimento de bons autores e textos literários, visto que, somente

assim será possível lidar com os desafios pedagógicos que a formação do leitor proporciona.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MEC. **Parâmetros curriculares nacionais**, volume único. Parte II: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Secretaria de Educação, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRÄKLING, Kátia Lomba. **Referencial curricular de Língua Portuguesa**. Versão Preliminar. Colégio Hebraico Brasileiro Renascença. São Paulo (SP); jun/08.

BRÄKLING, Kátia Lomba. **Sobre a leitura e a formação de leitores**. São Paulo: SEE: Fundação Vanzolini, 2004. Texto parcialmente publicado no portal www.educarede.org.br

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística**. São Paulo: Ed. Scipione, 2000.

CARRASCOZA, João Anzanello. **Aquela água toda**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2020.

KATO, Mary. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Fontes Ltda, 1985.

MORAIS, E. M. da C. Formam-se leitores nas bibliotecas escolares? In: PAIVA, A. (Org.). **Literatura fora da caixa: o PNBE na escola - distribuição, circulação e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2012. p. 39-71.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Letramento e capacidade de leitura para a cidadania**. São Paulo: SEE/CENP, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

4

UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA BÁSICA DO LETRAMENTO LITERÁRIO: CONTOS “MEDO” E “CRISTINA” DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA

*Gislaine Soares Santos*¹

*Isabelly Oliveira Fernandes de Sousa*²

*João Pedro Barreto Laurindo*³

*Natália Taglianetti Ferreira*⁴

CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O LETRAMENTO LITERÁRIO

“O ato de ler, mesmo realizado individualmente, torna-se uma atividade social” (2020, p. 40). Este é um dos pontos apresentados no livro *Letramento literário: teoria e prática* (2020), de Rildo Cosson. Seja por seu caráter humanizador, como afirma Antonio Candido (1972), ou por ser “o mais perfeito exercício [...] do nosso corpo linguagem”, segundo Cosson, a literatura precisa ser trabalhada com crianças e jovens para o seu desenvolvimento enquanto leitores inseridos em um contexto histórico, social, político e econômico, já que, tal como pondera Cosson: “No exercício da literatura podemos ser outros, podemos viver como outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço da nossa existência e ainda sermos nós mesmos. (COSSON, 2020, p. 17). Isto é, o

¹ Graduanda em Letras – Português/Inglês, da UNESPAR /Paranavaí e bolsista do PIBID/CAPES (2020-2022)

² Graduanda em Letras – Português/Inglês, da UNESPAR /Paranavaí e bolsista do PIBID/CAPES (2020-2022)

³ Graduando em Letras – Português/Inglês, da UNESPAR /Paranavaí e voluntário do PIBID (2020-2022)

⁴ Graduanda em Letras – Português/Inglês, da UNESPAR /Paranavaí e bolsista do PIBID/CAPES (2020-2022)

sujeito enquanto leitor, consegue compreender o mundo em que vive, além de muitos outros, e presenciar aquilo que nunca poderia, já que, como pontua Antonio Candido (1972, p. 5): “A literatura faz viver”.

Nesta perspectiva, cabe ao professor, enquanto formador de leitores, buscar estratégias para a democratização do acesso à literatura de modo a criar um vínculo entre ela e o estudante, e assim evitar que haja uma “barreira” entre os dois, tornando-o negligente à leitura e às formas artísticas ligadas ao poético. A partir desta ideia, e para que o aluno possa conhecer a literatura em suas mais variadas formas, o papel do mediador é imprescindível, tendo em vista que, como trata Rildo Cosson: “[como no mito de Prometeu] a literatura tem o poder de se metamorfosear em todas as formas discursivas. Ela também tem muitos artifícios e guarda em si o presente, o passado e futuro da palavra.” (2020, p.17)

Ou seja; além de um ato político, ler é descobrir as possibilidades que as palavras nos dão e buscar prazer por meio delas. Tendo este norte, em *Letramento Literário: teoria e prática* (2020), Rildo Cosson discorre sobre uma proposta de letramento literário. Em sua sequência básica, é possível notar quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação.

O primeiro deles consiste em conversar com os alunos de forma instigante, promovendo a curiosidade por meio de possível ligação entre a vida e o conteúdo, desse modo, causa-se uma relação de proximidade, o que faz com que a leitura seja aprofundada em diversos aspectos, além de formular expectativas no leitor. Na parte introdutória, é interessante que seja apresentada a obra e o autor, em

seguida é o momento de fazer inferências que possam ligar o contexto com alguma lembrança, texto ou até mesmo algo visto em sala. Após a introdução e a motivação, dá-se a parte mais importante: a leitura e, por fim, a interpretação, momento em que se realiza uma construção de sentido, visando observar os aspectos do texto, diferenças e/ou semelhanças com relação à motivação e introdução, bem como pontos de referência ou dúvidas.

Entretanto, para se cumprir uma boa motivação com práticas de sucesso é preciso que o mediador estabeleça laços estreitos com o texto que se vai ler, possibilitando uma construção dos alunos, na qual eles próprios devem responder por uma questão ou tomar posição diante de um tema. Essa é uma das maneiras usuais para a construção da motivação (COSSON, 2020, p. 55). Quanto à leitura, Rildo Cosson destaca que, “quando o texto é extenso o ideal é que a leitura seja fora da sala de aula” (2020, p. 62), contudo, após a mediação, o professor deve acompanhar o aluno em seu processo de leitura para auxiliá-lo em suas dificuldades sem pressão por parte do mediador, para que durante as atividades de intervalo, o professor mediador perceba as dificuldades de leitura dos alunos.

Se bem direcionado, ele pode se constituir em um importante instrumento de aferição pedagógica do processo de leitura como um todo. [...] A observação de dificuldades específicas enfrentadas por um aluno no intervalo é o início de uma intervenção eficiente na formação de leitor daquele aluno. (COSSON, 2020, p. 64)

Lembrando que a introdução não pode se estender muito e a leitura não precisa acontecer no ambiente escolar, o que proporciona o fato de

o aluno poder levar o texto artístico para casa, o que faz com que ele acabe tornando-se um mediador dentro da família, utilizando as ideias que construiu com a turma. Entretanto, se a leitura for realizada em sala, é importante que haja pausas para interferência, compartilhamento de ideias e até mesmo adendos. Durante esses intervalos, o mediador pode perceber as dificuldades e auxiliar no desenvolvimento da leitura.

Contudo, é importante que seja tudo pensado e designado pelo professor. Para isso, é necessário um tempo para reflexão e isso pode se tornar explícito em uma resenha, que é uma abordagem para descrição e análise muito utilizada em sala de aula. Nela também deve conter impressões e possíveis críticas, além da possibilidade de discutir semelhanças e diferenças entre os colegas, tornando assim, um ambiente descontraído e muito mais versátil.

As possibilidades de registro da interpretação são diversificadas e depende da turma, dos textos escolhidos e dos objetivos do professor. Essas particularidades devem ser sempre levadas em consideração no planejamento da sequência básica, assim como as características. (COSSON, 2020, p. 69)

Cosson, então, divide a interpretação em dois momentos; um interior e outro exterior. O momento interior relaciona-se ao contato completo com a obra. Já o exterior é a forma como a leitura afeta o leitor, apresentado pelo autor como “construção de sentidos” (COSSON, 2020, p.65), ou seja, “a interpretação parte do entretencimento dos enunciados, que constituem as inferências, para chegar à construção do sentido do

texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade (COSSON, 2020, p. 64).

Ou seja; a interpretação só se dá por completo quando o aluno consegue fazer inferências, ligar assuntos e conhecer a obra. Quer dizer; para uma abordagem bem feita, urge contemplar as duas primeiras etapas. Sobre as atividades de interpretação, Cosson afirma que: “devem ter como princípio a externalização da leitura, isto é, seu registro. Esse registro vai variar de acordo com o tipo de texto, a idade do aluno e a série escolar, entre outros aspectos (2020, p. 66).

Desse modo, cabe ressaltar que há diferentes formas de trabalhar o letramento literário, e que, segundo o autor, “é possível misturar [...] a leitura com interpretação, a motivação com a introdução” (COSSON, 2020, p. 72), mas focando principalmente na organização da prática e nas possibilidades do aluno, contribuindo assim para a formação de um sujeito que tenha ao seu alcance a possibilidade de viver o que a literatura proporciona.

CONTOS “MEDO” E “CRISTINA” NA SALA DE AULA

A descrição que este estudo propõe é proveniente de atividades de leitura realizadas com três turmas de 6º ano do Ensino Fundamental, pelos acadêmicos de Letras Português e Inglês da Universidade Estadual do Paraná, UNESPAR, *Campus* de Paranavaí, por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, o PIBID, a partir do subprojeto de Língua Portuguesa, sob a orientação da Professora

Doutora Luciana Ferreira Leal e a mediação da Professora da Educação básica Maria Aparecida Hernandes, titular das turmas.

O estudo tinha como âmbito analisar a recepção da estética literária do escritor brasileiro contemporâneo João Anzanello Carrascoza por alunos de 6º ano do ensino público. Para tanto, os acadêmicos utilizaram o método da sequência básica proposta por Rildo Cosson (2020) citada no início deste capítulo. As obras escolhidas foram os contos *Cristina* e *Medo*, do livro *Aquela Água Toda* de João Anzanello Carrascoza (2012). Ou seja, narrativas não necessariamente pensadas para crianças como ocorre em outros livros do autor. Percebe-se, portanto, uma proposta de análise de uma literatura não endereçada a crianças, mas perfeitamente compreensível por elas, com base em uma mediação articulada e que privilegie aspectos interessantes aos jovens leitores, a fim de que ocorra a democratização do acesso a obras artísticas muitas vezes não contempladas nas escolas, mas que são dotadas de uma grande literalidade.

A partir disso, sendo a leitura uma prática social e histórica e considerando que ela compreende três tipos de aprendizagem (aprendizagem da literatura, sobre ela e por meio dela), é condizente ressaltar que a leitura do texto é tão importante quanto as perspectivas que construímos por meio dela. Desta forma, “cabe ao professor fortalecer essa disposição crítica, levando seus alunos a ultrapassar o simples consumo de textos literários.” (COSSON, 2020, p. 47).

Iniciou-se, deste modo, a sequência básica com o conto “Medo”, de João Anzanello Carrascoza, relembando o autor e os textos já vistos em aula. Logo em seguida, os pibidianos apresentaram o livro e o conto a

ser trabalhado, então os alunos apresentaram suas antecipações, isto é, os caminhos que a história poderia percorrer de acordo com o título. Na motivação, realizaram-se questionamentos sobre o tema proposto, os quais envolviam a obra, suas ilustrações e as vivências dos alunos, estes dividiram pensamentos sobre como o medo é necessário e presente em vários momentos da vida. Ademais, cabe ressaltar que nesse primeiro momento também foi exposto uma nova proposta de leitura, individual, ou seja, aconteceria no domicílio dos estudantes, o que, por sua vez, seria um tanto quanto desafiadora, já que as práticas anteriores eram feitas por meio de leitura em voz alta e compartilhada, ou seja, sincronicamente.

No encontro seguinte, foi realizada a interpretação, uma das etapas mais importantes da sequência básica. Isso porque nos possibilita saber quantos alunos leram, os motivos de quem não realizou a leitura, as impressões e a forma como o conto foi interpretado por cada aluno. É um momento de troca, no qual pibidianos, alunos e a professora titular dividem opiniões e sentimentos, tornando o momento extremamente importante.

Os números, portanto, são: 6º A, 13 alunos, 8 leitores; 6º B, 15 alunos, 9 leitores; e 6º C, 13 alunos, 11 leitores. Considerando o contexto pandêmico e a modalidade remota de aulas, as práticas obtiveram sucesso. O conto, por sua vez, foi recebido de forma positiva pelos alunos, pois a maioria dividia os mesmos medos da personagem, o que acabou por criar um sentimento de empatia para com ela, tornando possível a realização das questões preparadas sobre a obra.

No 6º A, iniciou-se a motivação retomando brevemente o que já vinha sendo trabalhado pelos mediadores, com uma conversa um pouco informal. Após a leitura, os pibidianos realizaram alguns questionamentos sobre a temática do medo. Alguns alunos diziam já ter superado algum medo, outros ainda tinham de enfrentar.

Diante das respostas, os mediadores apresentaram uma ilustração do livro trabalhado e, com essa apresentação, os alunos tiveram diversas impressões, até mesmo colocaram seus medos como uma possível interpretação para a ilustração e título do conto. A partir disso, baseada na sequência de Rildo Cosson, foi proposta a leitura individual, a qual teriam apenas sete dias para realizarem. No primeiro momento ficaram surpresos, mas gostaram do desafio.

Na etapa da interpretação, os alunos disseram que mesmo a personagem principal tendo uma relação boa com a professora, ele possuía medo por causa dos colegas de sala. Ao obter a amizade de Diego, ele queria proteção do amigo que era pobre, por isso se aproximou da personagem para obter objetos que para ele eram valiosos. Alguns alunos disseram que a personagem Diego queria o dinheiro para comprar remédios, outros disseram que ele queria para comprar a bicicleta. Concluíram que houve um interesse por parte de ambos, era uma amizade estritamente com este fim. Apesar do texto não afirmar que a personagem usou o dinheiro para comprar a bicicleta, essa é a interpretação que tiveram ao ler o texto.

Os alunos quando questionados sobre a atitude de deixar o irmão levar a culpa por ter pegado o dinheiro, disseram que a personagem principal poderia ter falado para os pais, e que apesar do gesto, ele não

era um menino ruim, pois apenas estava com medo. Sendo esta lógica também aplicável a Diego. Ainda disseram que teriam relatado aos pais se algo do gênero ocorresse.

No 6º B, a motivação iniciou-se como na primeira turma e foi realizada com uma breve retomada do que já vinha sido trabalhado. Os pibidianos perguntaram se eles gostariam de ler uma história sobre medo e a resposta foi positiva, motivados pela curiosidade de entender o medo. Após os questionamentos sobre o que pensavam a respeito do conto, imaginaram que se tratasse de espíritos, fantasmas e animais peçonhentos.

Diante das antecipações, os mediadores apresentaram a proposta de leitura. Informaram os alunos que teriam uma semana para a realização da leitura. Após esta etapa, os alunos relataram que tiveram suas expectativas quebradas, entretanto, a leitura agradara-lhes de certa forma.

Depois da leitura, a turma concluiu que a amizade das personagens possuía uma moeda de troca; uma fazia pela outra apenas por receber algo por isso. Diego não possuía os objetos que o amigo tinha por ser pobre e poderia ter usado o dinheiro para comprar a bicicleta, assim como ter obtido de outra forma. Ainda observaram a personagem principal como ruim por não ter falado a verdade sobre o dinheiro para os pais, pois poderia ter dialogado sobre a situação. Por meio do conto viram como algumas pessoas aproveitam de outras e relataram que ambas as atitudes foram errôneas.

Na motivação com o 6º C foi feita a proposta baseada no método estudado, retomando os contos trabalhados, indagando o que a sala

esperava de um conto por esse nome. Eles então pensaram, de imediato, nos medos que possuíam; como escuro e morte. Então argumentaram que quando se é criança possui-se um certo medo, mas ao atingir a fase adulta surgem outros. Relataram que na vida adulta o medo é das contas para pagar, uma certa preocupação, segundo um aluno.

A discussão seguiu sobre os medos que tiveram ao deixarem o ensino fundamental I para o II e tiveram de mudar de escola. Os pibidianos argumentaram que existem vários tipos de medo, e que o conto poderia ter algo vivenciado ou não, mas para descobrir, eles precisariam ler. Essa era uma proposta diferente para eles, então ficaram surpresos e se sentiram desafiados. Para tanto, durante a interpretação, concluíram que o menino não era um “santinho” segundo uma aluna, mas de igual modo, a personagem Diego abusou do medo e de sua inocência. Alguns afirmaram terem vivido coisas parecidas, outros não.

Contudo, os alunos perceberam que a situação poderia ser resolvida por meio de uma conversa com um adulto e fizeram uma observação: a personagem principal não tinha nome. Então alguns alunos se colocaram no papel de personagem para viver o conto de uma forma que pudessem compreendê-lo melhor.

Houve grande semelhança nas respostas das turmas, dessa forma, concluímos que foi possível atingir o nosso objetivo, pois os estudantes aceitaram a proposta e se dedicaram à nova experiência. Além disso, foi muito gratificante, enriquecedor e surpreendente atuar com os 6º anos, uma vez que estes apresentaram pensamentos críticos diante de diversos assuntos, dentro e fora do texto.

Com o conto *Cristina*, os pibidianos apresentaram a proposta e especularam as opiniões dos alunos a respeito disso, então fizeram perguntas instigantes para motivá-los a ler. No próximo passo, foi apresentado o livro e o conto a ser trabalhado, a partir daí, foram feitas relações entre a leitura e a vida dos alunos, bem como perguntas sobre o título e o que esperavam do tema que a obra propõe. É importante ressaltar que na etapa de motivação foi feita uma análise da capa do livro e ilustração do conto, além de possíveis semelhanças com outros contos de Carraschoza lidos anteriormente, como “Vogal”, “Aquela Água Toda” e até mesmo “Medo”, de modo que os alunos pudessem imaginar e refletir sobre possíveis caminhos privilegiados no decorrer da leitura. Assim, eles usaram a intuição e percepção para fazer inferências.

Depois foi designada a leitura a ser realizada na esfera individual, quer dizer, no ambiente doméstico. Após isto, de forma síncrona, ou seja, na aula, a interpretação. Essa última etapa é uma das mais importantes, pois por meio dela é possível propor um diálogo entre leitor e autor, momento em que o aluno pode entrar em contato com diferentes pontos de vista, tornando possível analisar a recepção da obra escolhida.

Ou seja, o momento de interpretação, principalmente no estudo remoto, aproxima os alunos e permite um espaço dinâmico e interativo. Conforme disse uma aluna: “é muito bom conversar sobre temas diferentes, a gente se sente mais próximo”, outro acrescentou que “o PIBID traz muito aprendizado para mim, eu gosto quando vocês estão na nossa aula”, esses relatos fazem valer a pena todo o esforço e dedicação que o projeto requer. Em certo momento, os estudantes

discutiram a finitude do amor, refletiram sobre a relação de primos, que o texto põe em pauta e interligaram, com mediação dos pibidianos, o conto à frase de Charles Bukowski: “Há sempre uma mulher para nos salvar de outra”. Com isso, foi possível que eles percebessem a importância de um contexto, pois ler é muito mais amplo do que folhear um livro, logo, um espaço de interação entre leituras e conhecimentos se faz tão necessário.

O conto foi bem recebido nos sextos anos, sendo que o 6º. A teve menor desempenho, pois nove leram e dez não. Já no 6º. B, treze leram e dois não. E no 6º. C, de um total de quatorze alunos, treze leram, enquanto um não respondeu. De maneira geral, os alunos gostaram do conto, e conseguiram fazer inferências e apontamentos, alguns fizeram ligação com acontecimentos amorosos, outros até cogitaram que as personagens “Cristina” e “Teresa” fossem a mesma pessoa. Souberam indicar os momentos objetivos do conto, isto é, detalhes relativos à estrutura da narrativa. E surpreenderam-se com os caminhos tomados pela obra, quebrando as expectativas construídas na motivação.

Os estudantes falaram ainda sobre a ideia romântica em que o conto se sustenta, quer dizer, alguns relataram gostar de textos com esta temática, ao passo que outros afirmaram possuir uma certa preferência por contos de horror. Os alunos do sexto A, privilegiaram os atos de carinho e afeto que o narrador tem por Cristina e relataram experiências semelhantes. Falaram sobre o tempo atribuído a todas as coisas e sobre a importância do primeiro amor. Grande parte do sexto B entendeu a metáfora “dor oca” como sentimental e não física e interpretaram muito bem as figuras de linguagem do texto. Disseram

que as coisas boas e ruins são consequências dos atos. Utilizaram apontamentos a respeito de coisas da vida como a religião, que faz parte do cotidiano deles. No sexto C, interpretaram o caráter ansioso que o trecho “borboletas no estômago” representa e ainda disseram que o amor que a personagem sentia por Teresa fora passado para Cristina. Finalizaram classificando os acontecimentos bons e ruins como inevitáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma geral, pode ser considerado atingido o objetivo de localizar informações presentes no texto, estabelecer relações, realizar inferências e conferi-las ao longo da prática, além de os alunos conhecerem autores e obras novas, ampliando o conhecimento e adquirindo novas vivências. Percebe-se, deste modo, que tal como expõe Cosson (2020, p. 26), “a literatura é um lócus de conhecimento e, para que funcione como tal, convém ser explorada de maneira adequada” (2020, p. 26), ou seja, o livro só cumpre sua função humanizadora (CANDIDO, 1972) quando afeta e dialoga com o leitor, situação possível somente quando este está apto a fazê-lo, ou seja, é um letrado. O que faz com que a medição seja, não só viável, como necessária para que não se crie uma barreira entre o aluno e as obras literárias.

Deste modo, é importante que o estudante, enquanto letrado, tenha autonomia para escolher leituras que contemplem suas exigências e preferências, e que domine o gênero a tal ponto que possa inferir sobre ele, ou seja, interagir. A partir disso, o PIBID busca

democratizar o acesso a textos que não compõem a grade curricular e apresentar aos alunos autores que fogem aos seus conhecimentos, abrindo seu repertório de leitura.

Outra situação possibilitada pelo PIBID é a troca de experiências de leituras entre alunos do ensino fundamental, acadêmicos de Letras e professores da Educação básica. Isto permite que haja uma interação muito significativa, haja vista que sujeitos com vivências diferentes atuam sobre uma a mesma obra. Em consonância a isto, Cosson (2020) afirma que “[...] O ato de ler, mesmo realizado individualmente, torna-se uma atividade social”.

Com base na sequência de Rildo Cosson, após a leitura dos contos “Medo” e Cristina”, ambos de João Anzanello Carrascoza, os alunos receberam um questionário relacionado às obras. Sobre o primeiro, a pergunta foi: “Tendo como base o conto *Medo*, você considera que o medo é algo necessário ou desnecessário para o ser humano? Justifique.”

Diante dos questionamentos com cinquenta e quatro respostas, os alunos dividiram opiniões, alguns apenas se limitaram a responder sim e não, outros 41 justificaram declarando ser necessário sentir medo, pois veem como parte de todo ser humano e, desse modo, o indivíduo adquire coragem e atenção com as ações a serem realizadas. Outros 10 acham desnecessário o medo para vida, dois participantes tiveram dúvidas ao responder, e nove deixou em branco.

No mesmo formulário foi questionado “Quando o medo da personagem diminuía?”, referente à narrativa do conto “Medo”. Essa questão apresentava quatro opções de respostas, sendo elas: a)

Encontrou os pais depois de se perder na praia; b) Encontrou, aparentemente, uma amizade; c) Foi acalmado pela Tia Alda, que sempre sabia usar as palavras certas; d) Cresceu e percebeu que os medos só são grandes quando se é pequeno. Das quatro opções de respostas, 14,1% escolheram a opção A, 46% escolheram a opção B, 9,4% escolheram a opção C e 29,7% escolheram a opção D. Sabendo que esses dados se referem a 65 alunos.

Sobre o conto “Cristina”, a pergunta proposta tinha como fim saber como os alunos enxergaram a personagem homônima levando em consideração elementos de uma narrativa, tais como: protagonista, personagens secundários, antagonistas, entre outros. Deu-se, então, da seguinte forma: “Quem era a personagem Cristina no conto *Cristina*? Sendo as opções: a) Cristina é a personagem principal no conto *Cristina*, de João Anzanello Carrascho; b) Cristina é a prima da personagem principal, também narrador da história; c) Cristina é sobrinha de Tia Alda, que sempre sabia como resolver todas as situações; d) Cristina é a paixão do narrador-personagem, que a viu na escola e a convidou para o cinema.

A maior parte dos alunos, totalizando 63,1%, concordaram que Cristina não era a personagem central da narrativa, mas a paixão escolar no narrador. Em via oposta, 16,9% das respostas afirmaram que, na verdade, ela era a protagonista de história, número este que é igual à porcentagem de alunos que acreditaram que ela era a prima do narrador, que no caso, é Teresa. E apenas 3,1% julgaram a alternativa d correta.

Na última pergunta foi questionado como havia sido a experiência de lerem sozinhos os contos “Medo” e “Cristina” do mesmo autor. Com as seguintes opções: a) Li os dois de maneira tranquila porque já conhecia o autor e a forma que escrevia; b) Li os dois contos, mas foi difícil ler sozinho. É melhor quando os pibidianos leem na aula; c) Li os dois contos sozinhos. Apesar de ser melhor quando os pibidianos leem, considero muito importante a leitura... e d) Não consegui ler sozinho os dois contos. Obtivemos 65 respostas, 18,5% responderam a opção A, 23,1% escolheram a opção B e 58,5% a opção C. A única a qual não foi escolhida foi a letra D.

O questionário foi realizado e disponibilizado para três turmas de 6º ano, nas quais há a atuação do projeto de Língua Portuguesa. Concluímos com os resultados apresentados, ao final das sequências, que o projeto cumpriu seu objetivo, ampliando conhecimentos e contribuindo com a formação de leitores críticos.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. A Literatura e a formação do homem. **Ciência e cultura**, São Paulo. v. 9, n. 24, p. 803-809, set. 1972.
- CARRASCOZA, João Anzanello. **Aquela água toda**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2020.

5

A FORMAÇÃO DOS LEITORES NO ENSINO FUNDAMENTAL II: CONTO “MUNDO JUSTO” DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA EM DEBATE

Lucas Rafael Porfírio da Silva ¹

Louise Ribeiro dos Santos ²

Valéria Garcia Frederico ³

Thaís Fernanda de Sousa ⁴

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Durante o ano de 2021, foram realizadas diversas sequências didáticas com obras literárias com o objetivo de formar leitor o aluno do sexto ano. Foram lidos, analisados e discutidos com os alunos dos sextos anos os contos “Vogal”, “Aquela Água toda”, “Medo” e “Cristina” de João Anzanello Carrascoza. Durante as discussões notou-se que os alunos gostavam de música e a temática da morte sempre vinha à tona. Acredita-se que o contexto atual justifica o interesse dos alunos pela temática. A doença causada pelo novo corona vírus é considerada uma grave crise sob o ponto de vista epidemiológico e psicológico. Perdas são vividas em massa em curto espaço de tempo e a inexistência de rituais de despedida entre pessoas que estão prestes a morrer e seus familiares,

¹ Graduado em Letras – Português/Inglês (2022), da UNESPAR /Paranavaí e bolsista do PIBID/CAPES (2020-2021)

² Graduanda em Letras – Português/Inglês, da UNESPAR /Paranavaí e bolsista do PIBID/CAPES (2020-2022)

³ Graduanda em Letras – Português/Inglês, da UNESPAR /Paranavaí e bolsista do PIBID (2020-2022)

⁴ Graduanda em Letras – Português/Inglês (2022), da UNESPAR /Paranavaí e bolsista do PIBID/CAPES (2020-2022)

assim como a inexistência dos rituais funerários são fatores que complexificam a experiência de luto.

Nesse sentido, acreditou-se que seria possível realizar uma sequência tendo como base o *método recepcional*, proposto por Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira Aguiar (1988). Este método de formação de leitores é utilizado para que o aluno tenha participação ativa no processo de formação literária, e possui cinco etapas, sendo elas: determinação do horizonte de expectativas; atendimento do horizonte de expectativas; ruptura do horizonte de expectativas; questionamento do horizonte de expectativas; e ampliação do horizonte de expectativas.

Para a sondagem dos horizontes de expectativas utilizou-se as músicas “Dona Cila” de Maria Gadú e “Metade” de Oswaldo Montenegro; já para o atendimento aos horizontes de expectativas o texto usado foi o livro *No oco da avelã* de Muriel Mingau. O conto “Mundo justo” de João Anzanello Carraschoza foi o texto escolhido para realizar a ruptura dos horizontes de expectativas e livro *O meu amigo Pintor* de Lygia Bojunga favoreceu a ampliação dos horizontes de expectativas.

A leitura da obra *O meu amigo Pintor* (2004) ocorreu por meio de *leitura programada*, prática de leitura proposta por Carla Tocchet (2016), que consiste em expandir a capacidade de entendimento de textos com maior complexidade. A prática supracitada é realizada por meio da divisão do texto em partes crescentes, em que o aluno faz a leitura individualmente, para posterior discussão juntamente com a sala e com os pibidianos.

Após a finalização das práticas de leitura, realizou-se a aplicação de questionários referentes ao conhecimento dos alunos, a recepção das

obras e a interpretação do que foi lido. Questionários que foram extremamente relevantes para analisar os resultados do trabalho realizado e posterior divulgação dos dados obtidos.

MÉTODO RECEPCIONAL

O Método Recepcional, proposto por Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira Aguiar, é uma metodologia relacionada à formação de leitores. Este método é utilizado como uma maneira de dar voz ao leitor, de expandir o conhecimento do aluno e libertá-lo dos limites impostos pelos métodos tradicionais de ensino. É uma metodologia que pretende estimular o interesse do aluno e faz com que ele saia de sua zona de conforto, procure coisas diferentes, como, por exemplo, outros tipos de leitura. Para a aplicação do método em sala de aula, com três turmas de sextos anos, na Escola Estadual Bento Munhoz da Rocha, foi utilizado um tipo textual que já era familiar para o aluno, estimulando o seu interesse, para que ele pudesse compreender o texto abordado e participar ativamente das atividades propostas por meio do método utilizado.

O Método abordado possui quatro objetivos, são eles: efetuar leituras compreensivas e críticas, utilizando textos que o aluno já possui conhecimento ou que já foram trabalhados em algum momento; ser receptivo a novos textos e a leituras de outrem, por meio do que ele já conhece, introduzir outros tipos textuais e questionar as leituras efetuadas em relação ao seu próprio horizonte cultural. A partir do trabalho efetuado, o aluno será capaz de questionar o conhecimento

de mundo que ele possui e transformar os próprios horizontes de expectativas, bem como os do professor, da escola, da comunidade familiar e social, com a finalidade de promover o pensamento crítico de cada um.

Para alcançar os seus objetivos, o método recepcional é realizado por meio de cinco etapas: determinação do horizonte de expectativas; atendimento do horizonte de expectativas; ruptura do horizonte de expectativas; questionamento do horizonte de expectativas e ampliação do horizonte de expectativas. Isso faz com que o aluno desenvolva o seu senso crítico, abra a sua mente para novos conhecimentos e possibilita uma comparação do velho com o novo, do conhecido e do desconhecido.

A primeira etapa, *determinação do horizonte de expectativas*, é o momento em que o professor vai explorar os conhecimentos que o aluno já detém; a segunda etapa, *atendimento do horizonte de expectativas*, no que lhe concerne, busca incitar no aluno um interesse pela temática que será discutida de uma forma mais simplificada. A terceira etapa, *ruptura do horizonte de expectativas*, por sua vez, procura fazer com que o aluno se permita adquirir novos conhecimentos. A quarta etapa, *questionamento do horizonte de expectativas*, por sua parte, busca estimular o desenvolvimento do senso crítico do aluno-leitor, por meio de seu conhecimento pré-existente. Por fim, a quinta etapa, *ampliação do horizonte de expectativas*, tem como objetivo mostrar ao aluno o aprimoramento e os conhecimentos obtidos por meio da experiência com a leitura.

Sendo assim, para alcançar estes objetivos será necessário conectar, de alguma forma, o texto ao leitor. Por essa razão, os processos

do método recepcional, indubitavelmente, tornam-se imprescindíveis a serem seguidos, pois isto fará com que os dois objetos – texto e leitor – se comuniquem. Para tanto, ao introduzir ao leitor textos de acordo com seu conhecimento predecessor, o professor deve ir aumentando o grau de dificuldade da leitura, mas, da mesma forma, ainda seguindo os horizontes de expectativa que foram cogitados desde o início: “O método recepcional de ensino de literatura enfatiza a comparação entre o familiar e o novo [...] O processo de trabalho apoia-se no debate constante, em todas as suas formas: oral e escrito, consigo mesmo, com os colegas, com o professor e com os membros da comunidade.” (BORDINI; AGUIAR. 1998, p. 86)

Em suma, o Método Recepcional tem como uma de suas finalidades realizar a comparação entre o que o aluno já conhece e algo novo, com o qual ele venha se identificar, por meio do trabalho executado em sala. Nesse sentido, “o método recepcional de ensino funda-se na atitude participativa do aluno em contato com os diferentes textos” (BORDINI; AGUIAR. 1998, p. 85). Portanto, o aluno será exposto a diferentes tipos textuais, desde músicas às prosas mais complexas, além de fazer com que o aluno interaja com os textos e amplie o seu conhecimento e o seu senso crítico.

LEITURA PROGRAMADA

A realização da prática da Leitura Programada procura ampliar a capacidade de compreensão de textos mais extensos ou complexos, ampliando a proficiência em leitura dos alunos, programando essa

leitura parte a parte. Para esta prática é necessário que o professor leia a obra escolhida, dividindo-a em trechos ou partes, sendo que as partes irão aumentando exponencialmente, para ampliar a capacidade de leitura e compreensão do texto.

Posteriormente, o professor deve disponibilizar aos alunos o texto dividido em partes, de maneira que eles deverão ler a obra escolhida sequencialmente e dentro de um prazo determinado e fora do período escolar, ou seja, a leitura deverá ser realizada em partes e individualmente.

Após a realização dessa leitura, o professor deverá levantar os aspectos referentes à obra lida com os alunos em sala, promovendo uma discussão coletiva sobre a obra, levando em consideração a percepção e compreensão dos alunos sobre a leitura realizada. Conforme Carla Tocchet (2016, p. 632-633) considera: “o trabalho de discussão coletiva compreende a mobilização de capacidades de leitura para atribuição de sentidos ao texto, considerando suas características específicas. No espaço da formação continuada, a leitura programada aparece como uma estratégia formativa.”

A prática da leitura programada, em que há a proposição de compartilhar o que foi lido, pode ser considerada uma das melhores maneiras de formar leitores. Isto acontece pela oportunidade de compartilhar o que foi lido individualmente com os demais leitores, ou seja, “uma ponte do individual ao coletivo” (COLOMER, 2007, p. 144).

PRÁTICAS DE LEITURA

MÚSICAS

Realizou-se um trabalho com os 6º anos do Colégio Estadual Professor Bento Munhoz da Rocha Neto, em Paranavaí. As aulas foram todas realizadas via *Google Meet*, devido à pandemia Covid 19, que impossibilitou, por um período, as aulas presenciais. No entanto, isto não atrapalhou o trabalho nem a participação dos estudantes.

Para dar início ao Método Recepcional, determinando o horizonte de expectativas, utilizou-se um tipo de texto que os estudantes já tinham familiaridade, a música. Apresentou-se primeiramente a música *Metade* de Oswaldo Montenegro, os estudantes não conheciam a música e nem seu intérprete, porém a maioria gostou da música e achou bem diferente a forma como é cantada, em versos. A segunda música foi *Dona Cila* de Maria Gadú, a maioria já conhecia a música, mas não sua intérprete, e todos gostaram da música.

Realizou-se o trabalho de interpretação das letras e averiguou-se o que os estudantes sabiam, conduzindo-os para o tema comum entre as letras, que é a morte e a passagem do tempo

Esse é o primeiro passo do método recepcional, a sondagem dos horizontes de expectativas dos alunos. É fundamental entender os conhecimentos que a turma já tem ou não tem sobre o que será trabalhado para que as práticas de leituras sejam preparadas. Todo leitor possui uma experiência de mundo e de vida que sofrerá alterações com a experiência da obra literária. No caso, estas turmas estavam

desejosas de textos sobre a temática da morte e a familiaridade delas era com textos curtos.

NO OCO DA AVELÃ (2013)

O livro *No oco da avelã* (2013) escrito por Muriel Mingau aborda o tema da morte e foi utilizado para atender o horizonte de expectativas dos estudantes. E conta a história de Paul, um garoto que encontra a morte, sabendo que ela pretende buscar sua mãe. A obra de Muriel Mingau chamou a atenção dos alunos dos sextos anos, porque se trata de um livro que explora a temática da morte de forma leve, por meio de ilustrações instigantes e retrata um menino que se encontra com a morte que estava a caminho de buscar sua mãe e, para salvá-la, acaba aprisionando a morte em uma avelã.

Após a apresentação da obra e da autora (destaca-se que os alunos ainda não conheciam a autora), somente por meio da observação da capa, que contém uma ilustração feita por Carmem Segovia, os alunos fizeram antecipações sobre a temática “morte”. Bem como a ilustração da capa, o título da obra, “No oco da avelã”, despertou curiosidade dos alunos. Diante disso, as antecipações foram diversas, em que alguns alunos acreditavam que a morte comeria uma avelã contendo uma pessoa dentro, outros alunos deduziram que alguém tentaria pegar uma avelã, e até colocaram que o livro poderia abordar o suicídio, e alguém por se sentir vazio assim como a avelã que é oca, o cometeria. De forma geral, pode-se afirmar que os alunos tiveram algumas antecipações relacionadas à morte, e isso se deu por meio da ilustração de uma foice

na capa do livro, pois, segundo os alunos, a foice costuma representar a morte.

Durante a leitura da obra, que foi mediada pelos pibidianos via *Google Meet*, em duas aulas, ou seja, a leitura foi realizada em duas partes, os alunos foram atenciosos e reflexivos, observando as ilustrações de Carmem Segovia distribuídas pelo livro, que trouxeram um diferencial para a obra, causando impactos positivos nos alunos. Deve-se destacar que os alunos foram receptivos com o tema abordado, e relataram que a morte é triste, mas deve ser aceita, pois é inevitável, além disso, disseram que a morte pode ser superada, acreditando que é necessário falar sobre ela, pois se a morte não existisse, ninguém viveria.

“MUNDO JUSTO”

A prática de leitura compartilhada foi realizada com as turmas de 6º ano do Colégio Estadual Professor Bento Munhoz da Rocha Neto (Polo), com o intuito de analisar o conto “Mundo Justo”, que está presente no livro *Aquela água toda* (2021), de João Anzanello Carrascoza. Essa prática de leitura permite que o aluno tenha um contato mais próximo com o texto, o que o torna uma excelente ferramenta para a formação do leitor. No que tange à realização da prática de leitura compartilhada, ela se dá quando todos os alunos têm o texto consigo para que a leitura seja feita em voz alta pelo professor e acompanhada pelos alunos. Não obstante, devido ao contexto atual, em vez de disponibilizar para cada aluno uma cópia do texto – como normalmente

seria feito em sala de aula presencial – foi necessário fazer o compartilhamento de tela pelo aplicativo *Google Meet* para que todos tivessem acesso ao texto durante a leitura. A proposição de leitura desse conto objetivou a ruptura do horizonte de expectativas, uma vez que, mesmo sendo um texto de um autor já lido pelos estudantes, é pleno de metáforas e figuras de linguagem, exigindo assim, mais participação do leitor para a realização da interpretação.

Esse conto é muito interessante porque conta a história de um menino que percebe que na vida sempre que há uma vitória, haverá também uma derrota. Aqui é possível interpretar como uma espécie de equilíbrio do universo que, diante de uma das experiências da personagem que experimenta uma das maiores vitórias de sua vida, conseqüentemente, experimenta uma das maiores derrotas: acidente fatal do irmão nos trilhos do trem.

Em um primeiro momento, para iniciar a prática de leitura com a turma, provocou-se os alunos com relação ao texto que se leu. Dessa forma, foi realizada a seguinte pergunta: “o que vocês pensam que o título pode dizer da história que será ouvida?” e, a partir das respostas dadas pelos alunos, foi-se incitando-os a pensarem e refletirem sobre os possíveis acontecimentos da narrativa. Assim, no decorrer da leitura, estabeleceu-se pausas para que fossem realizados questionamentos sobre o que estava sendo lido e, fazendo deste modo, conseguiu-se prender a atenção dos alunos. Após a finalização da leitura, voltou-se ao questionamento inicial e comparou-se com o que de fato aconteceu na narrativa, ou seja, perguntou-se se o que eles ouviram durante a leitura estava de acordo ou não com antecipações realizadas.

Para tanto, quando a prática foi aplicada nas turmas de sextos anos, foi visto que, nos questionamentos iniciais, no que se refere aos seus pensamentos sobre o que se passa na história por meio do título do texto, os alunos deram várias opiniões, as quais tendiam a relacionar com justiça e igualdade e, também, era perceptível que eles levavam em conta as suas vivências e a situação da sociedade atualmente – relacionaram o texto com preconceitos vividos, com o atual governo e seu líder, no geral, pôde-se perceber como os alunos demonstraram bastante criticidade no assunto que o texto abordava e, além disso, eles também foram capazes de mostrar como que, de certa forma, era um assunto presente no cotidiano de cada um.

No entanto, apesar da prática realizada com o conto “Mundo justo” ter sido bem recebida pelos alunos, houve grande questionamento por parte dos sextos anos por se tratar de um conto que desperta a tristeza de quem o lê, de maneira geral, indagaram sobre a forma que o mundo é apresentado a eles – ora sendo bom, ora sendo mau –, para tanto, foi muito compreendida a ideia que o conto destaca: a vida é plena de opostos e contradições, o que acarretou em muitas histórias contadas pelos alunos.

É importante destacar que, no decorrer da aula, há aqueles estudantes que sempre participam e, por outro lado, aqueles que sentem mais dificuldade de falar, por isso, esta prática de leitura foi muito positiva, pois alguns estudantes que até o momento não eram tão participativos, depois desse conto houve um despertar, isto é, com o incentivo e troca de ideias, aos poucos, foi possível dar voz a quem ainda não conseguia se expressar de forma alguma. Nesse sentido, esse ponto

merece destaque: a participação daqueles que são tímidos ou dos que mostraram ter menos interesse na aula. Desse modo, no que se refere aos alunos que costumam ser mais participativos da prática, muitas vezes trazem ideias e reflexões pertinentes à prática realizada, mas conforme vão falando, começam a se empolgar e acabam fugindo do assunto em questão e, ainda, às vezes intimidando os outros que têm mais dificuldades de se comunicar, levando-os a ficar em silêncio. Para tanto, como forma de incentivar os mais tímidos a participar, eles foram chamados por seus respectivos nomes e, conseqüentemente, foram conseguindo falar, apesar da vergonha ou receio.

O livro traz consigo uma mistura de linguagem simples e complexa, na qual, é possível observar a forma que a narrativa é recepcionada pelos alunos, fazendo-os pensar sobre si e, ao mesmo tempo, sobre o mundo que os cerca. No tocante à parte da interpretação, alguns alunos mostraram ter dificuldades na identificação de certos aspectos narrativos do conto, já outros demonstraram facilidade de entender o conto e também todas as metáforas presentes nele.

Ao fim dessa leitura, questionou-se os horizontes de expectativas, que é o momento de confronto e debate com base nas leituras realizadas na segunda e na terceira etapas, possibilitando que o aluno compreenda que o texto lido na etapa da ruptura requisitou-lhe um grau mais elevado de análise, oportunizando-lhe mais entendimento e expandindo seu horizonte de expectativas. É a fase em que são comparados os dois momentos anteriores, confirmando que a mediação que se realiza com a leitura do texto possibilita o entendimento do mesmo. O conto e a narrativa mais longa possuem um caráter artístico

elevado e de leitura mais complexa e foram percebidos como mais desafiadores do que as músicas, mas não menos apreciados e admirados.

O trabalho de leitura, análise e discussão do livro *No oco da avelã* e do conto “Mundo justo” possibilitaram que os sextos anos refletissem sobre os textos literários lidos até o momento e, por meio dessa reflexão, decidiram quais deles exigiram um nível maior de reflexão e um maior grau de satisfação. Esse é um momento muito importante. É momento em que os alunos examinam suas respostas e posturas frente aos textos. A narrativa mais longa e o conto possuem um caráter artístico elevado e de leitura mais complexa.

O MEU AMIGO PINTOR (1986)

Para ampliar o horizonte de expectativa, os alunos leram o livro *O meu amigo Pintor* (1986) de Lygia Bojunga. Nesse método, os alunos partem de leituras de obras próximas de seus horizontes de expectativas para, progressivamente, ampliar esses horizontes por meio de diferentes tipos de textos literários com níveis estéticos distintos. A ampliação significa que os alunos ganham autonomia com as leituras que realizam.

Essa obra exigiu mais dos estudantes porque, além de terem realizado a leitura individualmente, o livro narra uma temática complexa de forma sutil. A obra de Lygia Bojunga retrata a história de um menino que busca entender a morte após seu amigo Pintor ter morrido de forma trágica, a qual o menino não consegue compreender, nesse sentido, o livro trata dessa tentativa de compreensão.

Vale salientar que *O Meu amigo Pintor* foi a primeira narrativa longa trabalhada com os alunos, por esse motivo o livro foi trabalhado por meio da prática da leitura programada. Nesse sentido, o livro foi dividido em três partes e, a cada semana, foi disponibilizada uma delas para que fosse lida para o próximo encontro. Para tanto, os alunos poderiam tirar suas dúvidas e compartilhar os apontamentos referentes à obra. Nessa perspectiva, ao estimular e motivar os alunos foi possível propiciar a eles a possibilidade de conseguirem interagir e discutir sobre os aspectos que estão presentes na narrativa.

RESULTADOS

Após a finalização da prática de leitura realizada com os 6º anos, foi disponibilizado aos alunos um formulário, com questões a respeito da prática realizada, para que fosse possível analisar a participação e aproveitamento que os alunos obtiveram por meio das práticas de leitura trabalhadas. No formulário, foram contabilizadas em cada questão um total de 57 respostas, o que evidencia que todos os alunos que tiveram acesso ao formulário o responderam, vale ressaltar que nem todos os alunos das três turmas de 6º ano tiveram a oportunidade de participar, desde o começo, do projeto do PIBID, pelo fato de não possuírem acesso à internet.

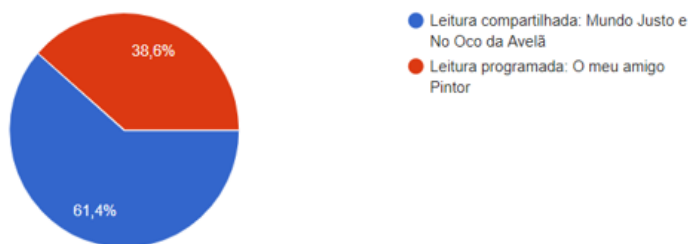
O formulário em questão refere-se às práticas realizadas com as músicas *Dona Cila* de Maria Gadú e *Metade* de Oswaldo Montenegro; com o conto *Mundo Justo*, de João Anzanello Carrascoza; com o livro *No Oco da Avelã*, de Muriel Mingau e com a obra *O Meu Amigo Pintor*, de Lygia

Bojunga. Totalizando nove questões, o formulário apresenta tanto questões objetivas, quanto discursivas, que visam quantificar o aproveitamento dos alunos.

Depois de todo o trabalho realizado com o 6º ano, aplicou-se um formulário para que os alunos respondessem de acordo com suas experiências. Assim, ao perguntar se a visão de cada um a respeito da morte havia mudado obteve-se respostas bem divergentes, sendo as que mais chamaram a atenção:

- 1 - “Acho que a morte é algo necessário, o desapego é algo bem importante. Acredito que a morte venha para levar a pessoa para um lugar melhor, reencarnar e nascer como uma versão melhor”.
- 2 - “Antes eu pensava igual o Paul, queria jogar a morte pra fora do mundo, mas agora meu pensamento mudou porque eu aprendi que sem a morte a vida não seria a mesma”.
- 3 - “Se a morte ficasse presa tudo isso ia ser um caos”.
- 4 - “A morte era uma coisa depressiva triste ruim, mas agora eu entendo melhor o que é a morte ela é uma coisa da nossa vida todo mundo vai morrer um dia então sem a morte talvez a gente não vivesse, a morte é uma triste realidade”.

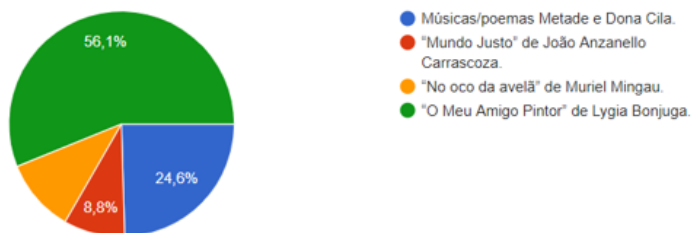
Por conseguinte, com relação às diferentes práticas de leitura que foram realizadas, o questionamento foi qual a parte que eles mais gostaram.



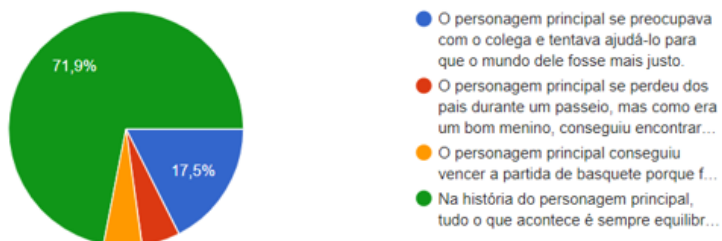
Questionou-se também acerca das preferências dos estudantes pelas práticas realizadas: “Qual prática de leitura vocês mais gostaram?”. Por meio das respostas obtidas, verificou-se que a maior parte dos estudantes (61,4) preferiram a prática de leitura compartilhada, realizada com os textos *Mundo Justo* e *No Oco da Avelã*, prática onde a leitura foi feita por um pibidiano e com os alunos acompanhando o texto ao mesmo tempo, discutindo parte por parte. Já a prática de leitura programada, realizada com a narrativa longa *O Meu Amigo Pintor*, foi a menos preferida pelos alunos (38,6%), prática essa que consistia em que os alunos lessem sozinhos, em casa, parte por parte, a narrativa inteira. Sob esse ângulo, as leituras foram bem distintas e desafiadoras para os alunos e, com isso, indagou-se qual seria a que mais exigiu deles e, como é possível verificar no gráfico, sobressaiu-se *O meu amigo Pintor* de Lygia Bojunga.

No que tange à questão apresentada, “Qual foi o texto mais desafiador para sua leitura? Qual exigiu mais de você?”, pretendia investigar qual texto os alunos tiveram mais dificuldade de ler. De acordo com as respostas obtidas, verificou-se que os alunos tiveram mais dificuldade com a narrativa longa *O Meu Amigo Pintor*, de Lygia

Bojunga, a primeira leitura de uma narrativa longa que eles fizeram e sozinhos:



Como é possível perceber, o conto *Mundo Justo*, de João Anzanello Carraschoza, não exigiu tanto dos alunos porque a prática de leitura foi compartilhada e porque fora trabalhado com antecedência, outros contos do mesmo livro. No entanto, ao verificar o próximo gráfico, é perceptível perceber que a maioria dos alunos entendeu o conto.



A questão presente no formulário: “Qual o sentido do título *Mundo Justo* do conto de João Anzanello Carraschoza?” tinha como objetivo investigar se os alunos conseguiram compreender o porquê de tal título, após saberem tudo o que se passa na história. E, por meio das respostas obtidas, verificou-se que grande parte dos alunos (71,9%) conseguiu

compreender o conto e o porquê dele ter recebido o título de *Mundo Justo*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todas as observações feitas e a partir da análise do questionário e das práticas de leitura realizadas, pode-se notar que foi extremamente pertinente a análise dos dados, pois, por meio da observação dos resultados, se tornou possível acompanhar as preferências e o entendimento dos alunos acerca das obras e práticas que foram trabalhadas. Portanto, observou-se a grande participação dos alunos, tanto nas práticas de leitura quanto no questionário, o que por si só já caracteriza um bom aproveitamento do projeto. Com o final da análise dos resultados dos questionários, verificou-se o andamento do trabalho, com resultados positivos e, ainda, as possíveis mudanças que podem ser feitas para melhorar a experiência de leitura tanto dos alunos participantes quanto dos pibidianos.

Sendo assim, toda a análise e organização de conteúdos trouxe consigo uma experiência substancial para a formação dos pibidianos enquanto futuros professores. Por esse ângulo, além de haver uma dedicação anterior referente às pesquisas e leituras, a aprendizagem também se estende durante a aplicação do plano em sala de aula, em que é necessário se fazer preparado para os possíveis contratempos de ensino/aprendizagem que podem não estar de acordo com o cronograma realizado.

REFERÊNCIAS

- BOJUNGA, Lygia. **O meu amigo Pintor**. 24 ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2004.
- BORDINI, Maria da Glória e AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura – a formação do leitor**: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988, p. 81 a 102.
- CARRASCOZA, João Anzanello. **Aquela água toda**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola São Paulo: Global, 2007.
- MINGAU, Muriel. **No oco da avelã**. Ilustrações de Carmen Segovia. São Paulo: Edições SM, 2013.
- TOCCHET, Carla. **A Formação dos formadores de professores com foco na ampliação da proficiência leitora de textos literários**. In: Actas del III Seminario Nacional de La Red Estrado. La Plata - Argentina, 2016.

6

A OBRA DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA NO ENSINO FUNDAMENTAL II: *CALEIDOSCÓPIO DE VIDAS* (2019)

*Camila Gomes Meurer*¹

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente capítulo analisará a recepção do livro *Caleidoscópio de vidas* (2019), de João Anzanello Carrascoza. Serão expostas, nesta análise, algumas obras literárias pertencentes ao autor, e principalmente a recepção da obra *Caleidoscópio de vidas* (2019), por alunos de três nonos anos do Colégio estadual Prof. Bento Munhoz da Rocha Neto (Unidade Polo), de Paranavaí/PR.

O projeto “A recepção da obra de João Anzanello Carrascoza no Ensino Fundamental II: *Caleidoscópio de vidas* (2019)” foi executado presencialmente em uma escola estadual de Paranavaí, no Paraná. Foram envolvidas três turmas de nonos anos, incluindo a professora responsável pelas turmas. Os encontros ocorreram nos meses de junho a agosto de 2022, às quartas-feiras, perdurando 50 minutos por turma. Ao longo dos nove encontros com cada sala, foi possível enxergar o progressivo desempenho e o envolvimento dos alunos para com a obra do autor, despertando a curiosidade pelos contos e os assuntos abordados no contexto temático do livro. Com base nesse

¹ Graduanda em Letras – Português/Inglês da UNESPAR/Paranavaí e bolsista do PIBIC/FA (2022)

enquadramento, as práticas mostraram-se extremamente importantes, já que os discentes precisam de estímulos literários ainda maiores nos dias atuais, onde se encontram tão absortos com as novas tecnologias.

Ao abordar o livro *Caleidoscópio de vidas* (2019), também é preciso apresentar um pouco de seu autor e professor João Luís Anzanello Carrascoza, que nasceu no dia 08 de maio de 1962, no município de Cravinhos em São Paulo (SP). Ainda jovem, mudou-se para São Paulo para cursar Publicidade, profissão em que uniu o gosto por histórias à arte de vender. Como redator publicitário, atuou, durante vinte anos, em grandes agências de propaganda do país. Enquanto criava campanhas para grandes marcas, além de dar aulas na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, onde se formou e, mais tarde, fez Mestrado e Doutorado.

Além da função formativa e da titulação acadêmica, Carrascoza é escritor e escreve livros de contos e romances infantojuvenis e adultos, que lhe renderam prêmios nacionais, a exemplo do Jabuti (2007; 2013 e 2015), da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (2012; 2014; 2015; 2017; 2018 e 2020), e internacionais, como o Guimarães Rosa/Radio France (1993) e o The White Ravens/Library Munich (2013).

Destaca-se, no presente capítulo, dentre os mais de 60 livros escritos por João Anzanello Carrascoza, a obra *Caleidoscópio de vidas* (2019). Trata-se de um livro muito singular, dividido em três contos, sendo eles denominados como: “Os catadores”, “O menino das capas de chuva” e “O velho estivador”, cada qual focando em uma perspectiva diferente sobre a vida, mas que são ao mesmo tempo unidos por um laço familiar. Sua narrativa é composta por poesia em prosa que é capaz de

tocar de uma maneira muito sensível. O autor consegue, em poucas palavras, dissecar sentimentos profundos e abstratos, aquilo que sentimos mas não sabemos explicar.

Para a realização desse projeto, que objetivou um aprofundamento didático, inicialmente, utilizando-se de uma pesquisa bibliográfica, a qual proporcionou o embasamento teórico, assim como afirma Antonio Candido (1989, p. 122). “[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob a pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza”. Antonio Candido constata três funções exercidas pela Literatura, sendo elas: função psicológica, função formadora e função social, essas, em seu conjunto, denomina a função humanizadora da Literatura. Fez-se parte deste estudo a obra: *Literatura - a formação do leitor: alternativas metodológicas* (1998) de Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira Aguiar, utilizando-se do método recepcional apresentado pelas autoras.

Em outro momento, passou-se a realizar a pesquisa de campo, que segundo Lakatos e Marconi (2011, p. 69), a pesquisa de campo “consiste na observação de fatos e fenômenos, tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los”.

Com isso, como instrumento de coleta de dados, fizemos o uso de um questionário, pois, conforme GIL (2011, p. 121), “o questionário é uma técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações.” Este questionário foi aplicado presencialmente em sala de aula, com o

objetivo de que os participantes do projeto expressassem suas opiniões e perspectivas não somente de forma escrita, mas também, a ilustrativa, nos dando os dados precisos para a pesquisa.

A PRÁTICA EM SALA DE AULA

Para a formação de leitores dentro da sala de aula, são necessárias várias estratégias com o objetivo de despertar o interesse e a curiosidade dos alunos pela leitura. Rildo Cosson (2021) ressalta que a prática da leitura compartilhada se trata de uma estratégia didática que faz os alunos discutirem entre si os seus respectivos pontos de vista, “essa discussão pode assumir uma forma mais estruturada, em que cada leitor tem uma função predefinida” (COSSON, 2021, p. 9) de determinadas obras.

No entanto, ao considerar os poucos minutos de aula da disciplina de Língua Portuguesa para trabalhar com livros e autores dando a devida atenção às suas obras, às vezes estruturas escolares precárias ou a redução atual sobre a leitura, encontra-se grande dificuldade para que as práticas literárias sejam introduzidas no ambiente acadêmico.

Por essas razões, buscou-se um método atrativo que convidasse os discentes de maneira mais aberta e completa de recepcionar a obra *Caleidoscópio de vidas* (2019) com mais ânimo e interesse. Por isso, considerando a afirmação de Paulo Freire (1996, p. 25) sobre “a teoria sem a prática vira 'verbalismo', assim como a prática sem teoria, vira ativismo; no entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade”, ao ministrar todos

os encontros para a realização da pesquisa, houve uma tentativa de proximidade com a realidade dos alunos, por meio de exposições de músicas escolhidas, com o intuito de inserir os alunos dentro da temática presente nas obras de Carrascoza e os deixarem livres para realizar questionamentos e especulações, segundo o contexto atribuído pelas composições, sendo elas: “Pais e filhos”, da banda Legião Urbana e “Joanne” da cantora Lady Gaga. Essa ação, felizmente, foi retribuída com a atenção, ativa participação e disposição, proporcionando diálogos e relatos para além do conteúdo tratado sobre as obras de Carrascoza e um aprofundamento da temática abordada pelo autor, principalmente sobre a esperança, o amor, a perda, a vida e o amadurecimento.

Sendo assim, o método de recepção de Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira Aguiar, em *Literatura – a formação do leitor: alternativas metodológicas* (1998), foram introduzidas à prática, tendo como o objetivo a motivação dos discentes, “na sala de aula o primeiro passo do professor seria o de efetuar a determinação do horizonte de expectativas da classe, a fim de prever estratégias de ruptura e transformação do mesmo” (BORDINI; AGUIAR, 1998, p. 82). Isso ocorreu devido ao colégio de Paranavaí/PR, onde as práticas ocorreram com três nonos anos, já possuir um projeto de leitura bem aplicado entre os alunos pela professora de Língua Portuguesa, com auxílio da biblioteca do colégio com a disponibilização dos livros. Contudo, com os tempos atuais pós pandemia, os alunos pareciam ter reduzido o seu gosto pela leitura, deixando um tanto desafiadora a metodologia das práticas de leitura na sala de aula que foi se recuperando ao longo dos encontros, tendo como vista o interesse dos discentes pelas obras de Carrascoza.

A motivação apresentou-se, para Rildo Cosson, na produção *Letramento Literário: teoria e prática* (2006), como essencial para a composição de leitores, principalmente no ensino fundamental, quando a criatividade e a visão de mundo são ainda mais intensas e esclarecedoras para as descobertas do próprio indivíduo. Por isso, o autor sugere livros que sejam atrativos para essa idade, curtos e divertidos, ainda que reflexivos (COSSON, 2006, p. 21).

Dessa maneira, com antecedência à apresentação da obra *Caleidoscópio de vidas* (2019), houve a seleção cuidadosa de um conto de João Anzanello Carrascoza, já que se trata de um texto curto, com tema próximo à realidade dos discentes.

À vista disso, o conto trabalhado foi “Nova casa”, do livro *A vida naquela hora* (2019), em que “todos” se lembravam dos primeiros dias de quando a família estava realizando a mudança para a nova casa. Todos ali chegaram muito alegres e cheios de energia, organizando e arrumando tudo o que era preciso para se instalarem devidamente no novo local.

Fica evidente, no decorrer do texto, os diferentes planos que cada um continha para aquele novo lar, aquela nova vida e talvez até mesmo um recomeço. Entretanto, uma nova inquilina iniciou a se fazer presente na cabeça da mãe daquela família, as dores. Mesmo a mãe sendo o principal pilar da harmonização familiar, que sempre buscava demonstrar estar forte e acessível para qualquer dificuldade e situação, acabou sendo estagnada por essas dores que se tornaram ainda mais frequentes conforme o tempo. Assim como a família se acostumava com a nova casa e a ordem das coisas, a mãe se acostumava com suas dores,

até que não estivessem mais lá. Portanto, quando a “mãe se foi para sempre”, se lembravam que desde aqueles primeiros dias da mudança, ela começara a se ausentar entre eles.

A partir desse contexto, foi possível levantar algumas indagações aos participantes do projeto em relação a diversos aspectos. Com isso, a discussão do conto lido por meio da leitura compartilhada, se formou um debate com relatos pessoais dos mesmos sobre esse tema, ressaltando que a prática da leitura e o contato com as obras resultam em uma amplificação do conhecimento para o próprio indivíduo em sua formação, fatores os quais permitem ao discente ampliar sua visão de mundo.

A finalidade da leitura compartilhada ou leitura colaborativa é a de trabalhar com as capacidades de leitura, estudando o texto coletivamente, por meio de leitura que mobilize nos estudantes capacidades (estratégias) de leituras necessárias para a construção da sua proficiência. O estudante pode aprender sobre a estrutura do texto e sobre os diferentes suportes, apreciar textos bem escritos, compartilhar os sentidos e significados construídos a partir do texto. Esta prática de leitura permite reler um parágrafo para, por exemplo, buscar apoio na argumentação. (BRÄKLING, 2008). Por esse motivo, todos os alunos precisam ter acesso ao texto, seja impresso, seja projetado. No caso dessa pesquisa, os contos foram projetados.

Com isso, por meio de uma unidade comunicativa, que transparece o valor ideológico do interlocutor em torno do conteúdo sobreposto, se pode concluir que a leitura e a formação de leitores são realmente essenciais para a formação do indivíduo.

Para a realização da pesquisa de campo prevista pelo projeto, foi apresentado uma breve bibliografia do autor, João Anzanello Carrascoza e algumas de suas obras, tendo em vista algumas de suas premiações, o que curiosamente chamou mais a atenção dos jovens discentes e o interesse por mais obras do autor.

Em vista disso, após a breve apresentação do autor, finalmente foi exposto às turmas de nonos anos a estética da obra *Caleidoscópio de Vidas* (2019), “o processo de recepção se inicia antes do contato do leitor com o texto” (BORDINI; AGUIAR, 1998, p. 87), tendo como objetivo convidar os alunos a se interessarem pelo que continha no seu interior. Assim, podemos ter em vista o que Bordini e Aguiar explicam em *Literatura – a formação do leitor: alternativas metodológicas* (1998):

A recepção é concebida, pelos teóricos alemães da escola de Constança, como uma concretização pertinente e à estrutura da obra, tanto no momento da sua produção como no momento da sua leitura [...] Para Ingarden, o exame do modo de ser da obra literária descobre que ela é uma estrutura lingüístico-imaginária, permeada de pontos de indeterminação e de esquemas potenciais de impressões sensoriais, os quais, no ato de criação ou da leitura, são preenchidos e atualizados, transformando o que era trabalho artístico do criador em objeto estético do leitor (cf. Ingarden, 1973) (BORDINI; AGUIAR, 1998, p. 82).

Portanto, o livro contém um design chamativo, criativo e interativo para com o leitor. A capa é uma espécie de colagem, construída com recortes de papel e outros elementos, que cria um cenário lúdico, relacionando as três histórias que se desenvolvem em tempos diferentes no cenário do Rio de Janeiro, como um caleidoscópio. Fortalecendo a representação de um caleidoscópio, o projeto gráfico do

livro é constituído por três blocos que se articulam entre si, tanto de forma material quanto de forma textual.

Dessa maneira, a teoria da estética da recepção, de Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira Aguiar, em *Literatura – a formação do leitor: alternativas metodológicas* (1998), foi aplicada a partir da leitura de *Caleidoscópio de vidas* (2019) e rendeu nos encontros realizados para a coleta de dados em campo um visível debate sobre o tema iniciado nas outras aulas do projeto, assim sendo, a esperança, a vida, a perda, o amadurecimento e o amor.

As autoras destacam cinco métodos de trabalho com o texto literário, definidos a partir de concepções teóricas distintas. Entre eles, encontra-se o Método Recepcional, cuja base teórica é a Estética da Recepção, de Hans Robert Jauss, destacando-se, entre os demais, por colocar em evidência a recepção do texto literário pelo leitor e colocar este aspecto como ponto central do trabalho com a literatura.

Nesse sentido, o método recepcional consiste em cinco etapas, são elas: sondagem dos horizontes de expectativas, atendimento aos horizontes de expectativas, ruptura dos horizontes de expectativas, questionamento dos horizontes de expectativas e ampliação dos horizontes de expectativas.

A primeira etapa “sondagem dos horizontes de expectativa” representa a determinação do horizonte de expectativas por meio da realização do diagnóstico da realidade sociocultural do aluno, suas preferências, seus interesses e nível de leitura, gêneros e temas, mediante observações, diálogos, questionários e debates.

A segunda etapa “atendimento aos horizontes de expectativas” constitui-se no momento em que o professor leva para a sala de aula textos que satisfaçam as expectativas dos alunos em relação aos temas e gêneros escolhidos. Ou seja, é o momento em que o professor responde aos desejos e anseios dos alunos, levando para a sala de aula temáticas e textos que os alunos desejam.

A terceira etapa, intitulada “ruptura dos horizontes de expectativas”, implica no trabalho com obras que desestabilizem as certezas e hábitos dos alunos, no que diz respeito às experiências literárias. Nessa etapa, o professor deve trabalhar com textos análogos aos anteriores, seja no que diz respeito à temática ou forma, no entanto, a fim de que haja o rompimento dos horizontes de expectativas, o professor precisa levar obras que possibilitam a ampliação dos conhecimentos dos alunos. Dessa maneira, o professor ao mesmo tempo em que respeita a experiência dos alunos, partindo das suas expectativas exige mais dos mesmos.

[...] o texto pode confirmar ou perturbar esse horizonte, em termos das expectativas do leitor, que o recebe e julga por tudo o que já conhece e aceita. O texto, quanto mais se distancia do que o leitor espera dele por hábito, mais altera os limites desse horizonte de expectativas, ampliando-os. Isso ocorre porque novas possibilidades de viver e de se expressar foram aceitas e acrescentadas às possibilidades de experiência do sujeito. Se a obra se distancia tanto do que é familiar que se torna irreconhecível, não se dá a aceitação e o horizonte permanece imóvel. (AGUIAR; BORDINI, 1998, p. 87).

Na quarta etapa, questiona-se o horizonte de expectativas, ou seja, comparam-se e discutem-se as leituras realizadas na segunda e na

terceira etapa, conduzindo o aluno a perceber quais textos lidos na etapa da ruptura demandaram-lhe um nível mais alto de análise, possibilitando-lhe mais saberes e expandindo seu horizonte de expectativas.

Tendo percebido que as leituras feitas dizem respeito não só a uma tarefa escolar, mas ao modo como vêem seu mundo, os alunos, nessa fase, tomam consciência das alterações e aquisições, obtidas através da experiência com a literatura. Cotejando seu horizonte inicial de expectativas com os interesses atuais, verificam que suas exigências tornaram-se maiores, bem como sua capacidade de decifrar o que não é conhecido foi aumentada. (AGUIAR; BORDINI, 1998, p. 90-91).

A quinta etapa, ampliação dos horizontes de expectativas, ocorre no momento em que os alunos se conscientizam das mudanças e da ampliação da aprendizagem, da compreensão, do entendimento, do pensamento da percepção e do discernimento, obtidas por meio da experiência com a leitura. A última etapa contempla a ampliação do horizonte de expectativas.

Em vista disso, após o segundo encontro, houve a leitura feita em voz alta do primeiro conto “Os catadores” realizada pela pesquisadora, presente no livro *Caleidoscópio de vidas* (2019), o qual conta a simples realidade de um casal que mora nos arredores de um aterro. Maria e José se sustentavam por meio das coisas que encontravam no meio dos escombros, acompanhados dos urubus que sobrevoavam no céu acima de suas cabeças, porém em determinado momento do conto ocorre algo que revolta não somente as personagens do livro, mas também os discentes que acompanhavam a leitura, pois se tratava da notícia onde

havia sido encontrado o corpo de um bebê morto em meio às ruínas de lixo. Entretanto, antes de ser revelada, é construído todo um mistério em volta da personagem José, levantando várias especulações dos alunos do que poderia ser todo aquele cuidado da personagem ao dar uma revoltante e infeliz notícia à Maria. Então se descobre, posteriormente, o sonho da personagem em ter um filho, mas dadas as atuais circunstâncias, não era possível, já que para criarem um filho precisavam alcançar seus sonhos de construir uma casa de alvenaria, deixando transparecer as esperanças motivadas pelo amor do casal ao final do conto.

A estrutura do conto é colocada de forma poética e abstrata, em sua grande parte é escrito em versos, além de que a cor escolhida para o texto ser vermelha, em que podemos levantar uma hipótese de que a cor está simbolizando: o amor entre o casal; a indignação deles quererem um filho e não conseguirem; porém encontram um morto; o amor que darão ao filho que desejam. Todas as leituras foram feitas em sala de aula pela pesquisadora, mas o texto era projetado, para que os alunos pudessem acompanhar, compartilhando o texto. Pausas previamente planejadas foram feitas e questões de retomada do texto e interpretação foram realizadas.

Na sequência de tal obra, houve a leitura compartilhada do segundo conto “O menino das capas de chuva”, contido no mesmo livro, em que os discentes ficaram curiosos do que poderia ocorrer no excerto. Assim, a história começa com um menino que estava vendendo capas de chuva na véspera de ano novo. O autor até faz menção à obra de Hans Christian Andersen, “A Pequena Vendedora de Fósforos”, mas

infelizmente os educandos ainda não haviam tido contato com esse conto, em vista disso, a pesquisadora proporcionou breve explicação do que a obra se tratava e o contraste do cenário para com “O menino das capas de chuva”, logo despertando o interesse dos alunos. Desse modo, esse conto se trata de um enredo mais leve e envolvente, retratando a realidade do Rio de Janeiro, vista pelos olhos de uma criança em fase de amadurecimento. No decorrer da história, é possível enxergar o apego persistente do menino ao falecido avô, quando em meio ao samba que tocava, o sorvete de groselha que lá vendia, e a queima de diversos fogos de artifício, entre eles o morteiro, várias lembranças do falecido avô lhe surgiam, deixando transparecer a saudade que carregava consigo e o familiar que ainda nele vivia. Em determinados pontos do texto, o autor deixa pistas de que a personagem principal se trata do filho de José e Maria, retratados no primeiro conto. Imediatamente, a empolgação tomou conta dos alunos na sala, pelo casal finalmente ter realizado seus sonhos de terem uma casa e conseqüentemente um filho.

A estrutura do segundo conto é colocada de forma poética e é escrito inteiramente em versos, havendo intertextualidade e metáforas/comparações. Além de que a cor escolhida para a fonte do texto ser roxa, em que podemos levantar, dessa vez, a hipótese de que a cor está simbolizando: a transformação do menino, de que ele está crescendo; a cor também pode estar representando o místico, a espiritualidade que também está presente ao longo da narrativa; muitas vezes a cor roxa é retratada como a cor da melancolia, podendo ter ligação com a saudade que o menino sente do avô.

Ressalta-se aqui que, em todas as leituras de forma compartilhada, a pesquisadora realizou junto das leituras algumas pausas em momentos planejados para questionar os alunos, que, tendo acesso ao texto, por meio da projeção pelo ‘data show’, conseguiram buscar, no mesmo, apoio às suas argumentações.

Portanto, partindo para o terceiro conto “O velho estivador”, foi pedido aos alunos que realizassem a leitura individualmente em casa, como uma tarefa, com o objetivo de instigar ainda mais os leitores e exigir deles uma concentração maior ao realizar a leitura de forma individual. Esse feito é importante para a formação do leitor, bem como Bordini e Aguiar (1998) afirmam:

A tarefa de uma metodologia voltada para o ensino da literatura está em, a partir dessa realidade cheia de contradições, pensar a obra e o leitor e, com base nessa interação, propor meios de ação que coordenem esforços, solidarizem a participação nestes e considerem o principal interessado no processo: o aluno e suas necessidades enquanto leitor, numa sociedade em plena transformação. (BORDINI; AGUIAR, 1998, p. 30).

Entretanto, a leitura individual ocorreu por somente uma parte dos alunos, sendo necessário a realização da leitura em outra aula do projeto, também efetuada em voz alta, uma vez que, o texto nos conta a história de um velho estivador, de um pai, de um viúvo, de um avô, de um homem, sendo esses uma só pessoa: Theo. Então, no decorrer do enredo, o leitor vai acompanhando toda a sua programação de um sábado, seja amanhecendo em sua casa na favela, se divertindo com os amigos em uma roda de samba, tocando o seu cavaquinho no quintal de Dona Mariana, e mais tarde indo visitar seus familiares, tratando-se de

sua filha Maria, seu genro José e o filho deles, seu neto. Portanto, os dois saíram para passar uma tarde juntos, momento de proximidade, quando Theo se via em seu neto, o qual era a sua extensão. O conto termina com o velho estivador indo para casa, sentindo dores de cabeça, mas por ter passado um dia tão leve nem ao menos percebeu que o fim de sua história como homem o esperava na sua chegada.

A estrutura do terceiro conto é colocada ainda de forma poética e é escrito inteiramente em versos, trazendo musicalidade. Além de que a cor escolhida para a fonte do texto ser a verde, tendo como hipótese de essa cor estar associada ao crescimento, nos versos em que o avô compara a sua imagem de quando era menino à imagem do neto; também acalma e traz equilíbrio ao corpo e ao espírito, podemos perceber isso nos versos que descrevem como são os sábados de Theo; seu uso em momentos de tristeza pode ser reconfortante e estimulante, como está presente ao final do conto com a morte do velho estivador.

Diante disso, ao término da leitura compartilhada, os alunos expuseram suas considerações finais sobre suas próprias experiências interpretativas, gerando algumas discussões e explicações sobre os três contos que foram lidos presencialmente e individualmente. Nesse momento, os alunos receberam indicações para refletir a respeito da temática do livro *Caleidoscópio de vidas* (2019), conseguindo interligar os três contos, entendendo por completo o significado do título da obra. Portanto, anteriormente tiveram em mente com o primeiro conto “Os catadores” o amor, os sonhos do casal e a determinação de manterem a esperança mesmo em circunstâncias tão difíceis que se encontravam. Seguindo para o segundo conto “O menino das capas de chuva”, os

alunos acharam o mais agradável entre os três, fazendo com que alguns alunos se identificassem com o cenário de véspera do ano novo, desde as famílias que se reuniam, a comida, as viagens até o contemplar da queima de fogos, ficando livres para compartilhar suas vivências sem fugir do tema. Porém, o terceiro conto não parece tê-los agradado tanto, uma vez que não esperavam pelo seu final, como assim disseram, “triste”, no momento em que a morte da personagem Theo vem à tona no final do conto, justamente pelo neto sentir saudades do avô no segundo conto.

Dessa forma, desenvolveu-se as cinco etapas do método recepcional: Determinação do Horizonte de Expectativas (com as músicas “Pais e filhos”, da banda Legião Urbana e “Joanne” da cantora Lady Gaga); Atendimento do Horizonte de Expectativas (com a leitura do conto “Nova casa”, do livro *A vida naquela hora*); Ruptura do Horizonte de Expectativas (com a leitura do conto “Os catadores”, do livro *Caleidoscópio de vidas*); Questionamento do horizonte de expectativas (com a leitura do conto “O menino das capas de chuva”, do livro *Caleidoscópio de vidas* e a comparação com as leituras anteriores) e Ampliação do horizonte de expectativas (quando os alunos tiveram de ler sozinhos o conto “O velho estivador”). Essas etapas são instrumentos para a realização dessa metodologia, de forma, que o professor deve mediar as leituras e discussões seguindo a linha temática do livro estudado, resultando a ele buscar meios para a ampliação dos conhecimentos prévios do aluno por meio das leituras efetuadas em sala, a fim de manter a sequência da recepção de forma dinâmica.

QUESTIONÁRIO SOBRE OS CONTOS DA OBRA CALEIDOSCÓPIO DE VIDAS (2019): RESULTADOS

Para a aplicação, os questionários foram todos impressos e entregues aos alunos. Todos receberam 3 folhas, sendo que cada uma delas continha um questionário como seu conteúdo, referente aos contos do livro *Caleidoscópio de vidas* (2019), trabalhados anteriormente em sala de aula. O primeiro “Os catadores”, o segundo “O menino das capas de chuva” e o terceiro e último “O velho estivador”. As perguntas exigiam interpretação textual, respostas pessoais, ilustrações e conhecimento básico da Língua Portuguesa dos alunos. Durante a realização dos questionários, a pesquisadora se mostrou aberta a qualquer tipo de dúvidas que poderiam surgir, e então auxiliou a compreensão dos alunos ao responderem as questões.

Com isso, os formulários tiveram um grande número de respostas positivas. Tendo em vista uma visível participação da discussão do livro de João Anzanello Carrascoza nos encontros anteriores, foi possível observar que os discentes tiveram uma boa compreensão sobre as principais informações da leitura, já que somente uma pequena parte não soube muito bem o que responder.

Sendo assim, a aplicação dos questionários evidenciou um fato levantado pelos alunos, de que a introdução de aulas mais interativas, juntamente da prática da leitura compartilhada deveriam ser realizadas com determinada frequência, alegando que o entendimento fica mais fácil quando se dá o espaço para discutirem sobre o texto lido. Isso porque nos encontros de discussão oral houve grande participação e

contribuição dos discentes, o que ocorreu moderadamente nos questionários aplicados, já que o tempo das aulas foi curto para responderem os três formulários devidamente. Entretanto, é notável que as questões teóricas sobre a obra de João Anzanello Carrascoza e os contos lidos não são os fatores principais, pois o interesse dos alunos pelo projeto resultou do espaço que tiveram nos encontros para o debate e a exposição de seus conceitos e percepções de mundo.

Isso apresentou que os alunos carecem do que Bordini e Aguiar (1998) defendem, ou seja, serem ouvidos e entrepostos pelos docentes, a fim de que obtenham uma extrapolação do próprio conhecimento de mundo que possuem, dada a importância da leitura e consequentemente da literatura para a formação do leitor e do ser humano, partindo da premissa de que o ato de ler é uma ação que faz do leitor um sujeito consciente, crítico e emancipado numa dimensão sócio-político-cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Haja vista o contexto, informações e conteúdos supracitados, a pesquisa “A recepção da obra de João Anzanello Carrascoza no Ensino Fundamental II: *Caleidoscópio de vidas* (2019)” e a própria obra *Caleidoscópio de vidas* (2019) proporcionaram a reflexão acerca da utilidade da teoria de Rildo Cosson sobre o *Letramento Literário*: teoria e prática (2006), além da metodologia de Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira Aguiar, em *Literatura – a formação do leitor*: alternativas metodológicas (1998). Nesse ínterim, pode-se concluir que o método

recepional ocasionou um sentimento de disposição no colégio de Paranaíba/PR, onde o projeto de pesquisa fora aplicado presencialmente, utilizando as devidas precauções dado ao período pós pandêmico.

Desse modo, o resultado obtido em relação ao projeto foi muito positivo, pois despertar o interesse e a curiosidade pela leitura do texto literário é um grande desafio para os professores de Língua Portuguesa. Em tempos de variáveis tecnologias, os alunos podem acabar se encantando mais com essas por conta das suas praticidades, do que com a prática de leitura que exige um pouco mais da atenção do leitor, desafiando o trabalho dos professores de Língua Portuguesa. Não há remédio milagroso, mas há diversas metodologias a serem aplicadas, na tentativa de criar um vínculo com essa prática. Por esse motivo é importante ler com e para os alunos, criando um ambiente de cumplicidade para tornar o livro um objeto cotidiano interessante e atrativo.

Portanto, ocorreu o entendimento de que são necessárias etapas para que os alunos recepcionem as leituras das obras de João Anzanello Carraschoza de maneira que as apreciem, as compreendam e se interessem pela literatura. Assim sendo, a pesquisa possibilitou a visão de que os discentes possuem sim o interesse pela leitura, porém ela deve ser estimulada por meio de metodologias adequadas em sala de aula.

Além disso, todas as práticas realizadas aconteceram presencialmente. Assim, mostrando a importância do projeto, já que a cada prática trabalhada, os discentes se tornaram mais participativos e contribuíram acerca da interpretação dos contos e livros de João

Anzanello Carraschoza. Com isso, possibilitou o desenvolvimento da formação de tendência leitora de três nonos anos.

REFERÊNCIAS

- BRÄKLING, Kátia Lomba. **Referencial curricular de Língua Portuguesa**. Versão Preliminar. Colégio Hebraico Brasileiro Renascença. São Paulo (SP); jun/08.
- BRÄKLING, Kátia Lomba. **Sobre a leitura e a formação de leitores**. São Paulo: SEE: Fundação Vanzolini, 2004.
- BORDINI, Maria da Glória e AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto alegre: Ática, 1998.
- CARRASCOZA, João Anzanello. **Caleidoscópio de vidas**. São Paulo: FTD, 2019.
- CARRASCOZA, João Anzanello. **A vida naquela hora**. São Paulo, Scipione, 2019.
- CANDIDO, Antônio. **Direitos humanos e literatura**. In: A.C.R. Fester (Org.) *Direitos humanos E...* Cjp/ Ed. Brasiliense, 1989)
- COSSON, Rildo. **Como criar círculos de leitura na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2021.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIL, Antônio Carlos. **Metodologia do ensino superior**. 4. ed. São Paulo: Alas, 2011.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 6. ed. 3. reimpr. São Paulo: Atlas, 2011

7

A LITERATURA INFANTOJUVENIL E ADULTA DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA: *CAIXA DE BRINQUEDOS* (2017) E *AQUELA ÁGUA TODA* (2012)

*Bruna Vechiatto Cardoso*¹

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente capítulo tem o objetivo de analisar a bibliografia infantojuvenil e adulta do autor paulista João Anzanello Carrascoza, mais precisamente apoiada nos livros *Caixa de brinquedos* (2017) e *Aquela água toda* (2012). Ambas as obras são coletâneas de excelência, sendo o primeiro uma coletânea de 10 contos curtos, os quais retratam, com sensibilidade, as aventuras do mundo infantil, enquanto a segunda obra reúne 11 contos juvenis/adultos, os quais retratam as experiências habituais de vida e as celebram de forma comovente. Assim, as coletâneas são precisamente narradas tornando-as responsáveis pelo êxtase do leitor seja ele infantil ou adulto.

À vista disso, para auxílio e fundamentação da base teórica foram utilizados e contemplados no capítulo em questão os títulos *Crítica, teoria e literatura infantil* (2010) de Peter Hunt e *Sujeito, tempo e espaços ficcionais: introdução à teoria da literatura* (2001) de Luis Alberto de Brandão Santos e Silvana Pessoa de Oliveira. Dessa forma, a primeira obra servirá como a teoria norteadora para a análise de sujeito, tempo e

¹ Graduada em Letras – Português/Inglês (2021), da UNESPAR/Paranavaí e voluntária do PIC (2020-2021)

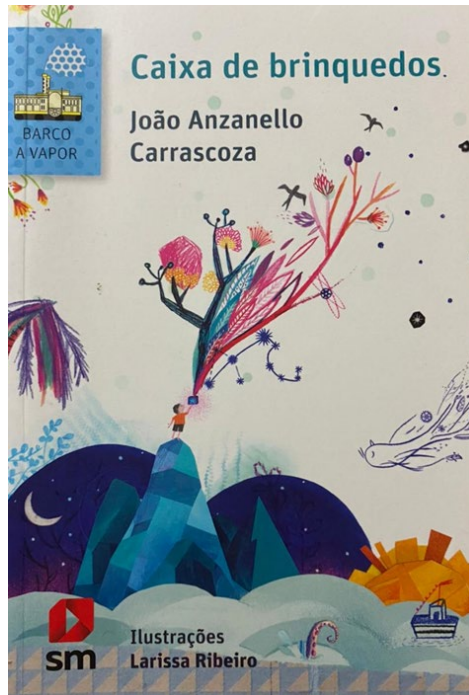
espaço ficcional presente nos referidos contos de Carrascoza. Por conseguinte, o segundo título tratará da crítica literária especializada nos livros para crianças. Além disso, a definição e relevância da literatura infantil são contempladas pelo autor.

Dessa forma, discutir-se-á os vinte e um contos de ambas as obras de maneira a averiguar suas similaridades e/ou diferenças, considerando, para isso, aspectos do texto e de sua produção e os elementos da narrativa (narrador, personagens, tempo, espaço e temática).

Isso porque, diante do exposto, o trabalho visou expandir a pesquisa de iniciação científica que tinha por propósito definir se há uma poética da literatura destinada ao público infantil e juvenil diferente da poética da literatura destinada ao público adulto no escritor contemporâneo João Anzanello Carrascoza.

CAIXA DE BRINQUEDOS (2017)

Caixa de brinquedos (2017) é um dos mais de vinte livros dedicados ao público infantil de autoria de João Anzanello Carrascoza. A obra foi publicada no ano de 2017 pela editora Edições SM e o desempenho visual conta com as ilustrações de Larissa Ribeiro, as quais evidenciam o colorido do mundo da imaginação infantil.

Figura 1- Capa Caixa de brinquedos.

Fonte: Acervo pessoal da autora (2021).

Dessa forma, a coletânea reúne 10 contos curtos e sua temática relaciona-se às aventuras e conflitos do mundo infantil. Assim, o autor retrata, com sua sensibilidade típica, a história do menino que, em uma ida à praia com seus pais, percebe que esqueceu sua caixa de brinquedos em casa, no entanto, ele faz do mar a sua diversão. O referido conto, que nomeia o livro, inclusive, é um dos contos presentes na obra, que demonstram, com uma similaridade poética e doses sentimentais necessárias, a criatividade do universo infantil a fim de superar conflitos e na forma de se relacionar com o universo e com as pessoas.

Posto isso, analisar-se-á os elementos das narrativas de acordo com a ótica de Luis Alberto de Brandão Santos e Silvana Pessoa de Oliveira a fim de averiguar as características literárias do autor em seus livros infantis para então, posteriormente, fazer contrastes com sua escrita juvenil/adulta. Dessa maneira, na obra dos teóricos mencionados anteriormente, encontram-se menções sobre a visão por detrás, a qual está relacionada ao narrador heterodiegético, o mesmo configura-se por utilizar a 3º pessoa e de alguma maneira tem consciência de todos os detalhes das histórias, até mesmo, os sentimentos das personagens. Diante do exposto, acredita-se que ao empregar o narrador com as características supracitadas em sua coletânea, Carrascoza buscava alcançar uma intensificação de saudosismo e provocar reflexões em seu público leitor, pois o fato desse narrador conhecer inclusive o íntimo das personagens resulta em sensação nostálgica como recordações e experiências já conhecidas, resultando em uma maior proximidade entre leitor e personagem.

Além disso, é interessante evidenciar que todas as personagens dos contos são crianças, mais especificamente do gênero masculino, ou seja, meninos que se mostram corajosos ao enfrentar desafios do cotidiano infantil. Inclusive, em uma das histórias intitulada “E vem o sol” tem-se um menino cheio de anseio, pois mudou de casa e, dessa forma, precisou arriscar-se e tentar fazer amizade com seu novo vizinho. Outro importante exemplo, faz-se presente no conto “Receita de mar”, mais uma vez, a criatividade infantil é transbordada ao narrar sobre o menino que com saudades da praia decide “criar” o seu próprio mar com uma bacia de água.

Vale ressaltar, que uma generalização das personagens é imposta durante todo o livro, pois nenhuma denominação faz-se presente, e todos são nomeados “o menino”, isso porque sabe-se que as personagens são seres de ficção e esses, por sua vez, são verbalizados pelo narrador. Ademais, percebe-se também a utilização da expressão “o menino” no início dos contos, no título “Gente estranha”, por exemplo, que retrata as curiosidades do menino em relação às personagens do folclore brasileiro “O menino queria saber: por onde andaria a outra perna do saci-pererê?” (CARRASCOZA, 2017. p. 27). Consequentemente, o mesmo padrão é apresentado no conto seguinte, “Pontos estranhos”, o qual revela as dúvidas e dificuldades do menino em relação à gramática de Língua Portuguesa, “O menino abriu o livro de Português.” (CARRASCOZA, 2017, p. 29).

Como supracitado, o protagonista do gênero masculino faz-se presente na maior parte da obra infantil a partir da década de 90 pois, os diversos autores, inclusive mulheres, emprega-os com o intuito de, segundo a afirmação de João Luís Ceccantini, “[...] tentar ampliar a faixa do possível público leitor.” (2000, p. 342). Além disso, a faixa etária do protagonista também é determinante ao classificar uma obra como infantil.

A existência de personagens do gênero feminino não é extinta durante as histórias, no entanto as mesmas nunca são protagonistas. No conto intitulado “Moinhos de sonhos” tem, logo de início, a menção feminina “a mulher e o menino iam montados no cavalo [...]” (CARRASCOZA, 2017, p. 21), porém apenas mais uma citação referente a

ela é encontrada, pois a mesma não se configura como personagem central da história.

Destaca-se, o conto “Moinhos de sonhos”, pois o mesmo remete à cena de retirantes. A família, em busca de condições melhores, encontra uma aldeia para viver. E lá, o pai vai trabalhar no moinho enquanto a mãe encarrega-se das oliveiras. Alonso, o menino recém-chegado torna-se amigo de Sancho e juntos brincam e descobrem o mesmo sonho. Percebem-se muitas alusões também a *Dom Quixote de la Mancha*, publicado em 1605 por Miguel de Cervantes, os nomes, as aventuras, o moinho, assim como a espada, o escudo de pau de Sancho e o cavalo feito de cabo de vassoura de Alonso.

Dessa maneira, constata-se, de acordo com a fundamentação teórica da pesquisa apresentada, que todas as personagens analisadas são descritas como planas, uma vez que são dependentes da linguagem, sendo o narrador responsável pela autonomia limitada das mesmas. Sabe-se que a visão por detrás, já mencionada e explicada anteriormente, é determinante para assegurar esse aspecto.

No que diz respeito ao tempo ficcional, Carrascoza costuma trabalhar no plano da narração e tem-se os contos de *Caixa de brinquedos* (2017) como exemplo. Dessa forma, o público leitor é capaz de localizar-se temporalmente por meio de palavras e expressão relacionadas ao tempo. Isso se faz precisamente presente no conto “Princípio”. Durante a primeira história do livro, pode-se relatar a sensação de temporalidade por meio do decorrer dos dias da semana, ou seja, a sucessão constitui-se como marcador do tempo ficcional.

Outra exemplificação empregada de forma genial pelo autor presentifica-se no conto “O pássaro que voa pra trás” porque Carrascoza brinca com a temporalidade ao escrever sobre um pássaro incomum, que voa de maneira contrária, logo, vem do futuro. Portanto, a temporalidade constitui-se de maneira invertida, assim nas linhas iniciais tem-se o final da história e vice-versa.

Conforme a ótica de Luis Alberto de Brandão Santos e Silvana Pessoa de Oliveira, o tempo ficcional deve ser analisado juntamente com o espaço ficcional, pois ambos são indissociáveis, a fim de preservar valores pessoais e culturais construídos por meio do juízo das personagens e do próprio autor. Isso porque, uma leitura sem a interpretação supracitada resulta em uma mera “paisagem” sem a representação necessária para compreensão das histórias.

Dessa forma, o espaço ficcional configura-se necessariamente de forma subjetiva. Logo, a construção de uma perspectiva neutra é impossibilitada pois, de maneira inconsciente, a projeção de um valor pessoal elenca-se em tudo que é visto. Sendo assim, uma descrição objetiva da realidade não se faz presente na literatura infantil do autor até porque isso mostra-se impossível. Nesse contexto, o escritor insere seu ponto de vista, objetivando relacionar seus conhecimentos pessoais no tangente à sensação de tempo da história. Tal questão, para ele, resulta na interpretação do leitor, de modo que esse enxergue no enredo a sua própria vivência e que isso se expanda com os elementos literários.

Diante do exposto, ressalta-se a moralidade expressa no conto “Uma mentira”. Na referida história, o protagonista mente para não comparecer à festa de aniversário de seu colega, no entanto, a alergia

torna-se verdade e o mesmo é desmascarado. Nesse contexto, tem-se a possibilidade da simbolização das crenças e valores morais relacionados à mentira, assunto pertinente, dada à faixa etária do público leitor.

Por fim, a última narrativa denominada “Fim”, por sua vez, apresenta o conhecido protagonista, o menino, em meio a um descontentamento em relação à vida, ou melhor, o encerramento dessa. Inconformado com o falecimento de seu cachorro, o menino sai em busca do Tempo a fim de convencê-lo a não passar. Entretanto, o Tempo nega seu pedido e dessa forma o menino compreende que a natureza era essa e tudo chegaria ao seu fim. Logo, o menino amadurece e torna-se homem. O narrador diverte-se ao retratar o tempo a partir dos eventos da vida, resultando, particularmente, no conto de caráter estético mais elevado da coletânea.

AQUELA ÁGUA TODA (2012)

Aquela água toda foi publicada em 2012 pela editora Cosac Naify. A coletânea é composta por onze contos os quais reúnem histórias e experiências do cotidiano, mas com a singularidade literária para torná-los fascinantes. A leitura é indispensável, pois as situações enfrentadas no dia a dia por todos ganham a dose sentimental essencial e de repente, em uma outra perspectiva, tudo faz-se novo e de maneira fascinante.

A princípio, o primeiro conto da obra retrata o enredo que nomeia o livro. Depois de um dia cansativo e ensolarado na praia, o menino adormece no ônibus e não acompanha a descida da família no ponto destinado. Assustado, ele salta do ônibus assim que o motorista o permite

e então a água surge em seus olhos ao ver a família indo ao seu encontro. Narrado em terceira pessoa, o conto relaciona-se com a teoria da visão por detrás defendida por Luis Alberto de Brandão Santos e Silvana Pessoa de Oliveira, ou seja, o narrador define-se como heterodiegético, não se configura como personagem do enredo, mas é conhecedor dos sentimentos, pensamentos e emoções de todas as personagens.

No entanto, diferentemente do que ocorre no livro anteriormente analisado, em alguns contos da coletânea infantil *Caixa de brinquedos* (2017) há a presença do narrador-personagem, o mesmo relaciona-se à “visão com”, encontrada e defendida pelos teóricos estudados. Tal fato é apresentado no segundo conto do livro intitulado “Cristina”. Narrado em primeira pessoa, a perspectiva do protagonista é prestigiada ao vivenciar o primeiro amor com direito a borboletas no estômago que acompanham essa experiência assustadora.

Outro exemplo dessa tipologia narrativa é encontrado no conto “Mundo justo”, história de um menino que julgava e acreditava em um equilíbrio cósmico, ou seja, se algo considerado bom acontece necessariamente algo ruim acontecerá para balancear a vida. Dessa forma, após conquistar a vitória no jogo de basquete que disputava com os colegas, enquanto caminhava para casa, recebeu uma notícia muito ruim equivalente, de maneira contrária, à alegria da sua vitória, comprovando sua crença e teoria.

Além disso, “Chave” é outro título de similaridade narrativa, pois apresenta o narrador autodiegético e a mesma temática trágica. Particularmente, considera-se um dos contos mais fascinantes do autor. “Chave” retrata a infância doce do protagonista e sua pequena

família em uma nova casa, com vizinhos muito amigáveis. No entanto, os momentos felizes do menino viram lembranças saudosas de sua mãe, que falece e, portanto, o menino fecha-se para aquela nova vida, que se apresentava tão agradável, no início.

Além disso, os aspectos narrativos referentes ao tempo e espaço ficcionais discutidos anteriormente são facilmente retratados também nessa obra do autor. Dessa forma, o leitor consegue orientar-se temporalmente por meio de palavras e expressões, as quais juntamente com o envolvimento afetivo da descrição espacial proporcionam a orientação para a compreensão textual apresentada. Isso porque, a perspectiva de espaço configura-se de modo imparcial, os valores individuais agregam e reconfiguram a interpretação de maneira involuntária. “Nossa percepção do espaço físico é, assim, mediada por valores. A literatura é capaz de mostrar que esses valores não são imutáveis, podem ser constantemente repensados e redefinidos”. (BRANDÃO; OLIVEIRA, 2019, p. 69)

Diante do exposto, percebe-se a similaridade narrativa presente nas duas obras analisadas. Além disso, os protagonistas e personagens, de maneira geral apresentam as mesmas semelhanças poéticas e literárias, inclusive a nomenclatura da personagem: “o menino”. Pode-se citar ainda, a identidade temática, ambas as obras ilustram as experiências do cotidiano equivalentes a seu contexto e faixa etária.

Vale ressaltar, o tema familiar tipicamente trabalhado pelo autor em diversos contos analisados. Nesse sentido, destaca-se o conto “Herança”, que exemplifica satisfatoriamente o valor pessoal empregado por Carrascoza ao expor o saudosismo causado pela

distância entre a personagem e seu pai. O mesmo afasta-se da família devido a uma viagem de trabalho e suas filhas, assim como sua esposa, sofrem a sua ausência.

Dessa forma, nota-se que *Aquela água toda* (2017) apresenta cenários e modos de pensar maduros em relação à maneira infantil de enfrentar os desafios do mundo analisados em *Caixa de brinquedos* (2012). No entanto, a dose sentimental implicada pelo fazer poético do autor é apresentada nos dois livros. Logo, ambos são capazes de elevar o público leitor ao estado de *catarse*, misto de sentimentos e emoções despertados por meio de algum texto literário, nesse contexto, a singularidade literária de João Anzanello Carrascoza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolvendo o estudo das obras *Caixa de brinquedos* (2017) e *Aquela água toda* (2012) sob a ótica teórica de Peter Hunt em *Crítica, teoria e literatura infantil* (2010) e de Luis Alberto de Brandão Santos e Silvana Pessoa de Oliveira em *Sujeito, tempo e espaços ficcionais: introdução à teoria da literatura* (2001), considera-se que o objetivo inicial da presente pesquisa foi alcançado, pois os estudos e apontamentos aqui analisados expõem uma linha similar de escrita presentes em ambas obras.

A partir dessa reflexão, pode-se dizer que as narrativas apresentadas nas coletâneas são constituídas, salvo raras exceções, por personagens infantis e juvenis masculinas, as quais enfrentam aventuras do cotidiano de forma cativante. Além disso, o padrão das

perspectivas referentes ao espaço e tempo ficcionais são contextualizados por aspectos relacionados a valores de juízo culturalmente consolidados.

Dessa forma, observa-se o trabalho de Carrascoza ao elaborar uma escrita singular em seus contos, configurando uma atmosfera ampla e que resulta em emoções singulares, saudosismos e provoca reflexões em ambas as faixas etárias. À vista disso, faz-se essencial a leitura das obras de João Anzanello Carrascoza, uma vez que sua literatura proporciona um novo olhar, principalmente, à família e às relações por ela estabelecidas. Inclusive, as experiências, muitas vezes consideradas corriqueiras do dia a dia, tornam-se motivos de fascínio e admiração.

Sendo assim, expõe-se a inexistência de uma poética da literatura infantil e juvenil diferente da poética da literatura destinada ao público adulto. Isso porque, a escrita de Carrascoza não tem uma intencionalidade de público e leitores infantis, juvenis e adultos podem encontrar, nos livros analisados, ambientes análogos aos seus e por meio dessa leitura refletir sobre suas vidas.

Observa-se a sutileza e, ao mesmo tempo, a complexidade apresentada nos dez contos de *Caixa de brinquedos* (2017), juntamente com valores dos elementos narrativos e dos conteúdos por eles retratados que são altamente prestigiados como os grandes livros para adultos. Ao ler as narrativas de Carrascoza, as crianças alcançam e navegam pelo estado mais criativo e diverso de sua própria língua materna. Além disso, nota-se que o autor elabora um grandioso trabalho estético que colabora com o crescimento do leitor.

Portanto, desvalidar a literatura infantil e propagar que suas obras são de baixo valor literário faz-se incoerente e “tanto em termos linguísticos como filosóficos, insustentável” (HUNT, 2010, p. 48). Sendo assim, infere-se, após a leitura e estudo das obras de Carrascoza, a dedicação e o trabalho árduo do autor em elaborar suas narrativas infantis invalidando, mais uma vez, a ausência de destaque e a não valorização da literatura destinada a essa faixa etária. Desse modo, validam-se as afirmações de Marcus Crouch destacadas por Peter Hunt:

Cada vez mais sou da opinião de que não existem livros para criança. Eles são um conceito inventado por motivos comerciais e mantido pela tendência humana de classificar e rotular. O autor honesto [...] escreve o que está dentro de si e precisa sair. Às vezes o que ele escreve terá ressonância nas inclinações e interesses dos jovens, outras vezes não [...] se precisa haver uma classificação, é de livros bons e ruins. (apud HUNT, 2010, p. 74).

Vale destacar que Hunt, em *Crítica, teoria e literatura infantil* (2010, p. 78), relata a complexidade enfrentada por adultos ao abordar e criticar a literatura infantil pois, julgar a partir de incertezas e suposições é mais difícil do que a análise de livro para adultos. Logo, a “literatura infantil” destina-se a ambos os públicos de maneira satisfatória.

Durante a leitura de *Aquela água toda* (2017) e *Caixa de brinquedos* (2017) percebe-se a literariedade e similaridade estrutural e temática, pois Carrascoza não utiliza registros ou aspectos particulares na configuração de seus contos infantis. Dessa forma, o autor utiliza, além do modo prático, o modo estético da literatura, pois defende o contato e apreciação estética desde a infância, tornando-a essencial à sua literatura. Isso porque nas obras analisadas não prevalece a orientação

pedagogizante, mas, ao contrário, o contato com a língua é provocador, crítico, original e prazeroso.

Finalmente, entende-se que mesmo as narrativas infantis serem curtas e prestigiarem intencionalmente personagens crianças o seu estudo e valorização deve ser elevado. Sendo assim, ressalta mais uma vez uma importância das ideias defendidas por Peter Hunt (2010, p. 88) que considera que “não há razão para os livros para crianças ficarem de fora do cânone respeitável ou não serem estudados com o mesmo rigor.”

REFERÊNCIAS

CARRASCOZA, João Anzanello. **Caixa de brinquedos**. São Paulo: Edições SM, 2017.

CARRASCOZA, J. **Aquela água toda**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

CECCANTINI, João Luís Cardoso Tápias. Uma estética da Formação: vinte anos de Literatura juvenil brasileira premiada (1978-1997). **Tese de Doutorado**. Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. Assis, 2000.

CERVANTES, Saveedra, Miguel de. **Dom Quixote de la Mancha**. Tradução de Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

Entrevista com João Anzanello Carrascoza por Andrea Ribeiro. Texto publicado na edição 124. Disponível em: <http://rascunho.com.br/navegacao-sem-rumo/>. Acesso em 29 jul. 2021.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SANTOS, Luis Alberto Brandão & OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. Espaço e literatura. In: **Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

8

A LIRICIZAÇÃO EM QUATRO CONTOS DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA

*Mariana Clara de Lima da Silva*¹

Neste capítulo apresentamos a análise do lirismo presente nos elementos narrativos da prosa do escritor João Anzanello Carrascoza. Para tanto, foram analisados quatro contos da coletânea *Espinhos e Alfinetes*, publicada em 2010. Com essa finalidade em mente, começaremos por trazer algumas discussões sobre a presença do hibridismo em textos literários, assim como algumas definições sobre os gêneros conto e lírico, para depois levantar e investigar a presença lírica dentro dos textos selecionados.

A literatura, sendo uma manifestação artística, é flexível às inovações da mente do artista. Assim, a ideia de gêneros literários “puros”, originada com Aristóteles na Grécia Antiga, cai por terra, mesmo antes da Modernidade, com escritores como Virginia Woolf, Raul Brandão e Clarice Lispector, que misturam em seus textos estruturas tidas como pertencentes a gêneros narrativos e líricos. Da mesma maneira, ao ler os contos de Carrascoza, nos defrontamos com

¹ Graduada em Letras – Português/Inglês (2021), da UNESPAR/Paranavaí e bolsista do PIBIC/CNPQ (2020-2021)

² São três os gêneros tradicionalmente definidos: o lírico, o épico e o dramático. Do lírico temos manifestações artísticas como o poema; do épico o romance, o conto e a novela se destacam. Já o gênero dramático abraça composições do tipo da tragédia e da comédia.

uma estrutura de ficção, mas com uma linguagem mais próxima ao gênero lírico. De acordo com Pascolati (2009, p. 97),

A despeito disso, mestres como Shakespeare (1564-1616) provam que qualidade estética não está subordinada à fidelidade a modelos. O Romantismo, herdeiro das inovações shakespearianas, propala a mistura de gêneros e defende a liberdade de criação literária acima de qualquer modelo, por mais bem-sucedido que seja. Deriva daí uma moderna concepção dos gêneros literários, segundo a qual não há pureza absoluta dos gêneros. Emil Staiger (1975, p. 15) considera o ‘tom’ da obra muitas vezes mais importante do que sua estrutura na determinação do gênero. Para ele, não existe uma obra puramente lírica ou dramática, pois ‘qualquer obra autêntica participa em diferentes graus e modos dos três gêneros literários, e [...] essa diferença de participação vai explicar a grande multiplicidade de tipos já realizados historicamente’.

Desse modo, é importante entender os gêneros como “manifestações em contínuo movimento” (TOFALINI; PRADO, 2012, p. 15), e que, portanto, não há gêneros puros, mas misturados. Dessa forma, não é por menos que a linguagem poética é a escolha de muitos escritores da prosa, pois, a partir da Revolução Industrial e do progresso do capitalismo, o ser humano tem a sua vida completamente transformada. O tempo para o lazer e rodas de conversas se extenuam com as tarefas do trabalho e da casa. O relógio marca o tempo que se deve iniciar e sair do serviço, mas não registra o tempo para a família, para os amigos, para aproveitar a vida. Prazeres que, muitas vezes, são deixados para uma outra hora. E mesmo essa hora não pode ser cronometrada, pois é figurada. Assim, a vida se fragmenta.

Na Modernidade, em que nada é feito para durar, a linguagem lírica parece ser a ideal para refletir essa fragmentação do ser humano. Desse modo, tomando emprestada essa linguagem do subjetivo, Carrascoza escreve uma prosa intimista que não busca focar em contar uma história, mas antes expor a vida de personagens estilhaçados por seus amores, paixões e medos. Percebemos, enfim, que os moldes em que são colocados os gêneros literários não são feitos de aço, mas de material mais flexível. Maria (2004, p. 86) destaca que, “[...] para dar conta de um modo de vida em que as relações entre homens são cortadas por implacáveis relógios-de-ponto e ruidosos apitos de fábrica, só uma arte que tem na descontinuidade seu elemento primordial. [...] Descontinuidade; quebra da seqüência previsível [...]”.

A conceituação de conto, por exemplo, admite duas versões: uma versão popular, de origem oral, e uma versão artística, a que focamos nesse texto. Apesar de modelos não serem úteis, pois limitam algo que não se pode limitar, a arte; o conto literário possui uma feição própria que pode se fazer mais fácil identificá-lo. Sobretudo, é a densidade de sua mensagem que o define, não o número de linhas no papel. Dessa forma, é importante refletir que

[...] porque é criação de um único indivíduo, inscrevendo-se entre realizações artísticas, o conto, tal como o romance e a poesia modernos, é uma forma igualmente aberta a experimentalismos e inovações, ganhando sempre como arte e esgueirando-se, cada vez mais, de concepções fechadas, normativas e estanques. (MARIA, 2004, p. 18).

Estando atentos e atentas ao modo como essas histórias estão sendo contadas, podemos perceber essa fusão entre os gêneros

acontecendo. No entanto, é preciso conhecer os gêneros em suas conceituações para conseguir visualizar esse hibridismo em ação. Portanto, já tendo a noção do conto como narrativa ficcional densa, trataremos agora de definir o lírico.

Assim como o conto, o gênero lírico também nasce na oralidade. Na Antiguidade, o lírico era uma composição acompanhada da flauta ou da lira (daí o nome), marcada “pela musicalidade e pela eliminação do distanciamento entre o eu poético e o objeto cantado.” (SOARES, 2007, p. 24). Ao passar para a forma escrita, o gênero lírico conserva parte desses elementos da oralidade, como o ritmo, a métrica e a rima. Alguns desses elementos é que podemos encontrar na escrita de Carrascoza e que, portanto, nos ajudam a denominá-la como prosa lírica. Ainda, “a mensagem poética, embora possa conter um fato (ou fatos narrativos), busca ainda, às vezes mais do que outra coisa, acionar estados, vivências, ideais, sutilezas.” (CORTEZ; RODRIGUES, 2009, p. 59). Em Carrascoza não são os fatos que movem o leitor para a próxima página, mas sim os quadros domésticos descritos de forma poética e que fazem refletir sobre a fragilidade e a brevidade da vida.

Segundo Antonio Candido, o elemento humanizador é uma das funções da literatura. Para o autor, “ela humaniza, porque faz viver” (2012, p. 85). A literatura feita por Carrascoza não anseia levantar questionamentos de ordem social, mas daquilo mesmo que o viver em sociedade faz ao ser humano. Se nenhum homem é uma ilha, somos submetidos a uma vivência em comunhão. Partilhamos o ar, a água, a sabedoria e também os medos, as culturas, as línguas. É mesmo a partir da linguagem, em todas as formas que ela se manifesta, que nos

expressamos e dizemos quem somos. Desse modo, a leitura dos textos de João Anzanello nos leva a reflexões sobre temáticas como a vida, a dor e a morte. De certo que não há vida sem dor e a morte chega para todos. Assim, não é difícil nos conectarmos com as personagens dessas histórias. Além disso, a poesia não estando necessariamente condicionada ao verso, mas à habilidade de tocar emocionalmente o leitor, é passível de estar presente também na prosa. E é o que encontramos nos contos do autor.

Esse hibridismo fica claro no sentimento que a palavra no papel não esconde em trazer à superfície para o leitor. São metáforas que constroem imagens do mundo interior de cada narrador, de cada personagem. Peguemos emprestado de Soares (2007, p. 28) a resposta para dizer por que o texto em Carrascoza também é lírico: “porque infiltrado pela emoção, porque construído por uma razão apaixonada, que aproxima sujeito e objeto.”

Ainda, segundo Nejar (2011, p. 33):

Para nós, não há fixação de gêneros, com sua clárida ruptura (poesia, romance, ensaio, teatro), o que existe é a habitação da linguagem, e a poesia épica pode ter momentos de alto lirismo e vice-versa. No poema, o trovão e as nascentes se misturam sem choque. O milagre da poesia é a aliança inconciliável – para as leis da física – do fogo e da água. Porque a poesia sabe ser, quando vívida, o fogo da água e a água do fogo.

A teoria, segundo o exposto, admite o hibridismo, e é a partir dela que agora veremos como essa junção de gêneros ocorre. A coletânea *Espinhos e Alfinetes*, publicada em 2010, traz onze contos repletos dessa escrita dos afetos tão característica de Carrascoza. Portanto, a fim de

trazer à luz os elementos que evidenciam o hibridismo desses textos na obra do autor, quatro contos desse livro foram escolhidos para análise, são eles: “Mar”, “Adão”, “Poente” e “Espinhos”. No conto “Espinhos” somos apresentados à história de dois irmãos, um que narra a história e outro que parte muito cedo da vida. “Mar” é o derramar da relação de pai e filho nas linhas do papel. Já “Poente” é um conto sobre marido e esposa despedindo-se da vida de casal e o conto “Adão” nos traz a rotina de um menino que precisa crescer rápido demais, mas, mesmo assim, não deixa de sonhar e imaginar.

Segundo Gancho (1991), são cinco as categorias que constituem a narrativa ficcional: narrador, enredo, tempo, espaço e personagem. Analisaremos abaixo, respectivamente, em cada uma dessas categorias, a “intrusão” do lírico nos textos investigados.

Para começar, todo o texto narrativo precisa de um narrador, pois é ele “o elemento organizador de todos os outros componentes, o intermediário entre o narrador (a história) e o autor, entre o narrado e o leitor.” (GANCHO, 1991, p. 9). Contudo, sendo que o enredo é colocado em segundo plano na prosa lírica, o narrador, dessa forma, é quem assume o papel central de manter a atenção do leitor numa história que não necessariamente precisa contar algo³. De acordo com Tofalini,

[...] a subjetividade e a mundividência do narrador dominam o mundo narrado, que assim aparece intimamente ligado à instância da narração. (GOULART, 1990, p. 35). Dessa forma, o mundo narrado configura-se o

³ Maria (2004, p. 41) diz que com Tchekhov temos histórias que, não mais se passando “do lado de fora” das personagens, passam a se importar também com seus mundos interiores e “o marasmo de consciências entorpecidas pela podridão do tédio”.

mundo do ‘eu’. É que a ótica pela qual o ser percebe o mundo e pensa a existência passa necessariamente por um mergulho na própria interioridade, que funciona como prisma. O discurso, desse modo, não pode deixar de estar completamente impregnado das cores individuais do poeta. (TOFALINI, 2013, p. 105).

No conto Mar, por exemplo, o narrador está em primeira pessoa, o que auxilia nesse mergulho no subjetivo, nesse mundo particular do narrador-poeta. O conto nos introduz a um pai e sua relação com seu filho, que no final do texto, morre afogado. Tomemos o trecho a seguir como ponto de partida:

[...] a água, violenta a água estala, violenta, e a alva espuma avança, a alva espuma avança, glugluglu, e meus olhos ardidos pelo sal, *fecha a boca, pra não engolir água*, e o silêncio agora me sobrevoa, e eu vejo seus lábios fechados, o meu menino, pra sempre, lá no mar, no mar, no fundo de mim, e a outra onda e a outra onda, o sal ardendo meus olhos, o sal, o sal (CARRASCOZA, 2010, p. 41).

Para além do uso de fatores tão presentes nos poemas como a onomatopeia, a repetição e a aliteração; o excerto nos remete à construção utilizada pelo narrador logo no começo do conto, em que ele descreve o movimento das águas, os olhos ardidos pelo sal e os lábios abertos e risonho do “menino”, forma tão carinhosa que nomeia o filho durante todo o texto. Essa retomada do dito, pelo narrador, remete ao leitor duas vivências opostas: a da vida e a da morte. Enquanto símbolo de fertilidade, bênção e vida, a água também é trazida no texto como fonte de morte e destruição (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2001, p. 16). Aliás, essa visão polissêmica da água é abordada em outros textos da

coletânea e também nos contos já mencionados: Poente, Adão e Espinhos. Em Poente, um casal tenta assimilar o fim do casamento e as metáforas com o elemento água permeiam as linhas do conto:

O homem se aproximou da mulher, sorrateiro, igual à maré que às vezes vinha dar a seus pés sem que percebesse. (CARRASCOZA, 2010, p. 27);

O menino, emergido deles. Reconheciam-se nos seus trejeitos; viam-se, sem susto, na cor de seus olhos, no contorno de seu nariz; os cabelos da mulher, o sorriso do homem, em outra vida. Água e areia num inusitado desenho. (CARRASCOZA, 2010, p. 28);

Sabiam, a vida se vivia aos trechos. E para se inteirar dela cada um tinha de conquistar regiões do outro ou entregar as suas. Mas havia a retirada. O perigo de ser só alegria já passara – era sempre efêmero. Agora fluiriam os dias doloridos, e não haveria como deter o seu derrame. (CARRASCOZA, 2010, p. 33).

No conto Espinhos também temos a água como elemento cercado pelos mistérios da morte. Assim sendo, fazendo da água esse elemento criador da vida e da morte, Carrascoza, de maneira muito sutil e particular, infiltra lirismo na narrativa. Desse modo, “a estória que se conta deixa de ter como arcabouço a concretude das ações exteriores, reduzindo-se à superposição de situações psicológicas dos personagens, vagas descrições de tendências e estados de espírito.” (MARIA, 2004, p. 40). O que interessa ao narrador não é descortinar eventos, mas o revelar de suas emoções, aquilo que o prende e o liberta. Portanto, esses elementos da narrativa, como o narrador e o enredo, permanecem, mas metamorfoseados, pois admitem que os elementos próprios do gênero lírico se fundam a eles. O mundo exterior é menos importante do que o mundo interior criado pelo narrador. Não se deixa de narrar uma

história, mas esta é permeada em sua temática, em seu conteúdo e em sua linguagem pela subjetividade da poesia.

Em “Poente”, as palavras, que segundo o que se define por prosa deveriam chegar até o fim da linha, dispõem-se como em um poema:

*Não sei se vou conseguir,
ela disse, a voz estreita,
e o homem,
abatido.
sim,
por não ter evitado com ela o naufrágio e, em luto mais avançado,
areia a secar na ventania,
disse,
Vai. (CARRASCOZA, 2010, p. 32-33).*

Essa escolha do modo gráfico de como as palavras são dispostas, segundo Tofalini, contribui para a classificação da prosa como lírica, pois “a disposição das palavras, no branco do papel, obedece à subjetividade do artista.” (TOFALINI, 2013, p. 99). No conto “Adão”, a opção por manter em versos as letras das músicas cantadas pelo protagonista, além de visualmente remeterem a essa ligação da música com o poema, também garantem ritmo para a leitura, sendo que “o ritmo da prosa, associado ao ritmo das sequências versificadas, confere equilíbrio à frase, o que demonstra, mais uma vez, a hibridez do gênero.” (TOFALINI, 2013, p. 110).

Essa integração de prosa e lírica ocorre de maneira ainda mais subjetiva quando pensamos no elemento do tempo. Isso ocorre, pois vivendo em uma sociedade fragmentada, pós duas guerras mundiais e cada vez mais centrada no individualismo, o tempo cronológico perde

primazia para o tempo psicológico. O rememorar, por exemplo, é importante na escrita de Carrascoza, pois abre espaço para o subjetivo, para revivenciar momentos que foram melhores do que os vividos no presente. É o que ocorre com o menino Adão, do conto de mesmo nome, que recorre às imagens da mãe, quando esta ainda era viva, para conseguir trilhar seu árduo caminho pela vida.

Em casa, à noite, o vozerio no bar de seu Jonas. E o ronco do pai. E a cantoria dos grilos. E o zunir da ventania. E o radinho de pilha que Adão sonhava comprar. A mãe se descolava da palavra mãe e da imagem que, na memória dele, ela era, e, de repente, se materializava ali, viva-mãe. O mais era desolação, até que a madrugada gerasse a manhã. E o sol no rosto. E o cheiro do café. E o pai se indo. (CARRASCOZA, 2010, p. 51).

Rompendo com os moldes tradicionais do tempo nos gêneros narrativos, o tempo na prosa lírica é “marcado pela aparente estaticidade do mundo e da sociedade” (TOFALINI, 2013, p. 108). A linearidade de um tempo cronológico não comporta a presentificação dos textos líricos, pois o tempo é circular, próprio da “condição do homem moderno inscrito na temporalidade histórica e, ao mesmo tempo, revivendo novas formas mitológicas.” (TOFALINI, 2013, p. 108).

No conto “Mar”, essa presentificação é evidenciada pelo uso majoritário dos verbos no tempo presente. O tempo do narrador, desse modo, expande-se e a presença de seu filho também, em uma busca por afastar a morte que, única verdade inevitável, chega para todos, inclusive àqueles a quem amamos e protegemos. Além disso, o tempo verbal no presente do indicativo contribui para o aumento da

veracidade dos fatos, portanto, do elemento de verossimilhança do texto literário:

[...] às minhas costas o alto-mar, de onde as ondas se soltam, *pai, pai*, e vem uma forte e me solavanca, eu em redemoinho, e ele se diverte com meu descuido (CARRASCOZA, 2010, p. 37);

[...] de novo a muralha de água se ergue e, violenta, se desfaz sobre nós, e eu o procuro entre os outros banhistas, nada à vista, nada, e então remiro na mesma direção, e eis que, de repente, seu rosto raia, e eu me reconheço nele, na água que ele é de mim, e o momento me empurra a sorrir, talvez assim ele perceba – e anos mais tarde compreenda – que a felicidade só é felicidade por ser finita [...] (CARRASCOZA, 2010, p. 39).

No mais, a falta de ponto final no conto favorece o fluxo narrativo, mas também essa ideia de que não há realmente um final para aquilo que amamos: “[...] a tranquilidade de ouvir os sons que ele produzia em seu quarto, como se eu não precisasse dele nem ele de mim, fingindo ambos que o mar não tem fim, e o mundo renasce toda manhã,” (CARRASCOZA, 2010, p. 40).

Esse tempo cíclico é o tempo do “retorno à alta voltagem da palavra primitiva, quando a palavra é coisa, e a coisa, palavra viva” (NEJAR, 2011, p. 31). “No princípio era o silêncio dos morros” (CARRASCOZA, 2010, p. 9), e o menino do conto “Espinhas” vê a vida surgindo por meio das lições de seu irmão André, que ensina que primeiro temos de ver tudo de uma vez e só então enxergar as miudezas. O tempo, na prosa lírica, faz o papel de personagem principal.

As palavras no texto híbrido com o lírico são emoção no papel, são poesia que, despreocupadas com o verso, despertam o leitor para o universo interior do narrador. Segundo Carlos Nejar, “[...] a poesia, para

Mallarmé, se faz com palavras, não com ideias: não são palavras sozinhas, são palavras que sonham com outras palavras que fermentam em busca de sentidos” (NEJAR, 2011, p. 29). Nessa direção, Adão também percebe que, quando canta e sente-se melhor de sua solidão, “não era a palavra sozinha que remediava, a palavra-palavra, mas o fato de estar no meio de outras, uma reverberando o eco dessa, e essa daquela, a palavra antes de uma e seguida de outra” (CARRASCOZA, 2010, p. 50). Desse modo, a palavra em Carrascoza é viva, pois ensina sobre a própria vida e remedia a dor. No entanto, a palavra não dita também diz coisas importantes. Entendemos isso quando as personagens desses contos optam por se calarem, por engolirem seu desencanto. Em “Poente”, surge o questionamento do porquê o relacionamento chegou ao fim e é inevitável a conclusão de que a falta de comunicação teve papel importante nisso:

Ela
Você podia ter me falado.
 Ele,
Você também.
 Ela,
Cada um cuidou de si e se esqueceu do outro. (CARRASCOZA, 2010, p. 30).

A fronteira entre um gênero e outro torna-se fluída, mas verificamos traços de um e outro nesses textos e isso, a existência do lírico, no conto, acentua ainda mais a densidade desse gênero de texto.

Para Tofalini e Prado (2012, p. 43-44),

O conto deve produzir impacto no leitor. Por isso, o contista precisa ser objetivo, destacando apenas o que realmente é importante para —marcar o

leitor. Ele deve omitir, expandir contrair e apresentar pontos de vista tanto do narrador quanto das personagens de tal forma que estes não declinem o tema central da composição. Por ser breve, o conto comporta número limitado de personagens, apresentadas rapidamente, de modo monofacetado, ou seja, revelando apenas uma faceta de seu caráter. Não há lugar para detalhamento e aprofundamento das características físicas e psíquicas. Marcado pela objetividade, esse tipo de narrativa exige objetividade por parte do artista. Ele precisa destacar aquilo que de fato é importante para construir o impacto.

Sendo curto, porque denso, e precisando ser objetivo, porque breve, é o lírico, portanto, que traz a magia para o texto, que traz o sensível, o mergulho no psíquico e no sentimental. Assim, sendo objetivo, pois breve, não deixa de ser subjetivo, pois lírico. Com isso não se pretende afirmar que não há subjetividade na prosa, mas que essa é acentuada na combinação de elementos do gênero narrativo com o lírico.

Em “Mar”, como dito anteriormente, não há pontos finais. A vida, desse modo, não é dividida em períodos, é circular e da água que viemos, retornamos também. Não há pausas maiores para tomadas de fôlegos e é como se fluíssemos na vida das personagens como se o tempo não existisse. O que nos traz para a realidade, e que nos lembra de que, afinal, o texto também é ficção, é a própria materialidade da vida que, ofertada por vendedores “Olha o mate gelado!, Vai castanha de caju, doutor? Milho Verde, milho verde” (CARRASCOZA, 2010, p. 37), estampada nas faixas trazidas por aviões “Proteja a sua pele com Sundown” (CARRASCOZA, 2010, p. 37), “Skol, a cerveja que desce redondo” (CARRASCOZA, 2010, p. 39), assim como na placa de “perigo”

(CARRASCOZA, 2010, p. 39), invade os espaços íntimos de pai e filho com a brutalidade da realidade ao nosso redor. Essas interrupções são todas marcadas graficamente por fontes que divergem da usada para o resto do texto. É como a mostra de que não importa o quanto aquele pai ame e proteja seu filho, o mundo é grande e perigoso demais e assim como dá, também tira. A morte precoce do filho é a prova mais cruel disso.

Os elementos da narrativa já mencionados (tempo, enredo, narrador) não são os únicos a sofrerem modificações com a hibridez de gêneros. O espaço, da mesma maneira, também apresenta papel importante na construção das personagens (SOARES, 2007). Segundo Tofalini (2013, p. 109), “o espaço, em conformidade com o lírico, é recriado”, e, de acordo com Frye, “[...] as imagens despertam a criação poética no íntimo do leitor, levando-o a um encontro profundo com a sua própria existência.” (FRYE, 1973, apud TOFALINI, 2013, p. 109).

Dos textos analisados, “Poente” é o único que se passa exclusivamente dentro do ambiente doméstico. O casal discute o fim do relacionamento na sala de estar enquanto do lado de fora o sol se levanta. Esse espaço físico fechado já coloca o leitor dentro da intimidade do casal, de sua casa. E a cada palavra lida adentramos mais profundamente em suas vidas, a ponto de criarmos nossas próprias opiniões sobre o caso: talvez eles pudessem se dar mais uma chance, talvez o amor fosse suficiente, mas é preciso mais que isso para fazer um casamento durar.

Ao contrário de “Poente”, os contos “Espininhos”, “Adão” e “Mar” tomam o espaço externo como cenário para suas narrativas. Em “Espininhos” é o espaço rural, o sítio da família, e é esse ambiente que cria

as possibilidades de as personagens estreitarem laços entre si, pois André, o irmão mais velho, se aproveita desse espaço para ensinar o irmão:

André estava ali para me ajudar. E eu via maior se ele estivesse perto, mesmo no estreito do milharal, quando íamos no lago do São Tomé, as folhagens sufocando o caminho, e, de repente, com sua voz de menos menino, ele dizia *Olha, já tem espiga*, e aí eu a via, no relance da descoberta, e ele, *Puxa pra frente*, me ensinando a colher – a inesperada alegria. (CARRASCOZA, 2010, p. 9).

No conto “Mar” estamos na praia com as personagens. Pai e filho aproveitam o dia de sol e nós estamos juntos deles, mesmo quando o tempo passa e o cabelo do pai fica branco, e quase podemos ouvir o som da voz do menino ao dizer “vamos, pai, vamos” e nos compadecemos ao descobrir que aquela criança risonha jamais voltaria a sorrir novamente.

Em “Adão” temos um menino exposto aos perigos das ruas, pois são nelas que ele passa boa parte de sua infância. O espaço aberto acentua ainda mais a fragilidade dessa vida que mal começou, mas já sabe o significado da palavra sofrimento. Contudo, é esse mesmo espaço que permite o menino sonhar, já que, ao trabalhar como engraxate, ele acaba recebendo pedidos de seus clientes para que cante e ao cantar ele lembra da mãe e lembrando da mãe a dor se mistura com saudade, mas com amor também. Nesses momentos, o lirismo se esparrama no papel.

Agora, com um breve olhar para o elemento “personagem”, trazemos a definição de Gancho (1991, p. 14): “a personagem ou o personagem é um ser fictício que é responsável pelo desempenho do

enredo; em outras palavras, é quem faz a ação.” No entanto, na prosa lírica, “as personagens e as ações perdem a primazia” (TOFALINI, 2013, p. 198), seus contornos se tornam menos sólidos. Assim, as personagens não têm a responsabilidade pelo desenrolar das ações, mas são aquilo que faz despertar a poesia no texto. É a saudade da mãe de Adão, a curiosidade pela vida de André e o irmão, a tristeza pelo fim de um casamento e a dor incomparável de perder um filho amado, que fazem possíveis ao lirismo se aflorar e se esparramar dentro das narrativas de Carrascoza.

Para finalizar, o uso de contos da coletânea *Espinhos e alfinetes* (2010) para esse capítulo serviu de panorama do lírico nos textos de João Anzanello Carrascoza, mas esse estilo de escrita, híbrido do conto e do lírico, também pode ser encontrado em outros textos do autor, como *n’A trilogia do adeus* (2017), em *Diário das coincidências* (2016) e *Aquela água toda* (2012).

Ainda, Carrascoza não esgota sua capacidade de nos emocionar com suas palavras e os contos aqui reunidos são bons exemplos dessa mistura do lírico e do narrativo, o que contribui para o alto teor poético de seus textos. Textos que ora nos levam com suas personagens na busca de si mesmas, ora quebram nossos corações com as partidas inesperadas e o adeus não dito. Dos contos citados, “Mar” talvez se afirme como o mais representativo da hibridez da prosa lírica. Contudo, basta iniciar a leitura de qualquer um dos contos da coletânea para nos depararmos com textos que fazem viver, que procuram alterar nosso estado emotivo ao abordar a vida de personagens como nós: que sofrem, amam, mas também caem e se levantam.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Remate de Males, Campinas,SP, 2012. DOI: 10.20396/remate.v0i0.8635992. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992>. Acesso em: 20 dez.2021.
- CARRASCOZA, João Anzanello. **Espinhos e alfinetes**. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2010.
- CHEVALIER, Jean; CHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 16. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2001.
- CORTEZ, Clarice Zamonaro; RODRIGUES, Milton Hermes. **Operadores de leitura da poesia**. In: BONNICI, Thomas; Lúcia Osana Zolin (org). Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2009. p. 59 - 92.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática,1991.
- MARIA, Luzia de. **O que é conto**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- NEJAR, Carlos. **História da literatura brasileira**: da Carta de Caminha aos contemporâneos. São Paulo: Leya, 2011.
- PASCOLATI, Sonia Aparecida Vido. **Operadores de leitura do texto dramático**. In: BONNICI, Thomas; Lúcia Osana Zolin (org). Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2009. p. 93 - 112.
- SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. São Paulo: Editora Ática, 2007.
- TOFALINI, Luzia Aparecida Berloff; PRADO, Márcio Roberto. **Introdução aos Estudos Literários**. 801. ed. Maringá: EDUEM, 2012.
- TOFALINI, Luzia A. Berloff. **Romance lírico**: o processo de liricização do romance de Raul Brandão. Maringá: Eduem, 2013.

9

O LIRISMO PRESENTE NO CONTO “OS CATADORES”, DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA

Bianca Colombo Zampirolli ¹

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao propor uma pesquisa voltada aos aspectos literários de um texto, grande parte das pessoas, instantaneamente, acreditam que o objeto de estudo se trata de um clássico, seja mundial ou brasileiro. Ainda, caracterizando como princípio atentar-se ao teor lírico da obra, outro senso comum é o de atrelar tal gênero apenas aos escritos do gênero poético. Assim, no intuito de desmistificar esses pensamentos, este texto tem como objetivo analisar a existência do lirismo no conto “Os catadores”, presente no livro *Caleidoscópio de vidas* (2019) do autor contemporâneo João Anzanello Carrascoza. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, amparando-se na concepção teórica dos livros *Gêneros literários* (2007), da estudiosa Angélica Soares e *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas* (2009), livro organizado por Thomas Bonnici e Lúcia Osana Zolin, especialmente os capítulos “Operadores de leitura da narrativa”, escrito por Arnaldo Franco Junior, e “Abordagem Estilística”, escrito por Milton Hermes Rodrigues.

¹ Bolsista do PIBIC/FA (2021-2022)

O enredo do conto “Os catadores” volta-se para um dia na vida do casal José e Maria, moradores de um aterro. Com uma escrita encantadora, emocionante e reflexiva, o autor direciona aqueles que o leem para a tragédia vivenciada pelos protagonistas: foi encontrado no lixão, local de trabalho dos protagonistas, o corpo de uma criança. Dessa maneira, o leitor acompanha José no dilema de contar ou não para a esposa o ocorrido, uma vez que a mulher sonha em engravidar.

Vale mencionar que no próprio texto contido no final do livro intitulado “Carta aos jovens leitores” de Luiz Puntel, menciona-se a importância de entender o hibridismo de gêneros na literatura contemporânea. Assim, as palavras de Puntel ressaltam a poesia expressa no livro e aborda questões as quais comprovam sua visão, mostrando ao leitor a necessidade de atentar-se às minuciosidades da escrita, como recursos extralinguísticos e a simbologia de certos termos.

Queridos jovens, ao término da leitura deste **poético** *Caleidoscópio de vidas* [...].

[...] Na carpintaria da sintaxe narrativa, os escritores contam com **recursos expressivos**, que são tintas **poéticas** com as quais vão **escolhendo palavras**, encaixando-as milimetricamente na pintura textual. (PUNTEL, 2019, p. 66, grifos meus)

ASPECTOS LÍRICOS NO CONTO “OS CATADORES”

Uma das características mais conhecidas de obras líricas é a musicalidade ocorrida devido à escolha de palavras realizadas pelo autor, mas tal recurso deve ser aplicado em vocábulos não só cuja

pronúncia é semelhante ou harmoniosa ao ouvinte. Portanto, a junção das palavras deve transmitir um sentido coerente com os acontecimentos visíveis no contexto narrativo. Isso porque, “[...] no texto **lírico**, os **recursos sonoros** e de **significação** se aliam de tal forma, que se **cria uma unidade**.” (SOARES, 2007, p. 26, grifos meus). Assim, o exposto pela autora é visível em trechos do conto analisado.

[...]

Devia poupá-la, sobretudo pelo seu sonho:
na conversa **diária**,
Maria **rabiscava**,
para os dois,
uma criança. (CARRASCOZA, 2019, p. 09, grifos meus)

Nesse caso, nota-se que não há, propriamente, uma rima, mas palavras cuja pronúncia, por serem ditas com entonação no final, possibilitam um jogo sonoro. Ademais, de forma poética, mostra o planejamento de Maria de ser mãe, apresentando coerência na utilização dos vocábulos naquele contexto. Dessa forma, o autor não escolhe essas palavras a fim de apenas proporcionar uma musicalidade harmoniosa. Ainda, Milton Hermes Rodrigues, outro teórico que também trabalha com essa questão, considera que “a estilística sonora costuma se preocupar no plano mais restrito, com o valor simbólico dos fonemas, e, num plano mais amplo, com o ritmo.” (RODRIGUES, 2009, p. 168).

Há outra passagem na qual, apresentando palavras que juntas formam uma sintonia ao serem pronunciadas sem necessitar de rima, o autor descreve uma cena cotidiana do casal de forma maestral.

Empregando elementos comuns ao leitor, ele relaciona-os no texto como uma maneira de refletir, nas entrelinhas, o estado pensativo de José:

Àquela hora, o casal já havia jantado.
 Maria lavava a louça na bacia com água,
 e José, sentado em um **banquinho**,
 com o prato de **alumínio** na mão,
 mirava, pelo vão entre as **tábuas**,
 - janela provisória -
 as sombras da noite **lá fora**,
 [...] (CARRASCOZA, 2019, p. 08, grifos meus)

Igualmente, em outra cena referente a um ato humano, a leitura também atrai a atenção de quem lê. Isso acontece devido ao aspecto sonoro captado pela leitura das palavras escolhidas por Carrascoza, sem necessitar de muita semelhança na terminação dos vocábulos. Por tal habilidade, o autor demonstra domínio da língua, conduzindo a maneira como o leitor diz cada palavra, mesmo se este estiver em silêncio.

[...]
 Maria, deitada no colchão, **lia**,
 à luz da **mortiça**,
 uma **revista**,
 [...] (CARRASCOZA, 2019, p. 10, grifos meus)

Do mesmo modo, ao ler atentamente esse conto, observa-se o uso de determinados recursos linguísticos no intuito de causar diversas sensações aos leitores, a título de exemplo, cita-se a estratégia da repetição. Vale ressaltar que, em “Os catadores”, é mais perceptível esse

recurso no início do texto, com a transcrição dos substantivos que explicitam os objetos encontrados no aterro sanitário. Com isso, Carrascoza enfatiza termos importantes para inserir no ambiente dos protagonistas aqueles que leem o conto, proporcionando um sentimento angustiante e doloroso.

[...]

latas, plásticos, comida, papel, roupas, vidros, **latas, comida**,
latas, ratos, garrafas, **comida, plásticos**, cascas, miolos,
plásticos, tocos, metais, tudo lambuzado de um mel nauseante
 que escorre pela terra, as mãos catando o que já foi
 descartado [...] (CARRASCOZA, 2019, p. 05, grifos meus)

Sobre o exposto, é interessante que o leitor perceba as nuances subentendidas nas obras a fim de entendê-las em sua plenitude. A respeito da possibilidade da repetição, uma concepção ligada a tal recurso é a abordagem estilística. Isto é, “[...] supõe-se que quem a escolhe possui acuidade e sensibilidade para detectar certas particularidades da língua escrita (semânticas, lexicais, sintáticas, sonoras e morfológicas).” (RODRIGUES, 2009, p. 159). Ainda em tal discussão, é interessante mencionar o efeito na imaginação causada por essa estratégia, completando a visualização da história contada pelo narrador, causando uma ideia de realidade à narrativa.

[...]

De **longe**, muito **longe**,
 vinha um eco de um pagode.
 O volume **aumentou, aumentou**,
 chegou ao auge, tão próximo,
 e, depois, foi **diminuindo**,

diminuindo,

até sumir.

[...] (CARRASCOZA, 2019, p. 10-11, grifos meus)

Atrelando ao que foi mencionado acima, a repetição também traz uma emoção maior ao texto, pois proporciona a impressão de confirmar a mensagem transmitida ou antecipar um momento dramático. Destarte, nota-se essa ideia quando José informa à esposa sobre a tragédia vista anteriormente. Ela, inicialmente esperançosa, mas depois indignada, questiona-o acerca dos detalhes. Nesse momento, Carrascoza cria, por meio da repetição de alguns vocábulos, um momento de tensão.

[...]

E outras perguntas na fila,

[...]

Mas José apenas respondeu

(porque sabia que um **detalhe**, por ser **detalhe**,

extravasa e

supura),

Não sei, não vi, não sei.

E, para não a deixar no desamparo,

[...]

ele disse:

O Mateus, o Mateus que viu primeiro.

Viu e levou para a cooperativa.

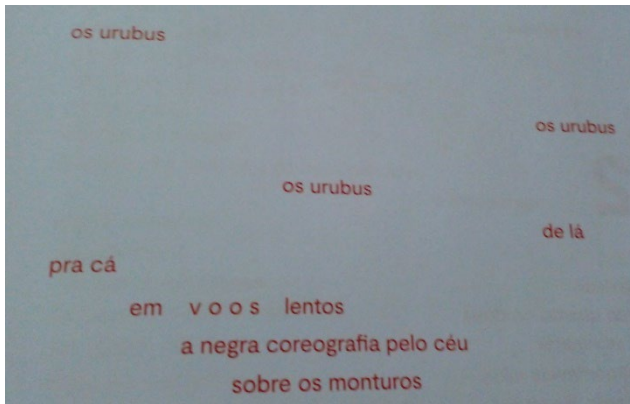
[...] (CARRASCOZA, 2019, p. 12, grifos meus, itálico

do autor)

Outrossim, é de suma importância para enfatizar o entendimento dos aspectos líricos a questão visual do texto. E isso não é uma exceção

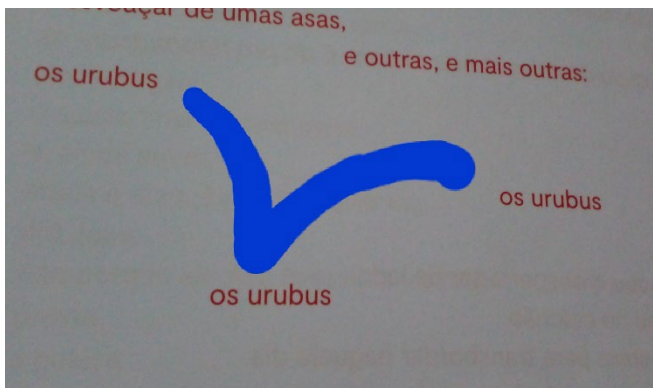
desse conto, porquanto, tanto no início quanto no final, o termo “urubu” foi inserido na página de modo a se assemelhar à ave voando. No início e no final do conto “Os catadores” nota-se que a maneira como as palavras foram inseridas forma o desenho de um pássaro muito visto, principalmente, em pinturas realizadas por crianças.

Imagem 01: Trecho do Conto



Fonte: Arquivo pessoal da autora (CARRASCOZA, 2019, p. 5)

Imagem 02: Desenho formado pela organização das palavras



Fonte: Arquivo pessoal e grifos da autora (CARRASCOZA, 2019, p. 16)

Vale ressaltar que essa característica também é presenciada nos diálogos inseridos no decorrer da narrativa, pois, mesmo estando na modalidade do discurso direto, a diferenciação dele para as demais linhas não ocorre por meio de aspas ou travessão, mas pela mudança na formatação das letras. Tal escolha extralinguística pode parecer desinteressante ao olhar superficialmente para isso. Entretanto, proporciona uma continuidade na leitura, sem a sensação de “quebrar” a intensidade do enredo.

O que foi que aconteceu?, Maria perguntou outra vez.

José abaixou a cabeça e respondeu:

Acharam um bebê!

E, para represar, ao menos por um instante,

o espanto dela,

emendou,

Veio num dos últimos caminhões.

[...] (CARRASCOZA, 2019, p. 11)

A escolha por itálico configura um elemento extralinguístico bem interessante. Segundo Arnaldo Franco Júnior, “a análise interpretativa, por sua vez, volta-se para a compreensão da ordem que preside a organização de tais elementos sob a forma de texto e a história ali narrada.” (FRANCO JUNIOR, 2009, p. 34)

Quando se fala em lirismo, a primeira característica imaginada por uma grande parcela de leitores é a emoção expressa pelo eu-lírico no poema, e pelo narrador, no texto em prosa. Tendo isso em mente, ao ler as obras de João Anzanello Carrascoza, nota-se a habilidade do escritor de descrever as cenas, sejam novidades ou acontecimentos do cotidiano,

de maneira emocionante, rodeando suas palavras com inúmeros sentimentos. No conto em análise, seu estilo proporciona empatia por aquele que lê devido a toda angústia sofrida por José e Maria, aflorando o emocional do leitor.

[...]

Maria suportava as mordidas dos ratos,
os cacos de vidro,
a coceira e a fedentina do lixo,
mas, às vezes,
bastava uma palavra,
e ela com os olhos d'água,
a resistência derretida num segundo.

[...] (CARRASCOZA, 2019, p. 09)

Como cada ser humano possui suas particularidades, deve-se lembrar a influência de tal fato na interpretação do que é lido. Como resultado, Arnaldo Franco Júnior considera que “[...] os efeitos que cada um dos textos suscita no leitor são diferentes, e isso afeta a própria história narrada em cada um deles.” (FRANCO JÚNIOR, 2009, p. 35). Ligado ao sentimento, é interessante mencionar pausas estratégicas encontradas no conto de Carrascoza, pois a atmosfera enigmática criada instiga o leitor a formular hipóteses sobre o psicológico das personagens e sobre a maneira como se sentem naquela situação.

[...]

E estava vivo?, ela perguntou, querendo o milagre.

Não!

Como pode alguém fazer isso?

A gente ainda pensa que já viu tudo ...

[...] (CARRASCOZA, 2019, p. 11-12)

Ao analisar a ambientação da obra, percebem-se críticas acerca de problemáticas sociais presentes em todo o planeta, além da condição desumana que o casal se encontra. É notável a relativização da vida, pois, após José questionar-se sobre a possibilidade de a morte da criança ter espaço para ser informada em um jornal televisivo, conclui que não haveria visibilidade dessa tragédia, por tratar-se de um acontecimento que, para grande parcela da população, não seria relevante. Com isso, o texto possibilita que o leitor questione a ênfase dos fatos televisivos estarem relacionados à sua audiência ao invés de serem escolhidos por sua temática, por envolverem questões de suma importância e que poderiam proporcionar ao telespectador uma reflexão sobre seu próprio meio.

[...]

O som do **Plantão da Globo**

vindo lá do boteco do João.

Só podia ser coisa ruim,

alguma desgraça no Brasil ou pelo mundo.

(José recordou do que se dera, à tarde, no aterro.)

E se aquele som assustava num instante,

no seguinte **o boteco se entupia de gente diante da tevê,**

[...]

Mas Maria foi.

E voltou com a notícia: tsunami no Japão.

Uns dias atrás, o som se repetira:

a morte do doutor Sócrates,

ex-jogador do Corinthians e da seleção brasileira.

Agora, o que seria?

José pensou no que havia acontecido,
 à tarde,
 no aterro.
 Não, **não iria passar na tevê.**
Ninguém ligava para o que acontecia lá,
no lixão da cidade. (CARRASCOZA, 2019, p. 08-09, grifos
 meus)

O texto acima é também responsável por atribuir ao conto “Os catadores” o teor lírico, uma vez que a criticidade está relacionada ao literário, pois existe a “[...] integração entre emoção e o desejo de interpretar o mundo [...] unindo-se, mais nitidamente, o emocional e o reflexivo.” (SOARES, 2007, p. 34). Nesse sentido, deve-se “[...] observar, analisar, interpretar e avaliar criticamente tanto a história que o texto narra como o modo pelo qual o narra.” (FRANCO JUNIOR, 2009, p. 34).

Ao abordar questões voltadas para o sentido, evidencia-se a importância do simbolismo presente em certos vocábulos, termo esse o qual representa “[...] mais do que um simples signo ou sinal, transcende o significado e depende da certa predisposição.” (CHEVALIER, 2001, p. XVIII). Explicando de outra maneira, determinada palavra terá sentidos relacionados ao contexto em que está inserida. Para entender tais elementos, pesquisou-se no livro *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, publicado em 2001.

Assim, destaca-se que a cor escolhida para as letras chama a atenção. Isso porque é de uma tonalidade pouco usual para as letras das páginas de um livro: vermelha. Analisando sob a ótica do senso comum, uma representação de emoções como amor e raiva, pode-se interpretar

como o desejo do casal de ter um filho ou a indignação do ocorrido com a criança. No entanto, de acordo com o dicionário, “Os psicólogos distinguem as cores quentes e as cores frias. As primeiras favorecem os processos de adaptação e de ardor (vermelho, amarelo, laranja) [...]” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 279). Assim sendo, relacionando com o enredo, a cor vermelha pode significar a dificuldade vivenciada pelos protagonistas.

Outrossim, o mais marcante é a figura da morte, esta não personificada, mas pairável na atmosfera da narrativa. Diante do ocorrido, pode-se caracterizar como símbolo do enfraquecimento da esperança, pois a criança é conhecida mundialmente como representante desse sentimento. Entretanto, no caminhar do enredo, Carrascoza mostra ao leitor a importância de mantê-la forte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ler qualquer obra de João Anzanello Carrascoza, nota-se a imensa habilidade deste autor de descrever cenas extremamente emocionantes, sensibilizando e encantando, mesmo ao escrever sobre assuntos trágicos, sem a necessidade de utilizar de violência gráfica para expressar as injustiças cometidas contra suas personagens. Assim, a maneira como conduz a história faz com que o leitor adquira empatia por meio de uma reflexão profunda acerca tanto do contexto sócio-histórico no qual o enredo está inserido, quanto do próprio sentido da vida.

Outrossim, para um indivíduo que não conhece a complexidade da literatura, observar as entrelinhas é um ato difícil e desinteressante,

mas para aqueles já imersos na vastidão literária, buscá-las aprofunda o conhecimento da obra e da própria essência do ser humano. Com isso, percebe-se também a importância da literatura na formação do indivíduo. Por fim, analisando as características visuais, linguísticas e semânticas atribuídas ao conto “Os catadores”, conclui-se que a obra apresenta lirismo em sua composição.

REFERÊNCIAS

- CARRASCOZA, João Anzanello. Os catadores. In: CARRASCOZA, João Anzanello, **Caleidoscópio de vidas**. São Paulo: FTD, 2019. p. 03-16.
- CARRASCOZA, João Anzanello. Quem é João Anzanello Carrascoza. In: CARRASCOZA, João Anzanello, **Caleidoscópio de vidas**. São Paulo: FTD, 2019. p. 70.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- FRANCO JUNIOR, Arnaldo. Operadores de Leitura da Narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. rev. e atual. Maringá: EDUEM, 2009. p. 33-58.
- PUNTEL, Luiz. Carta aos Jovens Leitores. In: CARRASCOZA, João Anzanello. **Caleidoscópio de vidas**. São Paulo: FTD, 2019. p. 66-69.
- RODRIGUES, Milton Hermes. Abordagem Estilística. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). **Teoria literária**: Abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. rev. e atual. Maringá: EDUEM, 2009. p. 159-176.
- SOARES, Angélica. O texto, a teoria. In: SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2007. p. 23-70.
- VICHI, Adriana. Sobre o autor. In: CARRASCOZA, João Anzanello. **Diário das coincidências**. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz s.a., 2016.

10

O TRÁGICO COTIDIANO EM CATÁLOGO DE PERDAS (2017) DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA

João Vítor Librenza ¹

João Anzanello Carrascoza é um autor brasileiro pós-moderno de literatura contemporânea, e apesar de ter mais de 60 obras publicadas, é notável sua preferência pelo gênero conto. Carrascoza é formado em Comunicação Social pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) e hoje leciona na própria universidade como professor de publicidade.

Detentor de diversos prêmios, dentre eles três Jabutis (Por *O volume do silêncio* em 2006, *Aquela água toda* em 2012 e *Caderno de um Ausente* em 2014), quatro Prêmios FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil), Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte, entre outros. Influenciado por autores como Gabriel Garcia Márquez, Graciliano Ramos, Clarice Lispector e Guimarães Rosa, é perceptível que suas influências por autores (principalmente) modernistas acaba por ressaltar suas veredas para o cotidiano, em que o protagonismo advém do corriqueiro quase prosaico, do habitual micro verso de onde seria fácil tirar uma descrição de contexto e acreditar que ela é coerente com alguém que conhecemos na vida real.

¹ Graduando em Letras – Português/Inglês da UNESPAR/Paranavai e bolsista do PIBIC/FA (2022-2023)

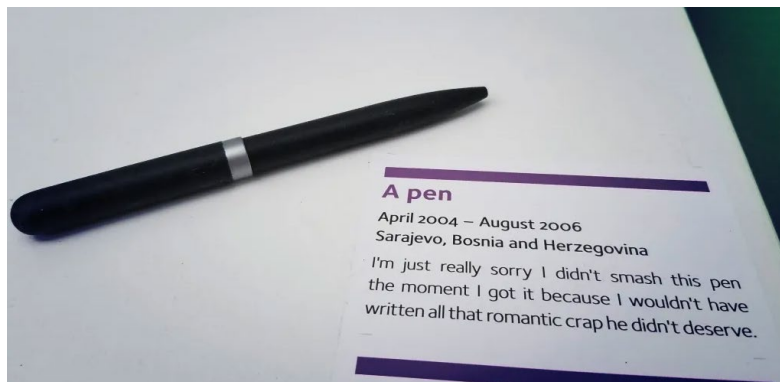
Carrascoza, portanto, busca indubitavelmente nos mostrar um pouco da beleza trivial do mundo real, de personagens consuetos em cenários singelos, como o lixão eterno de *Caleidoscópio de vidas* (2019) ou a vizinhança solene em que o protagonista de *Aos 7 e aos 40* (2013) revisita memórias de sua infância enquanto reflete sua vida adulta. Aqui, não veremos grandes protagonistas heroicos, atravessando indomavelmente as teorias de Joseph Campbell sobre a jornada do herói e seus monomitos, mas sim reflexões sobre a existência, pensamentos que vão e vem em momentos de calma, ou em sua antítese mais direta, em um sofrimento silencioso, não advindo de uma batalha contra o destino, mas sim contra algo mais comum e constante na vida de qualquer ser que seja humano.

Naturalmente, o cotidiano por si não é sempre a calma digna do período árcade, em que há apenas a brisa do dia a dia e da luz do sol debruçada na repetição do mundano, mas Carrascoza se aproveita do que por muitos seria visto como “lugar comum” e nos apresenta o extraordinário no ordinário. O conceito de perda e da tragédia são essenciais para obras como as já citadas, mas ele as expande de forma exponencial no livro de contos *Catálogo de perdas* (2017), onde nos são apresentados 40 contos cujos pilares se baseiam no cotidiano de micro versos familiares e nas perdas dos quais apenas o corriqueiro poderia nos proporcionar.

A obra em questão tem inspiração no agrupamento de histórias reais e objetos do museu croata “Museum of Broken Relationships” (“Museu de Relações Despedaçadas” em tradução literal), onde há diversos objetos cotidianos como livros, garrafas e variados, e ao lado

uma pequena história anônima, acompanhada apenas da cidade e país de origem, contando brevemente sobre a história daquele determinado objeto.

Figura 1: Exemplar do museu.



Fonte: <https://kosovogirltravels.com/visit-museum-of-broken-relationships-kosovo/>

Aqui temos o que poderia ser um microconto trágico sobre um momento ruim. Em tradução livre lemos: “Eu realmente me arrependo de não ter esmagado essa caneta quando eu peguei ela porque assim eu não teria escrito toda aquela porcaria romântica que ele não merecia”. A inspiração de Carrascoza é muito clara quando se coloca lado a lado com o livro em questão, pois acompanhados de todos os contos, há uma fotografia (de Juliana Monteiro) que representa, objetiva ou subjetivamente, o que o conto representa.

Os pilares do cotidiano e do trágico são constantes na obra, mas aqui temos algumas histórias que, por definição, são acontecimentos funestos, terríveis, desgraçados, como bem carrega a definição do dicionário do significado de “tragédia”, mesmo que não seja o que é visto

como uma tragédia clássica, por assim dizer. As histórias são trágicas, mas não são tragédias.

É praticamente impossível tecer qualquer tipo de comentário, formal ou informal, sem fazer uma efêmera citação aos pais da ideia do trágico como um todo: os gregos. Nomes como os de Sófocles e seu “Édipo Rei”, certamente uma das histórias mãe das tragédias familiares, Ésquilo com seu “Agamemnon” e sua regicida e vingativa esposa, e por fim, Eurípides, o último do triunvirato dos grandes autores trágicos da terra da deusa da sabedoria.

Aristóteles, em sua *Poética* (1993), chega a algumas conclusões sobre a tragédia como um todo, conectando-a eternamente à catarse, traçando uma linha direta nas descargas emocionais relativas às situações de grande sofrimento das personagens do gênero. A imitação de ações nobres e completas dizem respeito a figuras de grande elevação, seja ela política ou social, pois estas personagens clássicas sempre se encontram em cenários de garbo de excelência, como grandes reinados que por sua vez são protagonizados por reis e heróis.

Eis aqui, portanto, a base primordial para o nascimento do gênero: a imitação de ações nobres, de personagens de grande elevação, cujos destinos são traçados por divindades, encravando-lhes destinos que os transportam para catárticas e mortais conclusões. Isso tudo, claro, diz respeito aos imortais clássicos gregos: elevados cenários protagonizados por grandes figuras de caráter elevado cuja sorte deu-lhes as costas, levando-os a uma situação catastrófica que, quase sempre, os conduz para um destino cruel. Aqui, a tragédia se define como algo grandioso, repleta das hipérboles que rondavam o teatro e a

poesia grega, na intenção de que as emoções fossem cada vez mais fortes, a ponto que transbordem para o público e para o leitor.

Podemos chegar à conclusão de como os clássicos gregos repousam no circunstancial. Não há o “acaso” na história de Édipo, há na verdade uma decisão muito consciente por parte dos Deuses em tecer o destino do protagonista, do qual ele conscientemente busca fugir, mas é completamente castrado pela fatalidade dos planos divinos. Édipo jamais poderia escapar, pois este é seu (trágico) destino, e por mais que tentasse, seu desígnio era este, sendo, portanto, inevitável, casando-se e consumando sua mãe e assassinando seu pai.

Furtamo-nos de fazer apontamentos teóricos no que se diz respeito às características mais técnicas relativas às características da tragédia como gênero, como a condição inconciliável da peripécia, a passagem do reconhecimento, e até mesmo a quase onipotência do nêmesis, uma vez que essas explanações não se aplicariam tanto ao verdadeiro objetivo deste capítulo, pois esses esclarecimentos giram em torno ainda daquele herói elegante dos mitos gregos. A sequência do enredo trágico são regras seguidas de forma inconsciente, porém bastante sequencial aos enredos clássicos, todavia essas aplicações são trincadas, e recorrentemente descartadas. A própria peripécia diz respeito à inversão de valores em que o herói se encontra batendo de frente com a antítese da qual ele há de enfrentar. Relacionamos imediatamente com “Crachá”, o décimo sétimo conto do livro *Catálogo de perdas* (2017). Ele é narrado em linhas incompletas, quase técnicas, simulando o trabalho de comissário de bordo, profissão da personagem protagonista da pequena história. Não há moralidade que comece ou

termine o conto, na verdade as informações sobre a própria viagem são vagas, quase inexistentes, mas são o suficiente para entendermos um pouco sobre a personagem.

Comissária de bordo. Ela se divertia, usando frases de seu trabalho em nosso dia a dia, até mesmo na cama: Seja bem-vindo. Tripulação, início do abastecimento. Tripulação, fim do abastecimento. [...]. (CARRASCOZA, 2017, p. 38)

E quando o conto se fecha com “Só me restou este crachá. Meu coração em destroços. E o bebê lá no berço – que chora e eu não sei como cuidar”, não vemos moralidade contra moralidade, não observamos um agente que reestabelece a ordem, e para ser justo podemos ver um vestígio do reconhecimento de uma situação, porém que já ocorreu, temos apenas o acaso. Portanto, o caráter trágico aqui não é relativo ao destino, uma maldição dos Deuses, nem sequer são personagens de índole elevada, são apenas pessoas que tiveram azar.

Outro exemplo bastante ilustrativo é o do conto “Cinto”, décimo terceiro conto da obra, que se lê em sua completude: *“O pai. Apesar de morto, odeio-o com a mesma força que ele me punha para andar na linha”*. Aqui, na verdade há uma ausência de elementos como um todo, mas, como um bom microconto, forma uma história completa com começo, meio e final, mantendo seu caráter absolutamente trágico (e cotidiano), mas sem fugir das características principais de sua escrita.

Claro que Carrascoza não é o primeiro autor a descrever o trágico sem as características de um trágico, fora o sentido mais puro da palavra e não como gênero, mas é inegável como sua tragédia é singular

dentro de seu âmbito cotidiano. A essência do trágico gira em torno da impotência do protagonista, do que era chamado de “herói trágico” e aqui é meramente um “protagonista trágico”, antes com sua moral elevada e que fora amaldiçoado por um destino maior que ele. Na contemporaneidade, os deuses são colocados de escanteio e dão lugar a algo muito mais primitivo, mas bem mais cotidiano do que divindades de índole duvidável: o acaso, a sorte e o azar.

O décimo nono conto “Elástico”, por exemplo, conta a história de uma moçoila sem nome que se apaixona por uma personagem sem nome, da qual ambas vivem uma história conturbada, o que para a protagonista poderia ser amor, mas talvez para Marina fosse apenas uma fase. Após várias idas e vindas, de uma hora para a outra, Marina se muda para Barcelona, logo antes de ambas voltarem a ser amantes (pela segunda vez), e isso não era algo a ser antecipado, e muito menos destinado a acontecer, apenas acontece. Dentro de sua simplicidade, pouco diz respeito aos destinos cruéis de nascença de Édipo, por exemplo, pois é uma personagem tão corriqueira que sequer possui nome, sofrendo por um cruel destino simplório (um amor que se vai) que ela jamais poderia antecipar.

Trágico no sentido moderno, não é um conceito estético inventado para analisar um gênero literário específico, mas antes uma categoria metafísica desenvolvida com o objetivo de descrever a condição humana. (MOST, 2001)

O interessante dessas pequenas sutilezas, essas rachaduras relativas ao conceito clássico de “trágico” como gênero, é que a substituição de um “herói trágico” com suas morais inabaláveis se dá

por sujeitos ordinários, com morais dúbias e, às vezes, sequer morais claras. Essa troca torna o trágico bastante subjetivo pois é fácil entender as grandes tragédias gregas e por que elas são gregas, mesmo se contadas de formas resumidas, mas fatos menores como um amor que não se concretizou, ou como por exemplo em “Doce de Leite”, décimo oitavo conto, que relata a história de um casal contada pela perspectiva do homem, que muito apreciava a culinária de sua esposa, que naturalmente era cozinheira. Ele nutria um gosto elevado especialmente para seu doce de leite, que mesmo depois de brigas ela o cozinhava para ele. Após sua morte, por conta de um assalto que ceifou a vida dela, sua memória e lembranças amargam tal qual o doce de leite do qual ele tanto gostava. Pode ser visto de forma metafórica ou literal, e em ambos os casos, é notável como é uma situação que poderia acontecer com pessoas muito próximas de nós.

Isso se estende a vários contos, sempre problemas simples lidados por pessoas mais simples ainda, pois a tragédia tem essa mudança de perspectiva essencial em comparação do clássico com o contemporâneo, diz respeito principalmente a como o público consegue absorver esse distanciamento que o trágico coloca entre o conforto e o desconforto, porém, antes havia uma linha que começava no topo, representando justamente a grandiosidade que girava em torno do “herói trágico” clássico, que vai decaindo conforme a história passa, até que o ponto mais baixo, representando a catarse emocional da história, enquanto hoje essa padronização pode já começar do meio, ou até mesmo do ponto mais baixo possível, em que a personagem começa ruim e termina pior.

Adelaide Caramuru César, professora associada da Universidade Estadual de Londrina (UEL) considera que “O sentido de uma obra de arte trágica é a impotência do indivíduo frente à ordem que o antecede e de cujo valor só ganhará consciência depois de todo o processo a ser experimentado no decorrer da obra”, onde sua argumentação se debruça na ideia de que o percurso do herói, que o colocará em situações que o farão ter opções para escolher, representando uma espécie de ilusão de escolha, e independente do caminho, é uma escolha ruim, dentro do planejamento dos deuses, ainda se fazendo valer pela vontade divina e o destino do protagonista.

A escolha aqui, portanto, tem a intenção de quebrar o herói, tornando-o impotente e cada vez mais miserável, novamente fazendo as morais inalcançáveis e invejáveis do protagonista trincarem mais e mais até serem despedaçadas. Todavia, as personagens de Carrascoza não têm apenas escolhas decisivas, às vezes, como bem vimos em “Elástico” ou “Doce de Leite”, não havia escolha, era tudo meramente circunstancial, e a relação entre a índole destas personagens é praticamente irrelevante, ela não serve para levar a nenhum tipo de catarse emocional ou necessariamente colocar um certo destino maldoso contra a moral dos protagonistas, mas simplesmente tecer um caminho de pessoas normais, vivendo suas vidas e tornando a imprevisibilidade do cotidiano, aproximando muito mais do “trágico” como adjetivo do que como gênero. Não é que certa personagem esteja destinada a morrer em um assalto, ou alguém que é amado por alguém precisa ir embora, ou até mesmo uma criança que perde o próprio balão em um parque de diversões, como é o caso de “Balão”, terceiro conto do

livro, é apenas uma triste coincidência ou causalidade, que poderia ou não ser evitada. Independente do contexto geral, a beleza do todo se encontra no imprevisível do casual, não no fatalismo do destino.

O destino é deixado de escanteio e o foco é no circunstancial, mais principalmente como as personagens vão reagir a certas situações, e aqui provavelmente é quando o livro demonstra mais e mais seu brilhantismo trágico. Essa peculiaridade relativa a como a tragédia principal pode ser tanto relativa ao sofrimento das personagens no ponto mais baixo de seus arcos dramáticos (a *catarse*, por assim dizer) ou no fato de que ela não termina necessariamente muito melhor do que quando começou, o que nos faz chegar à conclusão de que uma tragédia não precisa necessariamente começar no alto e terminar no baixo, como as tragédias gregas, mas sim de vários pontos abaixo do que nós mesmos como leitores, silenciosas testemunhas destas situações mundanas de personagens reconhecíveis, porém distantes, poderíamos suportar.

O circunstancial e a índole afastada dos protagonistas de todas essas histórias, no entanto, mesmo que repletas de tristezas e perdas do, nas palavras de Carrascoza: “imenso museu de dores que é a história da humanidade” (p. 3), algumas possuem uma certa subjetividade relativa ao tamanho da perda em si, como tragédia ou simplesmente como algo meramente melancólico. Os exemplos de “Doce de Leite” e “Elástico” são casos mais frequentes: a perda de alguém querido, o amor perdido; mas há casos que não são necessariamente tão universais no que se diz respeito à tragédia daquela situação específica. Um exemplo já citado anteriormente é de ‘Balão’, cuja mensagem e a tragédia poderia facilmente passar por cima da cabeça de um leitor com menos

experiência de vida ou até mesmo desatendo, ainda que tenha como foco a sensível narração da primeira perda real da vida daquela criança, que recorrentemente perderia mais e mais, a ponto de até se acostumar com o sentimento e se esquecer do balão que perdera, mas que mesmo assim inaugurou esse sentimento que será tão recorrente em sua vida. Essa perspicácia literária torna cada conto uma grande caixa de surpresas, o que o aproxima bastante da definição mais pura de “*catarse*”, pois cada um desses contos traz consigo uma carga fortíssima de sentimentos variados, tanto de temas mais universais, como a morte e a doença, quanto os mais sutis como uma lembrança de tempos passados ou um objeto desaparecido.

“Tragédia” é de fato um termo particularmente vasto, e foi incansavelmente explorado, analisado, dissecado e averiguado pelos mais variados tipos de leitores, escritores e especialistas, mas João Anzanello Carraschoza consegue trazer significados catastróficos para as mais banais das situações, fazendo com que o cotidiano se transforme num desesperador jogo do acaso, em que tudo pode acontecer mesmo que esteja longe de nossas capacidades de nos protegermos ou protegermos o que amamos, ou seja: nós perdemos completamente o controle. E não seria essa a definição mais precisa do que, tanto o gênero quanto o adjetivo “trágico” se tornaram se não o afastamento do ser humano de sua zona de conforto (ou às vezes de um desconforto entorpecido) para estar sempre a um passo de cair num abismo de “acontecimentos que desperta lástima ou horror”. Essa essência particular somada ao brilhantismo cotidiano costumeiro torna tudo bem mais pessoal, mesmo que não vivido pelo leitor, porém ainda assim,

nenhuma situação é inusitada ou esdrúxula o suficiente para não poder acontecer a nós leitores, seja por atos conscientes, ou pior, pelo mais mero acaso.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. e com. de Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1993.

CARRASCOZA, João Anzanello. **Catálogo de perdas**. São Paulo: SESI-SP editora, 2017.

Carrascoza fala da fusão entre palavra e imagem no Londrix. Disponível em <https://londrixliterario.wixsite.com/festivalliterario/post/carrascoza-fala-dafus%C3%A3o-entre-palavra-e-imagem-no-londrix>. Acesso em: 12 jan. 2021.

Entrevista concedida a Amilton Pinheiro: João Anzanello Carrascoza fala sobre sua obra, calcada na descoberta infantil. Disponível em: <<http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/002733291.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2021.

MOST, Glenn. Da tragédia ao trágico - In: Filosofia e Literatura: o trágico, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2001.

11

A RECEPÇÃO DAS OBRAS AOS 7 E AOS 40 (2013) E TRAMAS DE MENINOS (2021) NO ÂMBITO DO “CLUBE DE LEITURA VIRTUAL JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA”

Franciele Ruiz Pasquim ¹

Luciana Ferreira Leal ²

João Pedro Barreto Laurindo ³

INTRODUÇÃO

Este capítulo objetiva apresentar a recepção das obras *Aos 7 aos 40* (2013) e *Tramas de meninos* (2021), feita pelos integrantes do Projeto de Extensão “Clube de Leitura Virtual João Anzanello Carrascoza”⁴, durante as reuniões ocorridas, respectivamente em abril de 2021 e setembro de 2022. Nessas duas reuniões, cada integrante apresentou suas impressões sobre cada um dos livros lidos, destacando trechos e inferências importantes para a compreensão das obras, previamente escolhidas pelas coordenadoras do clube.

O projeto tem como público alvo alunos do curso de Letras da UNESPAR, bem como a comunidade de Paranavaí (PR) e região, além dos

¹ Mestre e doutora em Educação. Professora do Curso de Pedagogia das Faculdades FACCAT/ Tupã/SP e coordenadora do “Clube da Leitura João Anzanello Carrascoza”.

² Mestre, doutora e pós-doutora em Letras. Professora de Literatura de Línguas Portuguesa da UNESPAR (Paranavaí), coordenadora de área do PIBID e orientadora do PIC, PIBIC e PIBEX. Coordenadora do “Clube da Leitura João Anzanello Carrascoza”.

³ Graduando em Letras – Português/Inglês, da UNESPAR /Paranavaí e bolsista do PIBEX/FA (2021-2023)

⁴ Conforme mencionado no primeiro capítulo, o patrono do Clube da Leitura Virtual também é um dos autores lidos pelos integrantes do clube durante a primeira e a segunda edição desse projeto de extensão universitária.

estudantes do curso de Pedagogia da FACCAT, e comunidade de Tupã (SP) e região. O clube apresenta, portanto, o objetivo geral de promover a democratização da literatura e proporcionar a formação de leitores críticos, criativos e sensíveis às formas artísticas e às relações humanas, divulgando obras que tenham beleza estético literárias, tais como as analisadas neste texto.

Neste sentido, o primeiro encontro da primeira edição do Clube, abril de 2021, contemplou a obra *Aos 7 aos 40* (2013) e o último encontro, setembro de 2022, analisou e discutiu a obra *Tramas de meninos* (2021). Por meio dos relatos de leitura dos integrantes, respostas do formulário de presença *on-line* e comentários escritos no *chat*, foi possível compreender como os temas e a estética presentes nos livros foram recebidos por cada integrante, tendo em vista que o clube possui uma abrangência de público bastante diversa, já que alcança os estados de São Paulo e Paraná, além de possuir participantes com diferentes perfis e experiências de leituras.

A primeira obra em questão, *Aos 7 e aos 40* (2013), trata-se do primeiro romance de João Anzanello Carrascoza lido na primeira edição⁵ do Clube de Leitura Virtual, que leva o nome desse escritor paulista. Nessa narrativa, os capítulos são curtos e alternam a voz de dois narradores, um em primeira pessoa, com o texto situado na metade superior da página, quando aos 7 anos de idade, e outro, em terceira

⁵ O Clube da Leitura Virtual iniciou-se no ano de 2021, durante a Pandemia da COVID 19, e tendo em vista a ampliação de sua demanda, as coordenadoras desse projeto de Extensão resolveram fazer uma nova edição do Clube, que foi iniciada em 2022. As reuniões são mensalmente realizadas via *Google Meet* e nelas os participantes compartilham suas experiências e impressões a respeito do livro previamente determinado.

pessoa, texto na metade inferior da página, referente aos 40 anos de idade. Essas duas vozes narrativas fazem referência aos dois momentos distintos na vida do protagonista (infância e maturidade).

Já a segunda obra, *Tramas de meninos* (2021), trata-se do último livro lido e discutido na primeira edição do mesmo Clube. Os catorze contos deste livro se constroem e se difundem como finas tramas da experiência humana, nos quais Carrascoza traz experiências primorosas e inesquecíveis, alegres e tristes, numa composição minuciosa sobre os desejos humanos. Há saudade pelos que se foram, há enfrentamento, há sonhos e abertura para novas perspectivas.

Consoante a isto e observando a heterogeneidade do grupo, tanto geográfica quanto de experiências de leituras, uma vez que o público varia entre acadêmicos e a comunidade em geral, o presente capítulo objetiva apresentar a recepção literária da primeira e da última obra lida pelo Clube: *Aos 7 e aos 40* (2013) e *Tramas de meninos* (2021), do escritor brasileiro João Anzanello Carrascoza.

Nessa perspectiva, a análise tornou-se viável uma vez que em todas as reuniões a presença é computada por meio das respostas de um formulário *on-line* enviado ao fim do encontro. A partir das respostas e da interação dos membros é possível constatar como a obra é recebida por pessoas com diferentes níveis de leitura. Por fim, ressalta-se que, o capítulo organiza-se da seguinte maneira: em primeiro plano apresenta a importância do clube de leitura, logo destaca-se o autor que nomeia o Clube e, em um segundo momento, considera os livros escolhidos e a recepção por parte dos integrantes.

CLUBE DE LEITURA: PELO DIREITO DO LEITOR À LITERATURA

Nas palavras de Antonio Candido (1995), destaca-se a “literatura como um direito humano”, e também como uma necessidade. Nessa perspectiva, a leitura literária “devolve a quota de humanidade”, afinal, a ficção permite sonhar e, portanto, humanizar. Além, é claro, do valor cognitivo que a prática da leitura oferece, tendo em vista que a fabulação sempre habitou o imaginário das civilizações e, tal como ela, formula a identidade de um povo (ECO, 2003).

Diante do exposto, observando a desmotivação dos alunos em relação à leitura literária, as professoras Luciana Ferreira Leal (UNESPAR) e Franciele Pasquim (FACCAT), com o apoio da Companhia das Letras, no primeiro semestre de 2021, organizaram o Projeto de extensão interinstitucional intitulado “Clube de Leitura Virtual João Anzanello Carraschoza”, no qual alunos e comunidade reúnem-se mensalmente para a troca de experiências de leitura. Isto posto, o objetivo principal é democratizar a literatura, além de proporcionar a formação de leitores críticos, criativos e sensíveis às formas artísticas e às relações humanas, tal como afirma Candido.

Segundo Cláudia Rosenberg Aratangy, os clubes de leitura são heranças do pensamento Iluminista do século XVIII. Conforme a autora pondera, a prática surgiu nos Estados Unidos e aparentava como objetivo o encontro de um grupo para a discussão de assuntos relativos à política, filosofia e ética.

No Brasil, entretanto, a autora afirma que a prática só se tornou amplamente difundida quando no ano de 2010, a editora brasileira

Companhia das Letras uniu-se à editora inglesa Penguin. Nesse período, observa-se também uma crescente propagação dos clubes virtuais, por meio de curadorias *on-line* feitas por educadores, pensadores e outros profissionais que se dedicam à arte de compartilhar suas impressões sobre autores pouco ou muito reconhecidos no cenário editorial brasileiro ou estrangeiro. Dessa maneira, contribuem também para o surgimento de fóruns de debates sobre obras literárias de valor cultural, comprovando a importância dos clubes de leitura e

[...] todos os desdobramentos que eles têm lançado vêm criando novas perspectivas de leitura no Brasil. Para aqueles que compreendiam as mídias sociais e as tecnologias como formas de afastamento da leitura, têm-se argumentos contrários consistentes, uma vez que inúmeras plataformas são utilizadas como meios de divulgação, compartilhamento e discussão de leituras (vide perfis em redes sociais, plataformas de vídeos, aplicativos de leitura, para citar alguns). Assim, ler desperta interesse em uma parcela considerável da população brasileira. Talvez os clubes de leitura possam apontar caminhos para se chegar aos diferentes perfis de leitores, além de possibilitar o mapeamento dessas redes de leituras (AGNOL; CECCAGNO, 2021, p. 269)

Nesta ótica, um clube de leitura consiste em reuniões periódicas destinadas à discussão de um mesmo livro previamente escolhido, sob a orientação de um leitor com maior experiência de leitura. Os encontros do “Clube de Leitura Virtual João Anzanello Carrascoza” seguindo esta lógica, são realizados sempre no último sábado do mês, por meio do aplicativo *Google Meet*. O público alvo são alunos do curso de Letras e comunidade de Paranavaí e região e alunos do curso de Pedagogia e comunidade de Tupã e região. Além disso, por conta da

modalidade *on-line*, o projeto abrange, ao todo, dezoito municípios entre Paraná e São Paulo.

No âmbito desse clube, privilegia-se obras literárias com valor estético e cultural, como as que serão aqui analisadas, tendo em vista que essas leituras podem

[...] permit[ir] ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade, sem perder de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação, mas decifra por meio do intelecto. Por isso, trata-se também de uma atividade bastante completa, raramente substituída por outra, mesmo as de ordem existencial. Essas têm seu sentido aumentado, quando contrapostas às vivências transmitidas pelo texto, de modo que o leitor tende a se enriquecer graças ao seu consumo. (ZILBERMAN, 1990, p.19)

Ou seja, o clube incentiva o debate, a interação e a socialização do conhecimento entre os participantes sobre a leitura de obras literárias; cria espaços de compartilhamento de impressões e interpretações; forma mediadores de leitura, já que a maioria dos membros são alunos de licenciaturas; amplia o tempo de leitura e o repertório dos participantes; incentiva o desenvolvimento do prazer pela experiência da leitura; possibilita que cada participante consiga realizar uma leitura de si mesmo e do mundo, a fim de reconstruir e construir lugares próprios, além de criar um espaço virtual destinado à promoção do livro, da leitura e de autores.

JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA: O PUBLICITÁRIO, PROFESSOR, ESCRITOR E POETA

Carrascoza é um nome importante na literatura contemporânea brasileira. Autor de mais de sessenta livros, entre eles romances, contos livros infantojuvenis, as obras de Carrascoza já foram traduzidas para o inglês, francês, italiano, sueco, alemão e espanhol e três vezes foi contemplado com prêmio Jabuti, além dos prêmios da APCA- Associação Paulista de Críticos de Arte, da FNLIJ - Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, e da Fundação Biblioteca Nacional, e recebeu também prêmios internacionais, como o Guimarães Rosa e White Ravens.

O escritor nasceu em Cravinhos, São Paulo, no ano de 1962. Graduiu-se em Publicidade e Propaganda pela Escola de Comunicações e Artes; é mestre e doutor em Ciência da Comunicação pela USP e pós-doutor pela UFRJ; docente da USP e da Escola Superior de Propaganda e Marketing (SP). Publicou seu primeiro livro em 1991, intitulado *As flores do lado de baixo*.

Carrascoza escreveu livros de contos como *Aquela água toda* (2012), *Espinhos e alfinetes* (2010), *Tramas de meninos* (2021) e outros. Traduziu obras estrangeiras como *O livro da selva* (2009), de Rudyard Kipling, *Pollyanna* (2006), de Eleanor Porter e *O médico e o monstro* (2003), de Robert Louis Stevenson. E também é autor de romances como *Aos 7 e aos 40* (2013), objeto desta pesquisa.

A prosa do autor é repleta de lirismo e sutileza, de modo que os acontecimentos tidos como banais e desimportantes tornam-se belos e repletos de poesia, tanto na linguagem empregada quanto na

estruturação propriamente dita, haja vista que alguns textos de caráter narrativo são dispostos em formato de verso. Ou seja, nas obras de Carrascoza há forte emprego de figuras de linguagem e um cuidado especial na escolha das palavras, tal como ocorre na escrita de poemas.

A poesia, entretanto, não se concentra apenas no campo da elaboração do texto, mas também na riqueza com que os temas são tratados. O autor contempla em sua literatura situações relativas ao amor, à morte, à infância, ao núcleo familiar e à amizade. Além, é claro, do “trivial” transformado em arte. Sobre isso, na edição de 2018, publicado pela editora Alfaguara, do livro *Aquela água toda*, o escritor Ronaldo Correia de Brito tece o seguinte comentário inserido na quarta capa: “Carrascoza tem o dom de transformar o cotidiano em uma reflexão sobre a vida” (2018).

Percebe-se, por conseguinte, que apesar de possuir tantas premiações e um número considerável de livros publicados, a obra de João Anzanello muitas vezes não chega às escolas e nem é amplamente conhecida. No entanto, o Clube busca, de certa forma, divulgar a literatura do escritor e assim formar leitores, que por sua vez, também formarão outros leitores.

O ROMANCE AOS 7 E AOS 40 (2013)

Primeiro romance lançado por João Anzanello Carrascoza, *Aos 7 e aos 40* contrapõe a beleza da infância e a dureza da vida adulta. Em entrevista concedida à TV Cultura, Clarice Lispector delimitou que a diferença entre a criança e o adulto se dá sob a perspectiva de que aquela

tem a fantasia solta enquanto este é triste e solitário. Fazendo um paralelo com a obra contemplada pelo Clube de Leitura Virtual, percebe-se que Carrascoza tematiza sua literatura de modo condizente ao que disse a escritora.

O livro narra a história de uma mesma personagem sob aspectos e focos narrativos diferentes, que se alternam em cada capítulo. Aos sete e aos 40 anos de idade. Nos capítulos relativos à infância, a própria personagem assume o papel de narrador e conta as aventuras interioranas de uma criança, isto é, há passagens em que o livro relata brincadeiras e amizades e, em outras, solidariza-se com as dificuldades familiares e até com a morte de um vizinho. O texto, aqui, situa-se na parte superior da página.

Nos que contemplam a vida adulta, por outro lado, a narração é extradieética e o protagonista enfrenta os desafios da vida e o saudosismo pueril. Com características de verso e com o texto localizado na parte inferior da página, a obra apresenta situações como o divórcio, o afastamento do filho e a vivência do real, porém, essas situações são perpassadas por poesia e sutileza. No fim da obra, no capítulo intitulado “Recomeço”, antecedido pelo capítulo “Fim”, relatam momentos do protagonista, aos 40, que volta à cidade em que viveu aos 7.

A obra possui, deste modo, uma atmosfera bastante nostálgica que reverbera no leitor de modo bastante interessante, como constatado pelos dados recolhidos durante o encontro do Clube para a discussão do texto. O formulário disponibilizado na lista de presença apresentou questionamentos a respeito da recepção da obra, sendo as seguintes indagações propostas:

- Sobre a leitura do livro, conseguiu realizá-la integralmente?
- Da leitura do livro de Carrascoza, *Aos 7 e aos 40*, destaco:
- Da discussão de hoje no clube, destaco:
- Você acha que o livro *Aos 7 e aos 40* pode ser lido apenas pelo público adulto? Ou pode ser lido pelo público infantojuvenil também? Por quê?
- Deixe aqui uma mensagem para o escritor João Anzanello Carrascoza.

De acordo com as respostas, foi possível constatar que dentre os 48 presentes, 100% afirmaram ter lido o livro integralmente. Em relação à obra, os integrantes destacaram:

Foi a primeira vez que fiz a releitura de um livro e eu amei. Na primeira vez eu fiquei intrigada com a estrutura do livro, mas na segunda leitura consegui compreender a passagem do tempo. Destaco uma frase que me marcou muito "Reviver? Mas tudo - adianta não admitir? - tudo é viver único, de uma só vez, sem repetição (p. 107)", uma frase verdadeira que muitas vezes não prestamos a atenção, mas o tempo está passando e nada volta como antes! Foi maravilhoso reler o livro, foi uma experiência incrível. (Integrante 1)

Foi uma leitura extremamente tocante em todos os sentidos, pois emana memórias tão bem enterradas dentro do meu ser que eu nem tinha certeza se elas eram reais. (Integrante 2)

A leitura foi muito leve e rápida, gostei bastante da estrutura dos capítulos porque deixou a experiência mais dinâmica e não uma coisa monótona. Enquanto lia, percebi que os capítulos em que ele tinha 7 anos passavam mais rápido, provavelmente pelas "aventuras" que ele tinha, enquanto os dele com 40, por serem mais cotidianos, eram mais lentos de se ler. Também gostei bastante de como ele conecta a infância com a vida adulta, principalmente por meio daquele pressentimento de que algo ruim vai acontecer. O final foi o

momento mais emocionante, quando ele volta para a cidade natal e relembra suas memórias de criança, além do encontro emocionante com seu amigo. O livro foi incrível! Valeu a pena! (Integrante 3)

Observa-se, portanto, que os integrantes destacaram a estruturação dos capítulos e a forma leve que Carraschoza dá à sua literatura, trazendo lembranças e dialogando com o leitor, de modo que os comentários traçados mostram que a recepção do livro pelo Clube foi bastante satisfatória. Sobre a reunião, é possível destacar alguns comentários:

Foi proveitoso, todas as considerações foram boas. Dividir o ponto de vista, me fez relembra alguns momentos da leitura, que talvez não foram tão destacados por mim. (Integrante 4)

Perfeito as diversas óticas sobre o escrito, os contrapontos que nos fizeram repensar nossas certezas. E um adendo, foram as informações técnicas tão importantes que a professora Luciana trouxe ao final. São "detalhes técnicos" que fazem diferença, mesmo para os que não são da área de Letras. (Integrante 5)

O que achei interessante na discussão de hoje foi que a linguagem poética da obra tocou a todos que estavam presentes e que o sentimento de nostalgia durante a leitura mostrou ser praticamente unanime. (Integrante 6)

A respeito dos encontros do Clube, é interessante ressaltar que a heterogeneidade do grupo possibilita que diversos pontos de vista sejam levados em consideração, partindo além da leitura individual e chegando ao debate e à troca de experiências, uma vez que cada leitor possui vivências e saberes diferentes. Em relação ao público infantojuvenil, os participantes afirmaram:

Pode ser lido pelos dois públicos, devido aos dois pontos de vista que o autor destaca na obra. Ou seja, tanto o adulto quanto a criança irão se identificar com a leitura e com os próprios acontecimentos corriqueiros da vida que o autor traz no livro. (Integrante 7)

A leitura não tem idade, porém os sentimentos que ela transmite sim, acredito que o sentimento de nostalgia não cabe ao público infantojuvenil. A leitura pode sim ser feita por esse público, porém a emoção dela talvez não alcance seu ponto máximo com este público. (Integrante 8)

Acredito que o livro *Aos 7 e aos 40* pode e deve ser lido pelo público adulto e infantojuvenil, pois a forma como o autor transforma em poesia acontecimentos cotidianos consegue encantar todos os públicos, além de a linguagem ser bem simples, o que faz com que ninguém tenha dificuldades com a leitura do livro. (Integrante 9)

A pergunta proposta torna-se pertinente uma vez que há obras de Carrascoza que possuem o selo infantojuvenil, o que não é o caso de *Aos 7 e aos 40*. A maioria dos participantes do Clube acreditam que a leitura da obra pode ser realizada amplamente por todas as idades, enquanto outros compartilham do mesmo ponto de vista, mas com ressalvas, já que, tal qual afirmam, os sentimentos aflorados pelo livro seriam mais marcantes em leitores com um certo grau de vivências. Por fim, os participantes deixaram mensagens para o autor:

Gostei muito do livro, pois pude viajar na minha imaginação e refletir sobre quando foi a última vez que realizei as coisas de criança, quando foi que entrei na adolescência, e quando foi que entrei na fase adulta. O livro me trouxe essa questão bem nítida quando terminei de ler. (Integrante 10)

Quanta sensibilidade!!! Para mim, que busquei o Clube de Leitura para ter um momento meu, em meio ao caos de ser profissional, mãe e mulher, foi um presente conhecê-lo por meio de *Aos 7 e aos 40*. Gratidão! (Integrante 11)

Agradeço pela leitura, foi certamente muito tocante em vários sentidos. As memórias infantis em prosa (quase poética) e as memórias adultas como poesia (quase em prosa) mais as quase antíteses dos títulos dos capítulos chamaram bastante minha atenção durante minha leitura. Certamente me lembrarei dele de tempos em tempos, e o revisitarei mais cedo do que imagino, pois é uma leitura que vai se transformando ao longo dos anos, conforme meu tempo na terra fica maior. Assista "*Memórias de Ontem*", me lembrou bastante essa sua obra específica. (Integrante 12)

A partir dos comentários feitos para o autor, é notório como o livro foi muito bem recebido e a leitura tocante e sensível, como afirmaram os leitores e integrantes do clube. Neste sentido, é perceptível que o Clube cumpre com seu objetivo de democratizar o acesso à literatura oportunizando a leitura e o debate de obras de escritores muitas vezes desconhecidos do grande público, mas com profunda qualidade estética e composicional, que podem agradar a todas as idades de uma forma específica e interessante.

OS CONTOS DE TRAMAS DE MENINOS (2021)

Tramas de meninos (2021) é vencedor do Prêmio Fundação Biblioteca Nacional 2021 na categoria "Contos". Trata-se, portanto, de um livro composto por catorze contos, que se constroem e se difundem como finas tramas da experiência humana. Suas personagens (mães, pais e filhos) nos mostram o paradoxo sobre a vida e sobre o que é viver.

Há sempre beleza no “quase, há esperança “na perda” e há certeza do “fim”.

Os contos estão organizados de maneira espelhada, por isso os 7 contos da “**Primeiros Fios**” dialogam e espelham as narrativas dos 7 contos dos “**Segundos Fios**”, mas na ordem inversa. Desse modo, o primeiro conto da primeira parte espelha o último conto da segunda parte - e assim sucessivamente.

Esses acontecimentos do cotidiano revelados por Carrascoza nos mostram a dureza da vida, a realidade tão comum, tão humana. Deve ser por esses motivos que os leitores se identificam tanto com cada um das personagens dos contos, sensibilizando-os de uma forma peculiar e única. Por meio dessa leitura, foi possível perceber e sentir que o “aqui” e o “agora” são tão preciosos e cada vez mais raros, afinal nas palavras de Carrascoza

[...] viver é justamente não esperar, fazer o que se pode para não deixar o tempo passar em vão- embora o tempo se infiltre em qualquer vão, o tempo é igual água de nuvem, em tudo penetra, fundo e silencioso (CARRASCOZA, 2021, p.55).

Dentro dessa trama, há um espaço para que seus leitores reflitam sobre a saudade pelos que se foram, o enfrentamento e o sonhos ainda a serem realizados, dando-lhes uma abertura para novas perspectivas e contribuindo talvez para as transformações de modo de sentir, agir e pensar, como se pode observar a partir da análise do conjunto de impressões feitas durante a reunião do clube ora mencionada. O formulário disponibilizado na lista de presença apresentou

questionamentos a respeito da recepção da obra, sendo as seguintes indagações propostas:

- Destaque algum aspecto que chamou a sua atenção e escolha um conto como seu preferido
- Valeu a pena participar do Clube de Leitura?
- Como você avalia o bate-papo literário com o escritor?

De acordo com as respostas ao formulário, foi possível constatar que dentre os 18 presentes, 81,3% afirmaram ter lido o livro integralmente. Em relação à obra, os integrantes destacaram que o aspecto que mais lhes chamou atenção foi a presença dos sentimentos e emoções humanas ao longo dos contos, em especial aquelas que se referem à efemeridade da vida e sobre viver intensamente o presente, conforme registro de um dos integrantes a seguir.

Uma leitura que toca, que emociona, que é comum com a nossa realidade de sentimentos. Destaco o conto "Pedaços" fiquei encantada de saber que remete aos pedaços de pizza que comeu com seu filho em uma viagem na praia de Trancoso, depois de observar seu filho cortando a pizza diferente dele e comer mais (do) que ele. Nesse momento ele pensou que precisava valorizar momentos como esse (Integrante 16)

Ainda sobre essa ideia de fotografar na memória momentos que não voltam mais, destaca-se o comentário feito por outra integrante do clube, no qual ela se mostra imersa em uma catarse de emoções, quando leu esse livro e a necessidade de compartilhá-lo com outros.

É um livro tocante, que me fez chorar todas as vezes que li. Relata coisas comuns, cotidianas, que as vezes passam batidas e só nos damos conta de

sua profundidade depois de muito tempo, é um livro cheio de sentimentos, saudades, dores, e vida, muita vida, vida de verdade. Julgando pela capa, primeiro achei que fossem contos de infância, ao final da primeira leitura notei que "tramas" seria o sentido do livro, os contos costurados entre si. Mais um livro de contos que não é minha praia, contos não é um gênero que gosto, mas estes que foram escritos de forma a terem algo em comum um conto e outro. Um livro que cheio de sentimentos que ainda durante a pandemia pude compartilhar a leitura dele com idosos de um projeto, que se emocionaram, e se encontraram nos contos. (Integrante 3)

Outro aspecto importante tematizado ao longo dos contos, refere-se à saudade que certas pessoas e certos lugares deixarão. Muitos integrantes relatam a nostalgia de um tempo ainda presente, fazendo com que eles retomem inclusive a importância do afeto, do carinho e do amor que sentem pelos seus entes queridos.

O livro todo me tocou profundamente, porém o primeiro conto que se conectou com o último, me tocou mais ainda pelo fato de eu estar lendo ele ao lado de meus pais, e pensar o quanto eles são importantes pra mim. Ao ler esses contos, eu só pude pensar que o simples fato de estar ao lado deles, era maravilhoso, o amor que sinto por eles me fez chorar lendo as lindas palavras do autor, e só de pensar que um dia não teremos mais uns aos outros, me faz querer valorizar mais ainda o tempo que passo com eles! (Integrante 6)

Diante do exposto, os integrantes nessa ocasião tiveram a oportunidade de avaliarem o bate-papo ocorrido com o escritor Carrascoza, o qual consideraram como um “em encontro muito rico, cheio de emoções”. Acresce-se a esses destaques, os adjetivos “maravilhoso”, “humilde”, “gentil”, “fantástico” e “excelente”, os quais foram atribuídos ao escritor Carrascoza, pela forma como conduziu o

bate-papo e também como apresentou a construção da trama de cada um dos quatorze contos.

Já é a quarta vez que tenho esse privilégio, ouvir ele falar sobre suas criações e inspirações é sensacional. Como ele se atenta aos detalhes, como observa o cotidiano e através disso começa a criar, se preocupa com tudo desde letras, espaços, recuos, tudo pra deixar a leitura mais divertida e interessante. Sua maneira de ver o mundo me encanta, ele enxerga pequenos detalhes nas coisas, através de sua observação começa a ver a necessidade de colocar em forma de narrativa. Posso dizer com toda emoção que é meu autor brasileiro favorito, me apaixonei desde da primeira leitura. Compro seus livros e recomendo, já tenho muitos de seus livros e quero ter todos. (Integrante 16)

Por fim, destaca-se a forma gentil do escritor ao falar sobre seu processo de escrita e suas inspirações, o que motiva ainda mais os integrantes do clube a buscarem mais leituras desse e de outros autores com esse estilo literário. Ao responderem a indagação, valeu a pena participar do clube, eles escreveram o seguinte: muito; sempre vale muito a pena; e com certeza. Afinal, o “clube aquece os corações, abre os olhares, nos enche de alegria, nos ensina a ouvir o olhar do próximo. Muito obrigada, Clube. Mudou meu olhar para a literatura” (Integrante 5).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como norte o pensamento de Antonio Candido (1995), que afirma que a literatura é um direito humano, os clubes de leitura possibilitam que o acesso aos livros seja democratizado, por meio de um espaço de troca, socialização e interação. Isto é, a leitura, seguida pelos

encontros mensais, faz com que a arte conquiste espaços, além de tornar o conhecimento mais amplamente difundido e consequentemente mais emancipatório.

Sabendo disso, percebe-se que o livro *Aos 7 e aos 40* (2013) obteve uma recepção excelente com os integrantes do clube, os quais elogiaram o lirismo nostálgico e as características estruturais da obra. Já com a obra *Tramas de meninos* (2021) foi possível perceber que “viver é justamente não esperar, fazer o que se pode para não deixar o tempo passar em vão- embora o tempo se infiltre em qualquer vão, o tempo é igual água de nuvem, em tudo penetra, fundo e silencioso” (CARRASCOZA, 2021, p.55).

Ou seja, a estética de João Anzanello Carrascoza possui a capacidade de agradar públicos distintos e toca com leveza e poesia em temas complexos, como a separação e a morte, ao mesmo tempo que resgata lembranças da infância. Sendo assim, ao ler as obras de Carrascoza, é possível fazer uma travessia pelo universo trágico e emocionante que são as tramas das relações humanas, desde a infância até fase adulta (sempre em reconstrução).

REFERÊNCIAS

AGNOL, Samira Dall; CECCAGNO, Douglas. Aplicativos de clubes de leitura como mediadores – análise de uma experiência de leitura. **Fragmentum**, Santa Maria, n. 57, p. 255-272, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/download/63436/pdf>. Acesso em: 05 mai. 2023

ARATANGY, Cláudia Rosenberg. A leitura literária faz sentido na faculdade de direito? macklê – uma experiência de clube de leitura. Mackenzie.

CANDIDO, Antonio. A Literatura e a formação do homem. **Ciência e cultura**, São Paulo. v. 9, n. 24, p. 803-809, set. 1972.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CARRASCOZA, João Anzanello. **Tramas de meninos**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2021.

CARRASCOZA, João Anzanello. **Aquela água toda**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.

CARRASCOZA, João Anzanello. **Aos 7 aos 40**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

ECO, Umberto. Sobre algumas funções da literatura. In: **Sobre a literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 9-21.

ZILBERMAN, Regina. O papel da literatura na escola. **Via Atlântica**, n. 14, dez. 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376>. Acesso em: 05 mai. 2023



A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de produção e pesquisa científica/acadêmica das ciências humanas, distribuída exclusivamente sob acesso aberto, com parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil e exterior, assim como monografias, dissertações, teses, tal como coletâneas de grupos de pesquisa e anais de eventos.

Conheça nosso catálogo e siga as nossas páginas nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



www.editorafi.org

contato@editorafi.org